

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

PATRICIA FERREIRA

**ESTUDO SOBRE OS FAXINAIS LAGEADO DE BAIXO E LAGEADO DOS MELLO
– PR: A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO A PARTIR DA ECOLOGIA SOCIAL
COMO SUBSÍDIO PARA UM PROJETO DE TURISMO COMUNITÁRIO**

**PONTA GROSSA
2008**

PATRICIA FERREIRA

**ESTUDO SOBRE OS FAXINAIS LAGEADO DE BAIXO E LAGEADO DOS MELLO
– PR: A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO A PARTIR DA ECOLOGIA SOCIAL
COMO SUBSÍDIO PARA UM PROJETO DE TURISMO COMUNITÁRIO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cicilian Luiza Löwen Sahr

**PONTA GROSSA
2008**

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Processos Técnicos BICEN/UEPG

F383e Ferreira, Patricia
Estudo sobre os Faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello- Pr : a construção de conhecimento a partir da ecologia social como subsídio para um projeto de turismo comunitário./ Patricia Ferreira. Ponta Grossa, 2008.
123f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Cicilian Luiza Löwen Sahr

1.Ecologia social. 2. Comunidades tradicionais. 3. Turismo comunitário. 4. Faxinal – Paraná-Brasil. I. Sahr, Cicilian Luiza Löwen. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. III.T.

CDD: 363.7

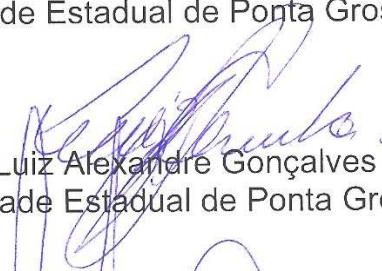
TERMO DE APROVAÇÃO

PATRÍCIA FERREIRA

Um estudo sobre os Faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello-PR: a construção de conhecimento a partir da Ecologia Social para subsidiar um projeto de Turismo Comunitário.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cicilian Luiza Löwen Sahr
Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha
Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof. Dr. Carlos Alberto Cioce Sampaio
Universidade Regional de Blumenau

Dedico aos meus pais Helena e Patrocínio,
ao meu namorado Luís, à minha avó Laura,
à tia Maria, à Érica, à Francisca e à Cláudia.

AGRADECIMENTOS

A CAPES pela bolsa concedida, por meio do Programa de Demanda Social (DS), que proporcionou a realização do mestrado e da pesquisa.

Aos faxinalenses dos faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello pela construção da pesquisa, especialmente a João Sobenko e sua família, Sérgio, Sônia e Cláudio pela atenção e amizade estabelecida durante as visitas e hospedagens na sua residência. E pela experiência de vida que guardo na memória, esperando ter a oportunidade de continuar a trabalhar com os faxinais.

A Cicilian, orientadora e amiga, pela contribuição com conhecimentos, materiais e orientação. Ao seu marido Woody pela colaboração e amizade.

Ao professor Cunha, pelas informações e amizade.

Ao Dr. Sampaio por ter aceitado o convite para participar da minha banca, deslocar-se até Ponta Grossa e pelas contribuições na indicação de bibliografia e informações importantes para pesquisa.

Ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, vinculado a projeto de extensão da UEPG e financiado pelo CNPq e Fundação Araucária, por seu apoio a este trabalho.

A Rede Faxinal Pesquisa pelas informações e amizades.

Ao professor Constantino pela atenção e sugestões.

Ao Jorge pela atenção e empréstimo de materiais bibliográficos, que contribuíram muito para o estudo.

Ao Dejair, funcionário da Prefeitura Municipal de Mallet e amigo, por organizar o meu transporte e facilitar a minha estadia dentro do município.

Ao Mário, também funcionário da mesma prefeitura, pelas informações fornecidas.

Ao Paulinho e a Sandra, da Prefeitura Municipal de Rio Azul, pelo fornecimento de documentos.

A todos que contribuíram para a realização desta pesquisa meus enormes agradecimentos.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	v
LISTA DE QUADROS.....	vi
LISTA DE SIGLAS.....	vii
RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
INTRODUÇÃO.....	1
1 ÁREAS PROTEGIDAS, COMUNIDADES TRADICIONAIS E TURISMO: A BUSCA POR UMA ECOLOGIA SOCIAL.....	4
1.1 CONHECIMENTO TRADICIONAL E CONHECIMENTO CIENTÍFICO.....	4
1.2 AMBIENTALISMO E ECOLOGIA SOCIAL	7
1.3 AMBIENTALISMO, ÁREAS PROTEGIDAS E TURISMO: A BUSCA DA SUSTENTABILIDADE	9
2 COMUNIDADES TRADICIONAIS E FAXINAIS: DISCUSSÃO CONCEITUAL E RECONHECIMENTO.....	16
2.1 FAXINAIS: CARACTERIZAÇÃO E DISCUSSÃO CONCEITUAL.....	16
2.2 COMUNIDADES TRADICIONAIS E FAXINAIS: LEGISLAÇÃO CONSTITUCIONAL E INFRACONSTITUCIONAL.....	19
3 FAXINAIS E TURISMO NO MUNICÍPIO DE MALLET.....	31
3.1 O MUNICÍPIO DE MALLET: CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....	31
3.2 O FAXINAL NO “CIRCUITO POLONÊS-UCRANIANO DE TURISMO RURAL”.....	36
4 FAXINAIS E TURISMO COMUNITÁRIO: POTENCIALIDADES DOS FAXINAIS LAGEADO DE BAIXO E LAGEADO DOS MELLO.....	43
4.1 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE COMO METODOLOGIA.....	43
4.2 HISTÓRICO DAS COMUNIDADES EM ESTUDO.....	50
4.3 OS ESPAÇOS COMUNITÁRIOS E A INTEGRAÇÃO AGROSILVOPASTORIL.....	53
4.4 MUDANÇAS NO AMBIENTE NATURAL E SOCIAL DOS FAXINAIS.....	62
4.4.1 Faxinal Lageado de Baixo.....	63
4.4.2 Faxinal Lageado dos Mello.....	73
4.5 FESTAS RELIGIOSAS E SINCRETISMO	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	109
APÊNDICE.....	117

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Município de Mallet.....	33
Figura 02: Localização do município de Mallet.....	34
Figura 03: Folder do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural” (2003/2004).....	37
Figura 04: Vista do criadouro comunitário do Lageado de Baixo.....	53
Figura 05: Vista das terras de plantar do Lageado de Baixo.....	55
Figura 06: Mapa de uso da terra do Faxinal Lageado de Baixo.....	64
Figura 07: Gráfico de uso da terra do Faxinal Lageado de Baixo.....	65
Figura 08: Cercado para segurar a criação.....	69
Figura 09: Complementação alimentar 1.....	70
Figura 10: Complementação alimentar 2.....	70
Figura 11: Inauguração da Associação União Agrícola Instrutiva.....	71
Figura 12: Associação União Agrícola Instrutiva do Lageado de Baixo, à esquerda, e escola municipal, à direita.....	72
Figura 13: Capela Ucrânia Nossa Senhora Rainha da Paz.....	72
Figura 14: Mapa de uso da terra do Faxinal Lageado dos Mello.....	74
Figura 15: Gráfico de uso da terra do Faxinal Lageado dos Mello.....	77
Figura 16: Vista da empresa Popasa.....	80
Figura 17: Capela de São João Batista.....	81
Figura 18: “Bodega” de Osvaldo Sotoscki	82
Figura 19: Vista do interior da Capela Nossa Senhora Rainha da Paz.....	88
Figura 20: “Plastchanytsia”.....	88
Figura 21: Procissão da Sexta-Feira Santa.....	91
Figura 22: Indo de joelhos beijar a “Plastchanytsia”.....	92
Figura 23: Simulando beijar o chão.....	93
Figura 24: Bênção dos alimentos.....	94
Figura 25: Cesta de alimento, para o desjejum do domingo, de manhã.....	94
Figura 26: Missa do Domingo de Páscoa.....	96
Figura 27: Imagem de São Nicolau.....	97
Figura 28: O “didukc”, na casa da família Firman.....	99
Figura 29: Mesa da ceia, com os 12 pratos.....	100
Figura 30: Ceia da família Sobenko.....	101
Figura 31: Liturgia de Natal	102
Figura 32: Presépio, na Capela Nossa Senhora Rainha da Paz.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Elementos de auto-identificação dos faxinalenses como povos tradicionais.....	18
Quadro 02: Segmentos turísticos do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”.....	38
Quadro 03: Atrativos naturais do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”.....	39
Quadro 04: Atrativos culturais do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”.....	40
Quadro 05: Propriedades que possuem estufas de fumo no mapa de uso da terra do Lageado de Baixo.....	65
Quadro 06: Propriedades que não possuem estufas de fumo no mapa de uso da terra do Lageado de Baixo	65
Quadro 07: Componentes das famílias do Faxinal Lageado de Baixo – 1999.....	66
Quadro 08: Propriedades das famílias no mapa de uso da terra do Lageado dos Mello.....	75
Quadro 09: Propriedades que possuem estufas de fumo no mapa de uso da terra do Lageado dos Mello.....	76
Quadro 10: Propriedades que não possuem estufas de fumo no mapa de uso da terra do Lageado dos Mello.....	76

LISTA DE SIGLAS

ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
AGRECO	Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral
APA	Área de Proteção Ambiental
ARESUR	Áreas Especiais de Uso Regulamentado
ASPECTUR	Associação Pataxó de Ecoturismo
CDB	Convenção sobre a Diversidade Biológica
CEUC	Cadastro Estadual de Unidades de Conservação
CNPT	Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais
CNPCT	Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
COP 8	8ª Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica
CPT	Comissão Pastoral da Terra
DERAL	Departamento de Economia Rural
EMATER	Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
GPS	Sistema de Posicionamento Global
IAP	Instituto Ambiental do Paraná
IAPAR	Instituto Agrônômico do Paraná
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IIEP	Instituto Equipe de Educadores Populares
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ING	Instituto os Guardiões da Natureza
ITCG	Instituto de Terras, Cartografia e Geociências

OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONGs	Organizações não-governamentais
PIB	Produto Interno Bruto
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
PT	Partido dos Trabalhadores
RDS	Reserva de Desenvolvimento Sustentável
RESEX	Reserva Extrativista
RPB	Registros Participativos da Biodiversidade
SENAR	Serviço de Aprendizado Rural
SANEPAR	Companhia de Saneamento do Paraná
SEMA	Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos
SEAB	Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste

RESUMO

A diversidade ambiental e cultural possui um valor intrínseco, independente de sua utilidade em nossa cultura urbano-industrial globalizada. Para o enfrentamento da crise socioambiental mundial é importante o aprendizado sobre racionalidades e modos de vida mais sustentáveis em relação à natureza, como é o caso dos povos tradicionais. Um aprendizado mútuo entre os detentores do conhecimento tradicional e do conhecimento científico, pode levar a uma melhoria da qualidade de vida das comunidades tradicionais e evitar que a sua inserção na economia de mercado leve à degradação dessa diversidade. Trata-se, portanto, da busca por uma ecologia social. Este estudo buscou avaliar o turismo comunitário como meio de contribuir para a conservação cultural e melhoria da qualidade de vida dos povos tradicionais, bem como para a manutenção da biodiversidade de seus territórios. Utilizou-se como referência os povos e terras de faxinais do Paraná. Através de observação participante e entrevistas não-estruturadas nas comunidades dos Faxinais Lageado de Baixo, no município de Mallet, e Lageado dos Mello, no município de Rio Azul, buscou-se fugir da imposição da realidade do pesquisador sobre a análise. Os faxinais possuem vários recursos para o desenvolvimento da atividade turística: passear pelas estradas internas; observar as propriedades, a vegetação e os animais; ouvir sobre sua história; observar o modo de vida diferenciado dos faxinalenses; entre outros. Acredita-se que o turismo comunitário, enquanto instrumento de aprendizado entre visitantes e povos tradicionais, pode ser considerado como um dos caminhos para a preservação dos faxinais do Paraná.

Palavras-chave: Ecologia social, comunidades tradicionais, turismo comunitário, Faxinal, Paraná, Brasil

ABSTRACT

Environmental and cultural diversity represents an intrinsic value for itself, independently from its incorporation into a globalized urban-industrial culture. To counter the actual global socio-environmental crisis, it is important to better understand the rationalities and lifestyle modes which are closer to a sustainable dealing with nature, as it is, for example, the case of traditional societies. A two-sided learning process between proprietors of traditional knowledge and of scientific knowledge can lead to the improvement of life quality in traditional communities and can help to avoid that the incorporation of these communities into the market economy causes the degradation of its diversity. In this sense, we are on the search for a social ecology. This research evaluates communitarian tourism as a means to contribute to cultural conservation and the improvement of life quality of traditional societies, as well as the stabilization of biodiversity in its territories. It refers to the people and land properties of Faxinal communities in Paraná. It tries to avoid an imposition of the researcher's perspective throughout the analysis by using methods of participant observation and unstructured interviews in the communities of "Lageado de Baixo", located in the municipality of Mallet, and "Lageado de Mello", in the municipality of Rio Azul. These Faxinais dispose of various resources to develop tourist activities, among others: extensive walks on the interior tracks of the Faxinais, bird and animal watching, contemplation of landscape and vegetation, listening to the narratives of the local population, observation of their differentiated lifestyles. As such, communitarian tourism is considered a tool of a two-side learning experience between visitors and traditional communities and, therefore, can be regarded as a means to preserve the Faxinais of Paraná.

Keywords: Social ecology, traditional communities, communitarian tourism, Faxinal, Paraná, Brazil

INTRODUÇÃO

A crise socioambiental mundial, bem como a globalização cultural e econômica, são temas atualmente bastante propalados na mídia. Entre as formas de enfrentamento dessas duas questões estão a mudança de pensamento e comportamento em relação à natureza e a valorização das especificidades locais e das culturas tradicionais. Nesse contexto, um exemplo referencial são os povos tradicionais, que manejam ou manejavam sustentavelmente o ambiente, com um estilo de vida e uma racionalidade diferenciada.

Muitas comunidades tradicionais foram expulsas de seus territórios, seja pela expansão da agricultura modernizada, seja pela expansão do processo de urbanização, ou até mesmo, para implantação de áreas protegidas pelos governos. Essa expulsão impactou sua cultura e aumentou os problemas sociais existentes nos países periféricos. Em vários casos teve-se ainda o aumento da degradação da biodiversidade pela importação de um modelo de área protegida inadequado à realidade desses países.

Para evitar que povos tradicionais fiquem dependentes de políticas assistencialistas, é preciso uma parceria entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico, para a reflexão sobre o planejamento e gestão participativos de atividades econômicas sustentáveis, como o turismo comunitário, a agroecologia, o manejo de árvores nativas e ervas medicinais, o artesanato, entre outros. É preciso ainda evitar que a sua inserção na economia de mercado e a conseqüente autonomia econômica leve, novamente, a degradação de práticas, conhecimentos tradicionais e biodiversidade.

Dessa forma, essa pesquisa tem por objetivo a construção de conhecimento sobre os faxinais a partir da ecologia social. Busca-se com isto fornecer subsídios para viabilização futura de projetos turísticos comunitários voltados a essa população tradicional. Acredita-se que o turismo comunitário pode vir a contribuir para a conservação cultural e melhoria da qualidade de vida dos povos tradicionais, bem como para a manutenção da biodiversidade de seus territórios. Utiliza-se como referência os faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello.

Hoje, aproximadamente 44 faxinais conservam o “sistema de criadouro comunitário e/ou o uso coletivo das terras” com alguma atividade produtiva como as pastagens. Até 1994, existiam no Paraná 152 faxinais. Entre 1994 e 2004, 52 deles

perderam totalmente as características desse sistema e cerca de 56 mantêm algumas características, como a paisagem de Mata de Araucárias, já tendo desagregado as relações sociais típicas deste sistema. (MARQUES, 2004, p. 9-15)

O Faxinal Lageado de Baixo localiza-se no município paranaense de Mallet. Este município desenvolveu um “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural” que incorpora diferentes atrativos culturais e naturais, entre eles o referido faxinal. Assim, a escolha dessa comunidade para o estudo proposto deu-se por se tratar de um faxinal já integrado a uma proposta de turismo, mesmo que de maneira ainda frágil. Habitado por faxinalenses ucraninos, desde a década de 1920 foi gradativamente incorporando elementos caboclos do vizinho Faxinal Lageado dos Mello. Esses dois faxinais, que apresentam contigüidade espacial, possuem elementos históricos comuns, o que levou a pesquisa a estender-se a ambos.

O Faxinal Lageado de Baixo e o Faxinal Lageado dos Mello, este no município de Rio Azul, são dois faxinais que vêm resistindo no tempo às diversas pressões que atuaram e atuam sobre os mesmos. Atualmente, estão submetidos à pressão da agroindústria do fumo, que causa muitos danos à saúde dos faxinalenses. São povos impactados economicamente, porque muitas terras que serviram para o plantio de alimentos são utilizadas para o fumo. Estão impactados culturalmente, porque cada vez mais os valores comunitários são substituídos pelos valores da sociedade moderna, como o individualismo. Assim, a sustentabilidade dessas comunidades, que as caracterizavam como tradicionais, vem sendo ameaçada pela introdução de elementos modernos, como é o caso do fumo, que rompem com a pluriatividade e com as características comunitárias dos moradores de faxinais.

Por isso, se faz necessário apresentar alternativas econômicas aos faxinalenses que não sejam tão impactantes quanto o fumo e que auxiliem na recuperação da sustentabilidade do sistema faxinal, na atualidade. No caso do presente estudo, as reflexões giram em torno da potencialidade turística dos faxinais do Lageado de Baixo e Lageado dos Mello a partir de uma proposta de desenvolvimento comunitário.

Diante disto, o primeiro capítulo trata do referencial teórico, do saber ambiental, da transdisciplinaridade e do conhecimento tradicional na busca da sustentabilidade. Reflete sobre o ambientalismo e o turismo, sobre a instalação de áreas protegidas nos territórios das comunidades tradicionais, sua exclusão social,

sua luta política, bem como sobre o surgimento da ecologia social. Neste capítulo são construídos os pressupostos teóricos para a busca do entendimento da complexidade dos faxinais e para as possibilidades que o turismo de base comunitária pode oferecer.

O segundo capítulo traz diferentes conceitos sobre os povos tradicionais e faxinais, além de uma reflexão sobre as possibilidades e limitações oferecidas pela legislação constitucional e infraconstitucional. Este arcabouço legal é fruto de lutas e conquistas que visam auxiliar na conservação da diversidade cultural e ambiental do Brasil. A reflexão gira em torno, sobretudo, das possibilidades que a legislação coloca para a manutenção do modo de vida faxinalense.

O terceiro capítulo apresenta uma caracterização do município de Mallet e do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”. Busca-se uma contextualização municipal dos faxinais em estudo e também uma avaliação da inserção dos faxinais no planejamento turístico. Acredita-se que um planejamento adequado deve procurar a conservação, bem como respeitar o modo de vida e as decisões da população local.

O quarto capítulo descreve como se deu a observação participante nos faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello, por meio de inserção temporária na vida dos faxinalenses. Considerando o aprendizado mútuo entre os detentores do conhecimento científico e do conhecimento tradicional, construiu-se um cenário que aponta seus aspectos históricos, socioculturais, econômicos, políticos e físicos. Acredita-se que a sistematização dessa realidade específica pode auxiliar num processo dialógico entre faxinalenses e eventuais turistas, bem como, contribuir para a manutenção dos faxinais que restaram no Paraná.

O propósito que conduz este trabalho é a crença de que os faxinalenses podem utilizar o turismo comunitário para recuperar atividades econômicas sustentáveis e para divulgação de seus territórios e culturas tradicionais, fortalecendo seu reconhecimento por um maior número de pessoas.

1 ÁREAS PROTEGIDAS, COMUNIDADES TRADICIONAIS E TURISMO: A BUSCA POR UMA ECOLOGIA SOCIAL

Este capítulo traz o contexto teórico no qual se insere a pesquisa. Trata da instalação de áreas protegidas e dos conflitos surgidos pelo desrespeito às especificidades culturais dos diversos países. Além disso, discute os movimentos socioambientais envolvendo comunidades tradicionais, organizações não-governamentais e cientistas naturais e sociais, que lutam pela conservação da diversidade ambiental e cultural. Reflete também sobre uma racionalidade cultural e ambiental para o turismo.

1.1 CONHECIMENTO TRADICIONAL E CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Durante muito tempo a discussão ecológica esteve praticamente restrita às questões ambientais. Atualmente, existe um esforço transdisciplinar de articulação entre os problemas ambientais e sociais. Esse esforço traz à tona a importância de conhecimentos e práticas de conservação de povos e comunidades tradicionais. Busca-se uma reflexão em torno dessa articulação.

Aqui são consideradas sociedades tradicionais as que apresentam grande parte dos onze traços culturais que seguem:

- a) pela dependência freqüentemente, por uma relação de simbiose entre a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis com os quais se constrói um *modo de vida*;
- b) pelo conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido por oralidade de geração em geração;
- c) pela noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;
- d) pela moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;
- e) pela importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado;
- f) pela reduzida acumulação de capital;
- g) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;
- h) pela importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e a atividades extrativistas;
- i) pela tecnologia utilizada que é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do

trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final;
 j) pelo fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos;
 l) pela auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras.¹ (DIEGUES, 2000b, p. 21-22, grifo do autor)

Estas definições são reconhecidas por Diegues e também pela autora deste estudo como tendendo “[...] a apresentar uma rigidez simplificadora que não permite visualizar as sociedades e culturas como fluxos socioculturais dinâmicos, em permanente estado de transformação [...]”. (DIEGUES, 2000b, p. 23) Todavia, tais tipologias favorecem uma análise desconstrutiva.

Leff (2004, p. 417) aponta que “A crise ambiental é a crise do pensamento ocidental, da metafísica que produziu a disjunção entre o ser e o ente [...]” (Platão), depois houve a separação entre “o sujeito e o objeto” (Descartes), possibilitando a racionalidade científica da modernidade, em que fragmentou-se e “economizou-se” o mundo e a tecnologia dominou a natureza.

Desta forma, o saber ambiental parte de uma visão holística da realidade, em que se articulam processos biológicos, físicos, simbólicos, entre outros, construindo um conhecimento transdisciplinar. Esse saber valoriza a identidade dos povos e seus conhecimentos tradicionais e não considera apenas o conhecimento científico como verdade absoluta. (LEFF, 2004, p. 161; 163-164)

A identidade cultural, fundamental na investigação proposta, apóia-se no conceito que a estabelece “[...] como um campo de diferenças que se confrontam em todos os níveis, desde a família, a aldeia, o bairro ou a região até a zona rural e além dela [...]”. (GEERTZ, 2001, p. 223)

Outro conceito em que se fundamentam as reflexões aqui propostas é o do conhecimento tradicional, considerado como o:

[...] conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo para as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social. Nesse sentido, para estas, não existe uma classificação dualista, uma linha

¹ As culturas tradicionais são padrões de comportamento transmitidos socialmente, modelos mentais usados para perceber, relatar e interpretar o mundo, símbolos e significados socialmente compartilhados, além de seus produtos materiais, próprios do modo de produção mercantil. (DIEGUES, 2000a, p. 87)

divisória rígida entre o “natural” e o “social” mas sim um continuum entre ambos. (DIEGUES, 2000a, p. 30)

Os povos tradicionais têm uma “[...] percepção da natureza como um espaço-tempo constituído por um conjunto de processos sinérgicos e integrados [...]”. Dependendo das condições ecológicas e do potencial ambiental da região, desenvolvem suas atividades agroflorestais, a caça, a pesca, entre outras. Todas essas atividades desenvolvidas ilustram seu enorme conhecimento sobre fases da lua, estações do ano, tipos de solos, condições topográficas, ciclos bio-geo-químicos, ecológicos e hidrológicos. (LEFF, 2004, p. 331-332, 334)

Para exemplificar, os Registros Participativos da Biodiversidade (RPB) foram realizados em “todas as zonas bioclimáticas” da Índia, em 52 localidades, a partir de um programa de documentação do modo como pessoas leigas, basicamente comunidades rurais e povos da floresta, compreendiam os organismos vivos em seu contexto ecológico. Neste estudo tem-se que:

As informações registradas dizem respeito ao estatuto atual e também às mudanças ocorridas ao longo dos últimos anos na distribuição e abundância; aos fatores afetando esses processos – incluindo-se nisto as transformações dos habitats e das colheitas -; aos usos conhecidos e às transações econômicas envolvendo esses organismos. (MADHAV GADGIL et al., 2005, p. 262)

Esses registros incorporaram também as preferências da população local sobre a gestão dos recursos naturais e suas “aspirações de desenvolvimento”. Os RPB demonstraram que conforme aumenta o grau de dependência dos recursos naturais também amplia-se o volume de conhecimentos. Mas, quando é impedido o uso tradicional desses recursos ou diminui a dependência deles, devido ao acesso a outros recursos, como aos produtos industrializados, há uma tendência à degradação dos conhecimentos tradicionais.

Assim, observou-se que:

[...] a população passou a dispor de alternativas, a exemplo de drogas alopáticas em vez de remédios herbáceos, telhas em vez de coberturas de sapé, ou produtos sintéticos em vez de corantes vegetais. Isso levou a um declínio do interesse das gerações mais jovens pelo conhecimento dos recursos vivos, uma tendência em grande parte reforçada pelo moderno sistema educacional – predominantemente livresco. (MADHAV GADGIL et al., 2005, p. 270)

Para Diegues (2000b, p. 21), há muito que aprender com o conhecimento construído holisticamente por essas sociedades tradicionais, ou seja, com o

conhecimento empírico acumulado durante várias gerações e com o sistema de representações, símbolos e mitos, que regulam seu regime comunal de ação sobre o meio. Pois, desenvolvem seus sistemas tradicionais de manejo sustentável do ambiente e constroem uma diversidade ambiental e cultural.

1.2 AMBIENTALISMO E ECOLOGIA SOCIAL

A racionalidade ambiental permite analisar o caráter ambiental do conhecimento, das organizações sociais e produtivas, ações políticas e comportamentos sociais. É uma estratégia conceitual, uma construção de verdades, que mobiliza os processos sociais, objetivando suas forças materiais e os valores que possuam uma racionalidade produtiva alternativa, fundada no ambientalismo, por meio de inter-relações entre teoria e práxis. (LEFF, 2004, p. 164-165)

Existe uma “explosão de ativismo” ambientalista, reagindo ao crescimento econômico, mas “[...] nem todos os ecologistas pensam ou atuam de modo semelhante.” Martínez Alíer (2007, p. 21) divide o movimento ambientalista em “três correntes principais”.

A primeira delas foi o “culto ao silvestre”. Ela defende a preservação do que restou de “natureza intocada” e preocupa-se com o crescimento populacional, mas “admite sua derrota” em relação ao crescimento econômico. A biologia da conservação e a ecologia profunda contribuem com o conhecimento científico para essa corrente. “O ‘culto ao silvestre’ surge do amor às belas paisagens e de valores profundos, jamais para os interesses materiais.” E uma de suas grandes realizações foi a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB), no Rio de Janeiro, em 1992. (MARTÍNEZ ALIER, 2007, p. 21- 22, 38)

No Brasil, os preservacionistas (do “culto ao silvestre”) defendiam as áreas protegidas de uso indireto, como os parques nacionais e as reservas biológicas, sendo locais para o estudo e a preservação da diversidade biológica ², não admitindo moradores, mesmo que para instalação dessas áreas as comunidades tradicionais tivessem que ser transferidas. Partindo do conceito norte-americano de

² A CDB, 1992, em seu artigo segundo, define a diversidade biológica como “[...] a variabilidade entre os organismos vivos de todas as origens, incluindo, *inter alia*, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreende a diversidade dentro de cada espécie, entre as espécies e dos ecossistemas.” (CONVENÇÃO [...], 2005)

wilderness (“natureza selvagem, não-domesticada”), em que toda a relação entre sociedade e natureza degrada a biodiversidade. Não houve uma distinção entre os povos tradicionais que já viviam nessas áreas, conservando-as, e a sociedade urbano-industrial, reforçando o argumento de que a biodiversidade é um produto natural. Surgiram, então, movimentos sociais dos povos indígenas, seringueiros e quilombolas na defesa de seus territórios (“ecologismo popular”), por meio de áreas protegidas que permitissem a utilização sustentável³ de seus recursos. (DIEGUES, 2000b, p. 3, 4, 6, 11)

Muitas áreas protegidas brasileiras, principalmente as de proteção integral, estão sendo invadidas e degradadas. Alguns defendem que as causas seriam “[...] à falta de dinheiro para a desapropriação, de investimento público, de fiscalização e de informação aos visitantes [...]” e outros, que esse modelo “[...] tendo sido criado no contexto ecológico e cultural norte-americano, não se aplica ao contexto dos países tropicais do Sul [...]”. Pois com a retirada dos povos tradicionais dessas áreas, ocorreu uma degradação da biodiversidade que manejaram e conservaram por várias gerações. (DIEGUES, 2000b, p. 4)

A segunda corrente é o “evangelho da ecoeficiência”, “[...] uma religião da utilidade e da eficiência técnica desprovida da noção do sagrado.” Acredita no “desenvolvimento sustentável” ou “crescimento econômico sustentável” e na “modernização ecológica”. Esta “[...] caminha sobre duas pernas: uma econômica, com ecoimpostos e mercados de licenças de emissões; a outra, tecnológica, apoiando medidas voltadas para a economia de energia e de matérias-primas.” Dominada por engenheiros e economistas, nas disciplinas da Economia Ambiental e da Ecologia Industrial. Preocupa-se com os impactos ambientais provenientes da industrialização, da urbanização e da agricultura moderna. (MARTÍNEZ ALIER, 2007, p. 26-28, 38)

Essas duas primeiras correntes são as dominantes, mas estão sendo desafiadas pela que segue. A terceira corrente é denominada “ecologismo dos pobres” ou “ecologismo popular” (no espaço rural dos países do Sul) e “movimento de justiça ambiental” (no espaço urbano, dos Estados Unidos). Esse movimento surgiu de “[...] conflitos ambientais em nível local, regional, nacional e global

³ No artigo segundo da CDB (1992), a utilização sustentável “[...] significa a utilização de componentes da diversidade biológica de modo e em ritmo tais que não levem, no longo prazo, à diminuição da diversidade biológica, mantendo assim seu potencial para atender as necessidades e aspirações das gerações presentes e futuras.

causados pelo crescimento econômico e pela desigualdade social [...]”, pois a busca crescente por recursos naturais leva a degradações ambientais “[...] que não são solucionados pelas políticas econômicas ou por inovações tecnológicas e, portanto, atingem desproporcionalmente alguns grupos sociais que muitas vezes protestam e resistem [...]”. Possui “[...] um interesse material pelo meio ambiente como fonte de condição para a subsistência [...]” e uma preocupação com os “[...] humanos pobres de hoje [...]”. É apoiado principalmente pela agroecologia, etnoecologia e pela ecologia política, algumas vezes, por sociólogos ambientais, pela ecologia urbana e pela economia ecológica. (MARTÍNEZ ALIER, 2007, p. 33 - 36, 39)

Para Diegues (2000b, p. 7, 9), os cientistas naturais e sociais e os povos tradicionais estão construindo uma ciência e prática da conservação, a ecologia social. Isto com base nos problemas ambientais e sociais existentes nos países tropicais, como a injustiça de transferir ou expulsar comunidades das áreas de florestas que conservaram, para instalar áreas protegidas de modo autoritário e com o financiamento das nações do Norte. Busca-se um diálogo entre os saberes, oportunizando a esses povos uma melhoria em suas condições de vida, o que é um dos grandes desafios para a conservação.

“Existem pontos de contato e pontos de desacordo entre esses três tipos de ambientalismo. Ressalvo que uma mesma organização pode pertencer a mais de um destes tipos [...]”, mas o que “[...] une todos os ambientalistas: é a existência de um poderoso *lobby* antiecologista, possivelmente mais forte no Sul do que no Norte [...]”. (MARTÍNEZ ALIER, 2007, p. 39, grifo do autor)

Os movimentos socioambientais tentam manter o ambiente de diversidade ambiental e cultural. Práticas turísticas podem auxiliar na conservação dessa diversidade. No tópico a seguir, as reflexões voltam-se, portanto, para a análise de relações possíveis entre povos tradicionais e turistas.

1.3 AMBIENTALISMO, ÁREAS PROTEGIDAS E TURISMO: A BUSCA DA SUSTENTABILIDADE

Em 1864, foram criadas na Califórnia as áreas protegidas de Yosemite Valley e Mariposa Grove e, em 1872, foi instalado o primeiro parque nacional dos Estados Unidos, o de Yellowstone, expressões do preservacionismo. (LITTLE, 2002, p.15-16)

Essas áreas foram criadas para o lazer das populações urbanas estressadas pelo cotidiano de trabalho, para a educação ambiental e a pesquisa. Somente a partir de 1960, com a rápida destruição da biodiversidade, sua manutenção surgiu como objetivo da criação dos parques norte-americanos. (DIEGUES, 2000b, p. 12)

No início do século XX, quando se implantaram áreas protegidas na África, Ásia e América Latina, foram causados conflitos sociais e culturais com as comunidades que viviam nessas áreas. A partir de 1970, elas se organizaram e resistiram ao modelo preservacionista de transferi-las para outros locais ou expulsá-las, assim surgiram e expandiram-se os movimentos socioambientais, com o apoio de organizações não-governamentais, cientistas naturais e sociais, que influenciaram o surgimento de uma “etnociência da conservação”. (DIEGUES, 2000b, p. 6, 11)

Na Índia, na década de 1970, em Rasjasthan, os “orans”, áreas sagradas adjacentes às aldeias, foram assumidos como propriedade estatal, por meio da reforma agrária, e grande parte deles transformados em áreas de livre acesso aos recursos comuns. Principalmente, a colheita de lenha morta e forragem, que era regulada por famílias da casta dominante Rajput, passaram a ser utilizadas de modo excessivo e levaram a uma grande degradação, assim como em muitas outras terras públicas, demonstrando um colapso na regulação social. Então, o Estado passou a restringir o acesso e, em alguns casos, a proibir os aldeões de utilizarem os recursos naturais de parques nacionais. Mas, não conseguiu controlar outros grupos, o “[...] santuário de fauna selvagem de Darlaghat em Himachal Pradesh foi escolhido para facilitar a instalação de indústrias de cimento [...]”. (MADHAV GADGIL et al., 2005, p. 268, 269)

Os recursos comuns “[...] são definidos como uma classe de recursos para a qual a exclusão é difícil e o uso compartilhado permite a cada usuário subtrair daquilo que pertence também a outros usuários [...]”. (BERKES, 1989; FEENY et al., 1990 apud BERKES, 2005a, p. 49) No caso dos “orans” o uso dos recursos comuns era regulado pelo regime comunal, que excluía os grupos que não pertenciam à comunidade, mas, quando o regime estatal assumiu a sua propriedade, permitiu um livre acesso a esses recursos. Isto levou à degradação, comprovando a tendência ao esgotamento dos recursos escassos no regime de livre acesso e, por isso, o Estado passou a restringir o acesso aos recursos comuns de alguns grupos, por meio da fiscalização. (BERKES, 2005a, p. 56, 58-60)

Os povos tradicionais apresentam, portanto, uma territorialidade que é preciso ser respeitada e que é defendida por movimentos sociais específicos. A territorialidade é “[...] o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu ‘território’ [...]”. Para compreender a relação que um grupo social estabelece com ele, é importante aplicar o conceito de cosmografia que são os conhecimentos, as ideologias e as identidades coletivas que o grupo utiliza para estabelecer seu território e para mantê-lo, além de incorporar seu “[...] regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantém com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e as formas de defesa dele [...]”. (LITTLE, 2002, p. 3, 4)

Movimentos sociais como dos povos índios, mapuches (sul da Argentina e do Chile), os seri (norte do México), os povos da bacia amazônica (Andes e Mesoamérica) e das sociedades rurais tradicionais lutam por novos direitos políticos, como territórios que garantam suas condições de existência, a utilização de seu patrimônio de recursos naturais (com normas jurídicas que garantam os direitos de propriedade e de apropriação da natureza) e suas autonomias. E direitos culturais como a atualização de seus ancestrais estilos de vida, com seus usos e costumes tradicionais e com sua grande dependência ao entorno ecológico. (LEFF, 2004, p. 347-348, 369)

As comunidades tradicionais se modificam por pressões internas e externas, porém em ritmo mais lento que as sociedades urbano-industriais. (DIEGUES, 2000b, p. 8) Para listar algumas dessas pressões: adaptações às mudanças do ecossistema, inserção na economia de mercado, divergências no interior da comunidade, pressões sobre suas terras, abertura de estradas, acesso a insumos agrícolas “químicos”, televisão, telefone, internet, etc. Elas não são objetos de museu para ficarem estagnadas no tempo.

Nos anos 1970, quando os temas ambientais tiveram ampla difusão e atingiram a opinião pública dos países desenvolvidos, começa a ser realizada a atividade do ecoturismo, uma reação ao turismo de massa. Seus pioneiros foram os jovens mochileiros desses países, que trocavam o conforto a que estavam acostumados no cotidiano, para se aventurar em ambientes exóticos dos continentes americano, africano e asiático, para contemplar a natureza. A “propaganda boca a boca” iniciada pelos mochileiros foi importante para o aumento

da procura dos turistas por essas regiões, além da divulgação pelos meios de comunicação, por meio da produção de documentários sobre diversas paisagens naturais do mundo. (PIRES, 2002, p. 63-67)

Principalmente, a partir dos anos 1980, organizações ambientalistas investiram na atividade turística, visando ações de conservação ambiental que permitissem o desenvolvimento econômico de regiões pobres. Na segunda metade dos anos 1980, com aumento da demanda, as operadoras turísticas passaram a organizar a atividade e a comercializar os “pacotes ecológicos”. Assim, os naturalistas amadores e profissionais, utilizavam o turismo essencialmente para a observação de pássaros, espécies vegetais, mamíferos, insetos, etc. (PIRES, 2002, p. 124-125)

Nos anos 1990, amplia-se a demanda, e a atividade que anteriormente estava mais voltada à contemplação da natureza, procura incorporar a conservação e a educação ambiental, as comunidades tradicionais, facilidades e comodidades para satisfazer o ecoturista. Aproximadamente, a partir da segunda metade da década de 1990, o ecoturismo ⁴ expandiu-se, devido à atuação dos governos dos países receptores, que, muitas vezes, acreditavam que a “onda ecológica” traria o desenvolvimento econômico para suas regiões. No Brasil esse processo foi semelhante, com algumas diferenças devido às suas especificidades culturais e socioeconômicas. (PIRES, 2002, p. 177)

Contra essa massificação do ecoturismo surge o turismo comunitário ou turismo de base local:

O turismo de base comunitária é um divisor de águas. Ele se baseia na relação dialética entre turista e comunidade receptora (e não na sobreposição de comunidade ao turista); ambos considerados agentes de ação socioeconômico e ambiental; repensando as bases de um novo tipo de desenvolvimento – regulando padrões de consumo e estilos de vida – e de um conjunto de funções produtivas e socioecológicas – regulando a oferta de bens e serviços e seus impactos ambientais. (SAMPAIO, 2005, p. 113)

Um exemplo que auxilia na construção do conceito de turismo comunitário, que ainda é muito recente, é a Associação Acolhida na Colônia, em Santa Rosa de

⁴ Hoje, o que se entende por ecoturismo são atividades “[...] desenvolvidas em ambientes naturais aos quais se agregam os valores culturais de reconhecida autenticidade que se manifestam em seu entorno (turismo na natureza), mas que também se comprometem com os aspectos de manejo e conservação dos recursos naturais, incluem a participação ativa das comunidades locais e difundem a consciência ecológica pelo advento da educação ambiental”. (PIRES, 2002, p. 159)

Lima, Santa Catarina ⁵. Nesse município predominava o cultivo do tabaco, quando em 1996, a Associação de Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO) começou a implantar a agricultura orgânica na localidade. As propriedades rurais familiares e pequenas agroindústrias orgânicas passaram a receber visitantes. Então, surgiu a demanda por hospedagem e organizou-se a Acolhida na Colônia, em 1998. (SAMPAIO, 2005, p. 68)

Os diversificados produtos orgânicos da AGRECO certificados pela Ecocert Brasil, incentivam a pluriatividade, com a criação animal: animais criados soltos e cuidados com homeopatia e fitoterapia (queijo, galinha caipira, ovos, mel), a produção agrícola (doces e geléias de frutas, conservas de legumes, molho de tomate, açúcar, melado, etc.) e o turismo. Esses produtos são comercializados em Florianópolis, Balneário Camboriú, Blumenau, Itajaí, Joinville, Jaraguá do Sul, Palhoça, São José, Tubarão, Criciúma, Sombrio, Araranguá, Içara, Porto Belo, Santo Amaro da Imperatriz, Guabiruba e Brusque. (AGRECO, 2007)

Cada propriedade é especializada em um setor de produção orgânica. Os associados não são competidores, há uma cooperação com trocas de mercadorias e serviços. A Associação Acolhida na Colônia faz a distribuição igualitária dos hóspedes entre os associados. O turismo é pensado de forma integrada. Seu estatuto limita cada propriedade a receber no máximo 20 visitantes por dia e, em caso de ampliação, o limite é duas unidades de hospedagem. (SAMPAIO, 2005, p. 68-69)

Alguns resultados alcançados foram: os visitantes, inicialmente, eram motivados pelo conhecimento da produção orgânica, depois passaram a desejar a hospedagem na localidade, ampliando a convivência com a população local; a demanda por ampliação do serviço, cria a necessidade de contratação de funcionários, além da mão-de-obra familiar; em algumas propriedades, quando existe um maior fluxo de turistas, 60% da renda familiar é do turismo. (SAMPAIO, 2005, p. 69)

Essa experiência é muito interessante para os faxinais em estudo, por demonstrar o sucesso alcançado na troca do cultivo do tabaco pela produção orgânica, por meio do associativismo e da pluriatividade, com a produção orgânica animal e vegetal e o turismo.

⁵ Para conhecimento mais profundo desta experiência ver: AGRECO (2007), ACOLHIDA NA COLÔNIA (2007) e Sampaio (2005).

A sugestão da pesquisa é o turismo comunitário:

[...] Ele é, potencialmente, uma estratégia de comunicação social que possibilita que experiências de planejamento para o desenvolvimento de base comunitária em curso, na qual a população autóctona se torna a principal protagonista, resgatando ou conservando seus modos de vida que lhe são próprios, possam ser vivenciadas através da atividade turística. (SAMPAIO, 2005, p. 113)

A captura do olhar é um processo fundamental de consumo da atividade turística. O “[...] olhar é construído através de signos, e o turismo abrange uma coleção de signos [...]”. (URRY, 2001, p. 18) Pensar em turismo em faxinais é, portanto, pensar em como o turista os vê, ou seja, como o turista capta uma cultura tradicional através dos seus signos.

Os faxinais concentram-se no Paraná, portanto, apresentam grande potencial turístico, pois “[...] o olhar do turista é estruturado por noções culturalmente específicas daquilo que é extraordinário e, portanto, digno de ser visto [...]”. (URRY, 2001, p. 96)

O olhar do turista “[...] varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico. Tais olhares são construídos por meio da diferença [...]”. As práticas turísticas contrastam com “[...] formas não-turísticas de experiência e de consciência social [...]”, como as do trabalho e da casa, fugindo do cotidiano e do habitual. (URRY, 2001, p. 16, 18)

Para Sahr e Löwen Sahr (2001, p. 395), sociologicamente a paisagem turística é um complexo de símbolos mediadores entre moradores e visitantes. Nesta paisagem duas perspectivas se cruzam no complexo simbólico.

De um lado, o turista-consumidor realiza nela as suas idéias, as suas fantasias e seus desejos [...], diferente do seu cotidiano. Ele decifra na paisagem uma narrativa exótica de suspense ou de contemplação. De outro lado, a mesma paisagem é a expressão da vida cotidiana, da história e da cultura do seu morador-produtor, que encontra nela uma narrativa de identificação e uma função socioeconômica. (SAHR e LÖWEN SAHR, 2001, p. 395)

Uma das propostas levantadas pela ecologia social é a utilização de critérios socioculturais para estabelecer as áreas protegidas e não, apenas, os biológicos, “[...] aquelas áreas de alta biodiversidade resultante de uma interação positiva entre as comunidades tradicionais e o ecossistema deveriam receber prioridade nos

processos de escolha [...]”, ao valorizar essas interações pode-se aprender com elas e resolver conjuntamente os problemas. (DIEGUES, 2000b, p. 10)

Os povos tradicionais podem ser importantes parceiros para conservação ambiental nas unidades de conservação, desde que atuantes em seu planejamento e gestão, além de se sentir comprometidos com esse processo, pois habitando as unidades passam a protegê-las das privatizações, da “biopirataria” e a auxiliar na fiscalização. Assim, podem continuar manejando sustentavelmente seus recursos naturais, inclusive, desenvolver o turismo comunitário como alternativa de renda.

A comunidade local atuando diretamente na atividade turística em áreas protegidas, controla a atividade pelo regime comunal, que possui um maior comprometimento com a conservação dos recursos comuns, porque depende deles para manutenção de seu modo de vida, além de participar diretamente dos benefícios econômicos do turismo. Mas, deve-se evitar a participação de empresas privadas na exploração dessa atividade, porque seu interesse é puramente comercial, então se corre o risco da exclusão do povo tradicional dos seus benefícios e de restar para eles apenas seus impactos, como uma possível degradação ambiental e cultural, caso os atrativos turísticos sejam utilizados intensivamente.

Assim, acredita-se que o turismo comunitário, sustentável, pode auxiliar na conservação ambiental e cultural, por meio de um processo de conscientização. Nesse estudo, busca-se, portanto a construção de um conhecimento a partir da Ecologia Social como subsídio para a execução de um projeto de turismo comunitário. O cenário deste processo são os Faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello. Trata-se de exemplos de comunidades tradicionais presentes na região da Floresta com Araucária do Paraná.

2 COMUNIDADES TRADICIONAIS E FAXINAIS: DISCUSSÃO CONCEITUAL E RECONHECIMENTO

Esse capítulo trata de comunidades tradicionais, mais especificamente das comunidades de faxinais, como aquelas que serão estudadas de forma mais profunda no Capítulo 4. Primeiramente, busca-se apresentar uma caracterização dessas através de uma discussão conceitual, para então tratar de seu reconhecimento jurídico-formal, por meio da legislação constitucional e infraconstitucional. Acredita-se que tal reconhecimento pode auxiliar na conservação cultural e ambiental dessas comunidades e de seus territórios, aspectos fundamentais para se pensar em um projeto de turismo comunitário.

2.1 FAXINAIS: CARACTERIZAÇÃO E DISCUSSÃO CONCEITUAL

Os jesuítas espanhóis, no século XVI, chegaram ao Paraná e encontraram os índios Guaranis, que viviam em povoados nos vales dos rios, e desenvolviam uma agricultura de subsistência e extração vegetal. Os jesuítas estabeleceram-se, aos poucos, e fundaram Reduções Jesuíticas, o que incentivou o aumento do povoamento nos vales dos rios. Eles trouxeram doutrinação religiosa, novas técnicas agrícolas como o arado, a criação de animais, bovinos, suínos, eqüinos e ovinos e intensificaram a produção de erva-mate dos índios. (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 92-93)

Em 1628, os bandeirantes destruíram as Reduções, então os jesuítas e os índios fugiram para o Rio Grande do Sul. Os Kaingang, caçadores e coletores, continuaram a viver nos seus deslocamentos entre os Campos e as Matas com Araucária. No período da colheita do pinhão, semente do Pinheiro do Paraná ou Araucária, sua alimentação era baseada nele. Atualmente, permanece o costume de comer o pinhão entre os caboclos. (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 93)

No século XVIII, animais de carga como muares, eqüinos e bovinos eram criados nos pampas da região Sul e levados até São Paulo. Os Caminhos das Tropas passavam pelos Campos, o que incentivou o surgimento de grandes propriedades de terra para criação de gado e expulsou os Kaingang para as matas. “Nelas sumiram também não poucos vaqueiros, escravos fugidos e aventureiros e

talvez também nela se encontrassem o restante da população Guarani e familiares dos *Bandeirantes*.” (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 93, grifo dos autores)

Desse mosaico cultural surgiram os caboclos ⁶, que na floresta, desenvolveram os faxinais e passaram a viver neles.

Os *caboclos* vivem há mais de dois séculos nos *sertões* do Sul, nas matas subtropicais dos planaltos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Aí eles vêm praticando, sobretudo ao longo dos vales dos rios, um sistema de uso integrado da terra que abrange, além da atividade silvopastoril comunitária, a extração de madeira, a produção de erva-mate e também a agricultura de subsistência. Este tipo de uso integrado é denominado no Sul do Brasil de *Faxinal* ou *Sistema Faxinal*. (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p.90, grifo dos autores)

O Decreto Estadual Nº 3.446/97, em seu artigo 1º, parágrafo 1º, define como Sistema Faxinal:

O sistema de produção camponês tradicional, característico da região Centro-Sul do Paraná, que tem como traço marcante o uso coletivo da terra para produção animal e a conservação ambiental. Fundamenta-se na integração de três componentes: a) produção animal coletiva, à solta, através dos criadouros comunitários; b) produção agrícola – policultura alimentar de subsistência para consumo e comercialização; c) extrativismo florestal de baixo impacto – manejo de erva-mate, araucária e outras espécies nativas.

Nos Anais do 1º Encontro dos Povos dos Faxinais procurou-se ampliar o conceito para além do sistema produtivo (Sistema Faxinal), por meio da inclusão de variáveis como espaço, tempo e cultura. Assim, define os faxinais como:

Uma forma de organização camponesa com ocorrência na região Centro-Sul do Paraná, onde a ocupação do território social foi determinada pelo uso da terra em comum, apesar da propriedade da terra ser privada. Internamente, o que caracteriza o faxinal é o seu sistema de manejo das criações (soltas) e a presença das cercas separando áreas de lavouras de áreas de criação. Sua formação data do final do século XIX, e atualmente essas comunidades são responsáveis por contribuírem com a manutenção da paisagem florestal nativa do Bioma Floresta com Araucária, e especialmente, com um modo de vida tradicional de suas populações representado por sociabilidade particular, derivadas do uso comum da terra e das relações de parentesco. (ANAIS [...], 2005, p. 2)

Os conceitos de faxinal ou sistema faxinal, normalmente, são utilizados na academia como sinônimos, incluindo o criadouro comunitário e as áreas de lavoura.

⁶ Aqui não se trata dos caboclos da Amazônia, são os caipiras numa denominação regional. (DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V., 2001, p. 53)

Na prática, o faxinal - para os próprios faxinalenses - significa, apenas, o criadouro comunitário.

O modo de vida do faxinalense apresenta transformações e permanências em seus traços culturais e sociais. “O cotidiano, as rodas de conversa e chimarrão, a divisão do trabalho, a forma da construção das casas, as festas religiosas e pagãs, compõe uma estrutura e as representações de um modo de vida faxinalense”. (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 95)

Nos últimos anos, sobretudo após a realização do 1º Encontro dos Povos dos Faxinais, em 2005, tem-se vinculado o conceito de populações faxinalenses ao de populações tradicionais. Nesse evento, organizado pela Rede Faxinal, os faxinalenses buscaram, entre outros, listar elementos de auto-identificação como aponta o Quadro 01 a seguir:

Elementos de Identificação
<ul style="list-style-type: none"> - Associam a pecuária, a agricultura e o extrativismo, num sistema singular - Partilham o chão, ou seja, as terras do criadouro são de uso comum - Criam de forma coletiva animais de pequeno e grande porte soltos e misturados - Praticam uma agricultura de subsistência com instrumentos tradicionais (enxada, tração animal) - Partilham as sementes, criações, produtos através de trocas - Praticam uma cultura de extrativismo (erva-mate, madeira, pinhão) - Desenvolvem uma atividade agroflorestal e prezam pela conservação da biodiversidade - Possuem uma forte convivência e integração com o meio ambiente - Possuem uma história e uma cultura própria - Preservam e respeitam as suas tradições, os seus costumes e a sua cultura (festas, rezas) - Praticam uma religiosidade popular - Apresentam uma vida comunitária, solidária e de união - Integram em sua convivência famílias com terra e famílias que não tem terra - Possuem normas e fazem acordos baseados na cultura e tradição - Trabalham de forma solidária em Multirões/Puxirões - Partilham os bens, os serviços e os conhecimentos - Lutam pela sobrevivência - Possuem alegria de viver, amor a natureza, liberdade, esperança, confiança e união.

Quadro 01: Elementos de auto-identificação dos faxinalenses como povos tradicionais

FONTE: LÖWEN SAHR, C. L. (2005, p. 57)

No recém lançado Decreto Nº 6.040/2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, o artigo 3º define como povos e comunidades tradicionais os:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Este conceito tende ao entendimento dos povos e comunidades tradicionais congelados no tempo e no espaço. Mas, como poderá ser visto no Capítulo 4, as comunidades e culturas estão sempre em transformação. A própria legislação espelha parte dessa dinâmica de lutas e conquistas desses grupos, conforme se observará na seqüência.

2.2 COMUNIDADES TRADICIONAIS E FAXINAIS: LEGISLAÇÃO CONSTITUCIONAL E INFRACONSTITUCIONAL

Após muitos anos de pressões dos movimentos sociais e das organizações internacionais, as leis referentes à conservação ambiental e aos povos e comunidades tradicionais no Brasil avançaram, mas ainda existe a dificuldade em implementá-las. Com o insucesso de muitas Unidades de Proteção Integral, algumas das saídas são as categorias de Reserva Extrativista e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável, por meio do planejamento e da gestão participativos. Apresenta-se aqui um histórico das conquistas em termos de legislação.

A Constituição Federal de 1988 reconhece direitos específicos aos índios, nos artigos 231 e 232. No artigo 231, reconhece a organização social, a cultura e o direito sobre as terras que os índios tradicionalmente ocupam, garantem a posse permanente sobre elas e o usufruto exclusivo do solo, rios e lagos. Proíbe a remoção dos índios de suas terras, seu deslocamento só pode ser realizado em caso de catástrofe, epidemia e interesse da soberania do país, e garante o retorno assim que termine o risco. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA [...], 2007)

Ainda no artigo 231 da Constituição Magna:

§ 1º - São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA [...], 2007)

O reconhecimento dos direitos às comunidades remanescentes de quilombos aparece no artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT),

regulamentado pelo Decreto Nº 4.887 de 20 de novembro de 2003. As terras das comunidades remanescentes de quilombos são de sua propriedade definitiva, por meio de titulação, com título coletivo e pró-indiviso. Além de artigos constitucionais sobre a cultura, como o artigo 215, parágrafo 1º, que protege as manifestações culturais dos indígenas, afro-brasileiros e outros grupos e o artigo 216, parágrafo 5º, referente ao tombamento de todos os documentos e sítios com vestígios dos antigos quilombos. (DECRETO Nº 4.887 [...], 2007)

Little salienta que:

No nível nacional, a questão dos direitos dos povos tradicionais passa pelo reconhecimento das respectivas leis consuetudinárias que esses povos mantêm, particularmente no que se refere a seus regimes de propriedade. Essa situação conduz ao reconhecimento da noção de 'pluralismo legal', conceito que vem sendo trabalhado tanto dentro da antropologia quanto no âmbito do direito. No nível internacional, nas últimas duas décadas, preocupação pelo respeito por parte dos Estados-nação aos direitos diferenciados dos povos indígenas e/ou tradicionais cresceu de forma acelerada, notavelmente em referência a questões fundiárias e territoriais. (2002, p. 21)

A Convenção sobre os Povos Indígenas e Tribais, Convenção Nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), adotada em 27 de junho de 1989, em Genebra e promulgada no Brasil pelo Decreto Presidencial Nº 5.051, de 19 de abril de 2004, adota como critério fundamental a consciência da identidade indígena ou tribal para aplicação de suas disposições, em seu artigo 1º, parágrafo 2. Sobre os territórios desses povos, trata no artigo 14, parágrafo 1, do direito de propriedade e posse das terras tradicionalmente ocupadas e do direito de utilizar as terras que não ocupam, mas que precisam para continuar realizando suas atividades de subsistência e outras atividades tradicionais. No seu artigo 2º, parágrafo 1, trata da responsabilidade dos governos agirem na proteção dos direitos desses povos e da sua integridade. (DECRETO Nº 5.051 [...], 2007)

Em seu artigo 30, parágrafo 1, a Convenção faz a seguinte recomendação:

Os governos deverão adotar medidas de acordo com as tradições e culturas dos povos interessados, a fim de lhes dar a conhecer seus direitos e obrigações especialmente no referente ao trabalho e às possibilidades econômicas, às questões de educação e saúde, aos serviços sociais e aos direitos derivados da presente Convenção. (DECRETO Nº 5.051 [...], 2007)

Existe uma legislação infraconstitucional, a nível municipal, estadual e federal que afeta outros povos e comunidades tradicionais, direta ou indiretamente. Neste estudo será feita uma restrição a uma dessas comunidades, a dos faxinais.

A Lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000, regulamenta o artigo 225 da Constituição Federal de 1988 e institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). (LEI Nº 9.985 [...], 2007). Em seu artigo 2º são estabelecidas diferentes modalidades de uso possíveis em Unidades de Conservação:

VI - proteção integral: manutenção dos ecossistemas livres de alterações causadas por interferência humana, admitido apenas o uso indireto dos seus atributos naturais;

IX - uso indireto: aquele que não envolve consumo, coleta, dano ou destruição dos recursos naturais;

II - conservação da natureza: o manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral;

XI - uso sustentável: exploração do ambiente de maneira a garantir a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, mantendo a biodiversidade e os demais atributos ecológicos, de forma socialmente justa e economicamente viável. (LEI Nº 9.985 [...], 2007)

Em seu artigo 7º, o SNUC divide as unidades de conservação em Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável:

§ 1º O objetivo básico das Unidades de Proteção Integral é preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos nesta Lei.

§ 2º O objetivo básico das Unidades de Uso Sustentável é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais. (LEI Nº 9.985 [...], 2007)

Em seu artigo 8º, trata das categorias de unidade de conservação que compõe as Unidades de Proteção Integral, que são: Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional, Monumento Natural e Refúgio de Vida Silvestre. Em seu artigo 14, sobre as categorias das Unidades de Uso Sustentável: Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Natural. (LEI Nº 9.985 [...], 2007)

A Reserva Extrativista (RESEX) é de domínio público, para as populações extrativistas é concedido o seu uso e, caso existam áreas particulares em seu

interior, elas devem ser desapropriadas. É permitida a visitação pública e a pesquisa científica. (LEI Nº 9.985 [...], 2007) No artigo 18 da Lei Nº 9.985 é definida como:

Art. 18. A Reserva Extrativista é uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade. (LEI Nº 9.985 [...], 2007)

Na Reserva de Desenvolvimento Sustentável também é permitida a visitação pública e a pesquisa científica. No artigo 20 do SNUC ela é definida como:

Art. 20. A Reserva de Desenvolvimento Sustentável é uma área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica.

§ 1º A Reserva de Desenvolvimento Sustentável tem como objetivo básico preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente, desenvolvido por estas populações.

§ 2º A Reserva de Desenvolvimento Sustentável é de domínio público, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites devem ser, quando necessário, desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei. (LEI Nº 9.985 [...], 2007)

E em seu artigo 15, o SNUC trata da Área de Proteção Ambiental (APA):

A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. (LEI Nº 9.985 [...], 2007)

As APAs podem ser em terras públicas ou privadas, estas podem receber restrições de uso e normas para utilização da propriedade.

No Paraná, o Decreto Estadual Nº 3.446, de 14 de agosto de 1997, em seu artigo 1º, decreta a criação das Áreas Especiais de Uso Regulamentado (ARESUR), onde exista o Sistema Faxinal, observando as disposições legais das APAs. (DECRETO Nº 3.446 [...], 2005)

Ficam criadas no Estado do Paraná, as Áreas Especiais de Uso Regulamentado - ARESUR, abrangendo porções territoriais do Estado

caracterizadas pela existência do modo de produção denominado "Sistema Faxinal", com o objetivo de criar condições para a melhoria da qualidade de vida das comunidades residentes e a manutenção do seu patrimônio cultural, conciliando as atividades agrosilvopastoris com a conservação ambiental, incluindo a proteção da "araucaria angustifolia" (pinheiro-do-paraná). (DECRETO Nº 3.446 [...], 2005)

Esse decreto lembra a definição e os objetivos da APA, mas traz um avanço em relação a esse, pois faz a inclusão da manutenção do patrimônio cultural dos faxinalenses e da melhoria de sua qualidade de vida, como objetivos, além da preocupação com a proteção da diversidade biológica, com o processo de ocupação e com o uso sustentável dos recursos naturais.

Pela Lei Complementar 59/91, o governo do estado do Paraná reparte cinco por cento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) aos municípios que possuem unidades de conservação ambiental e mananciais de abastecimento público. Então, as prefeituras municipais que possuem faxinais registrados no Cadastro Estadual de Unidades de Conservação (CEUC), considerados ARESUR recebem recursos do ICMS Ecológico. (LEI COMPLEMENTAR Nº 59/91, 2005)

Existem cerca de 3.409 famílias nesses faxinais, em uma área total de 26.189 hectares, sendo 15.915 hectares de criadouro comum (MARQUES, 2004, p. 9-11). Desses 44 faxinais, 17 criadouros comunitários estão como Área Especial de Uso Regulamentado (ARESUR). De acordo com o Decreto Estadual (3477/97), os municípios com presença de ARESUR recebem recursos do ICMS Ecológico.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) criou o Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais (CNPT), por meio da Portaria IBAMA Nº 22, de 10 de fevereiro de 1992. As atribuições desse Centro eram: Promover o desenvolvimento econômico visando a melhoria da qualidade de vida das populações tradicionais, por meio do desenvolvimento e a implantação de planos, programas, projetos e ações demandados por elas; e articular os órgãos governamentais (federais, estaduais e municipais), não-governamentais e representantes das populações tradicionais. Com base na sustentabilidade, na cultura e nos conhecimentos por elas acumulados. Também era responsável pelas Reservas Extrativistas. (CNPT, 2007)

O CNPT foi pioneiro na gestão participativa na administração pública, sua co-gestão envolveu representantes das populações tradicionais, organizações não-

governamentais (ONGs) e órgãos do governo federal e estadual. Os escritórios regionais compostos por técnicos dos governos dos estados, técnicos do IBAMA e técnicos indicados pelas ONGs, localizados em 22 cidades, executavam as ações do CNPT. (CNPT, 2007) Por essa estrutura, suas ações eram pontuais, faltando um vínculo direto com o governo federal.

Em 2004, pelo Decreto Presidencial de 27 de Dezembro, foi instituída a criação da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, presidida pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e a secretaria-executiva ficou sob a responsabilidade do Ministério do Meio Ambiente. O objetivo principal dessa Comissão era criar e implementar a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais e propor as ações de políticas públicas necessárias para isso. O decreto não estabelecia os representantes das comunidades tradicionais para compor a comissão, apenas apontava que ela poderia ser composta por eles, entidades civis, agências de fomento e comunidade científica, desde que designados em portaria. E que a comissão se reuniria por meio da convocação de seu presidente. (DECRETO DE 27 DE DEZEMBRO [...], 2005)

A Rede Faxinal, criada em 2004, e composta por representantes de órgãos governamentais, como o Instituto Ambiental do Paraná (IAP), o Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMA), a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (SEAB), a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, Rebouças, etc.; de ONGs, entre elas o Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP), o Instituto os Guardiões da Natureza (ING), etc.; dos faxinalenses e de universidades, como a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), entre outras, organizou o 1º Encontro dos Povos dos Faxinais em 5 e 6 de agosto de 2005, em Irati.

Este evento visava à mobilização dos faxinalenses em prol de seu reconhecimento social, por meio da “construção do processo de afirmação da identidade e da elaboração de pautas para políticas públicas”. Este 1º Encontro permitiu o contato de comunidades de 34 faxinais de 14 municípios e representantes do poder público municipal, estadual e federal. (ANAIS [...], 2005, p. 1-2, 7) Os principais resultados foram o reconhecimento dos faxinalenses como comunidades tradicionais e a formação da Articulação Puxirão, movimento que reúne

representantes dos faxinais para discutir e planejar ações com o objetivo de resolver os problemas enfrentados por eles e representar os faxinalenses, por meio de seus coordenadores, nas negociações com os órgãos e entidades governamentais e não-governamentais.

Em 2005, foi criada a Rede Faxinal Pesquisa, composta tanto por pesquisadores de instituições de pesquisa, como também por pesquisadores independentes, entre eles: geógrafos, engenheiros florestais, zootecnistas, biólogos, turismólogos, etc. Esta rede visa “[...] estimular as reflexões acadêmicas em torno dos Faxinais”, principalmente as de caráter interdisciplinar. (LÖWEN SAHR, 2006, p. 17)

Em 17 e 19 de agosto de 2005, foi realizado o “I Encontro Nacional de Comunidades Tradicionais: Pautas para Políticas Públicas”, em Luziânia (Goiás), em que foi discutido o conceito de comunidades tradicionais, demandas para políticas públicas e entraves para sua efetivação, além da eleição dos representantes para compor a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, a partir da revisão do Decreto Presidencial de 27 de Dezembro de 2004, de acordo com a sugestão dos participantes. Foram eleitos os faxinais, os sertanejos, os seringueiros, as comunidades de fundo de pasto, os quilombolas, os agroextrativistas da Amazônia, os pescadores artesanais, as comunidades de terreiros, os ciganos, os pomeranos, os indígenas, os pantaneiros, as quebradeiras de coco, os caiçaras e os geraizeiros. (CNPCT, 2006, p. 5-6)

Esses debates que ocorreram no I Encontro Nacional de Comunidades Tradicionais foram aprofundados em encontros regionais como: I Encontro dos Povos Tradicionais do São Francisco (02 de dezembro de 2005), realizado em Delmiro Gouveia (Alagoas); Seminário Nacional “A questão da institucionalização do acesso ao território de comunidades tradicionais extrativistas e locais” (05 de março de 2006), em Porto Alegre (Rio Grande do Sul); I Reunião da Comissão dos Povos Tradicionais do São Francisco (10 de março de 2006), em Paulo Afonso (Bahia); Encontro de Agricultura Familiar e Reforma Agrária na Bacia do São Francisco (17 e 18 de março de 2006), em Montes Claros (Minas Gerais). (CNPCT, 2006, p. 7-11)

Paralelamente, ocorreu também o evento “A Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil: uma experiência na criação de espaços públicos para povos indígenas e comunidades locais”, em 28 de março de 2006, durante a 8ª Conferência das Partes da

Convenção sobre Diversidade Biológica (COP 8), promovido pelo Ministério do Meio Ambiente, com o apoio do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, da Associação Brasileira de Antropologia e da Rede Faxinal. (CNPCT, 2006, p. 11)

Pelo Decreto Presidencial de 13 de julho de 2006 é alterada a denominação da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais para Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, além da mudança de sua competência e composição. Existe a inclusão da sociedade civil, sendo 15 representantes de organizações não-governamentais e quinze dos órgãos e entidades governamentais federais. Suas principais atribuições são propor princípios e diretrizes para políticas relevantes ao desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais, medidas para sua implementação, estimular a descentralização da execução dessas ações e a participação da sociedade civil. A comissão será reunida em caráter ordinário a cada três meses e, extraordinariamente, a qualquer momento. E as despesas com diárias e passagens dos representantes e seus suplentes das ONGs poderão ser pagas pelos órgãos e entidades governamentais, mediante disponibilidade orçamentária e financeira. (DECRETO DE 13 DE JULHO [...], 2007)

O Decreto Federal Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, estabelece os objetivos, os instrumentos de implementação, os planos de desenvolvimento sustentável da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). (DECRETO Nº 6.040 [...], 2007) Em seu anexo, relativo aos princípios da PNPCT, apresenta como objetivo geral:

Art. 2º A PNPCT tem como principal objetivo promover o desenvolvimento sustentável⁷ dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições. (DECRETO Nº 6.040 [...], 2007)

Também no anexo do Decreto Nº 6.040, o artigo 3º estabelece os objetivos específicos da PNPCT:

⁷ O Decreto Federal n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, define em seu artigo 3º, o desenvolvimento sustentável como “[...] o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras”. (DECRETO Nº 6.040 [...], 2007)

- I - garantir aos povos e comunidades tradicionais seus territórios, e o acesso aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam para sua reprodução física, cultural e econômica;
- II - solucionar e/ou minimizar os conflitos gerados pela implantação de Unidades de Conservação de Proteção Integral em territórios tradicionais e estimular a criação de Unidades de Conservação de Uso Sustentável;
- III - implantar infra-estrutura adequada às realidades sócio-culturais e demandas dos povos e comunidades tradicionais;
- IV - garantir os direitos dos povos e das comunidades tradicionais afetados direta ou indiretamente por projetos, obras e empreendimentos;
- V - garantir e valorizar as formas tradicionais de educação e fortalecer processos dialógicos como contribuição ao desenvolvimento próprio de cada povo e comunidade, garantindo a participação e controle social tanto nos processos de formação educativos formais quanto nos não-formais;
- VI - reconhecer, com celeridade, a auto-identificação dos povos e comunidades tradicionais, de modo que possam ter acesso pleno aos seus direitos civis individuais e coletivos;
- VII - garantir aos povos e comunidades tradicionais o acesso aos serviços de saúde de qualidade e adequados às suas características sócio-culturais, suas necessidades e demandas, com ênfase nas concepções e práticas da medicina tradicional;
- VIII - garantir no sistema público previdenciário a adequação às especificidades dos povos e comunidades tradicionais, no que diz respeito às suas atividades ocupacionais e religiosas e às doenças decorrentes destas atividades;
- IX - criar e implementar, urgentemente, uma política pública de saúde voltada aos povos e comunidades tradicionais;
- X - garantir o acesso às políticas públicas sociais e a participação de representantes dos povos e comunidades tradicionais nas instâncias de controle social;
- XI - garantir nos programas e ações de inclusão social recortes diferenciados voltados especificamente para os povos e comunidades tradicionais;
- XII - implementar e fortalecer programas e ações voltados às relações de gênero nos povos e comunidades tradicionais, assegurando a visão e a participação feminina nas ações governamentais, valorizando a importância histórica das mulheres e sua liderança ética e social;
- XIII - garantir aos povos e comunidades tradicionais o acesso e a gestão facilitados aos recursos financeiros provenientes dos diferentes órgãos de governo;
- XIV - assegurar o pleno exercício dos direitos individuais e coletivos concernentes aos povos e comunidades tradicionais, sobretudo nas situações de conflito ou ameaça à sua integridade;
- XV - reconhecer, proteger e promover os direitos dos povos e comunidades tradicionais sobre os seus conhecimentos, práticas e usos tradicionais;
- XVI - apoiar e garantir o processo de formalização institucional, quando necessário, considerando as formas tradicionais de organização e representação locais; e
- XVII - apoiar e garantir a inclusão produtiva com a promoção de tecnologias sustentáveis, respeitando o sistema de organização social dos povos e comunidades tradicionais, valorizando os recursos naturais locais e práticas, saberes e tecnologias tradicionais. (DECRETO Nº 6.040 [...], 2007)

No dia 03 de julho de 2007, foi realizada no Plenário da Assembléia Legislativa do Paraná uma audiência pública, organizada pela coordenação da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses, visando o lançamento da “Autocartografia Social dos Faxinalenses” e divulgação do “Dossiê de Denúncias dos

Conflitos Sócio-Ambientais”. Na apresentação desse dossiê, Hamilton da Silva, coordenador da Articulação Puxirão e Roberto Martins de Souza, do Instituto Equipe de Educadores Populares, assessor do movimento, lembraram o assassinato do faxinalense Antonio Novakoski, de 25 anos, que levou um tiro nas costas, em 15 de maio de 2007, no Faxinal do Emboque, em São Mateus do Sul e faleceu em 22 de junho. (VIOLÊNCIA [...], 2007; BANCADA DO PT [...], 2007; AUDIÊNCIA PÚBLICA [...], 2007)

Participaram da audiência aproximadamente 100 faxinalenses e representantes do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (SEAB), Instituto de Terras, Cartografia e Geociências (ITCG) e Comissão Pastoral da Terra (CPT). Na ocasião, deputados da bancada do Partido dos Trabalhadores propuseram um projeto de lei “[...] para reconhecimento jurídico-formal dos faxinalenses e de seu modo de vida [...]”. (BANCADA DO PT [...], 2007; AUDIÊNCIA PÚBLICA [...], 2007)

Em 08 de agosto de 2007, os deputados Elton Welter, Pedro Ivo Ilkiv e o assessor da deputada Luciana Rafagnin foram pedir mais segurança aos faxinalenses à Secretaria de Segurança Pública do Estado, com o objetivo de “levar ao conhecimento das autoridades os casos de violência contra os faxinalenses”. (DEPUTADOS PEDEM [...], 2007)

Nos dias 10 e 11 de agosto de 2007, em Irati, foi realizado o 2º Encontro dos Povos dos Faxinais, organizado pela Articulação Puxirão, um movimento social dos faxinalenses, que envolve 12 faxinais. (FAXINAIS PEDEM [...], 2007)

Em 29 de agosto de 2007, ocorreu a primeira discussão do Projeto de Lei Nº 477/07, da bancada do PT, para o reconhecimento dos faxinais no Paraná, sendo aprovado pelos deputados estaduais, por unanimidade. No dia 30 de agosto, ele foi aprovado em segunda discussão e, em 05 de setembro, na sua redação final. (APROVADO PROJETO [...], 2007; ORDEM DO DIA 29.08.2007, 2007; ORDEM DO DIA 30.08.2007, 2007; ORDEM DO DIA 05.09.2007, 2007)

O Projeto de Lei Nº 477/07, em seu artigo 1º, reconhece a territorialidade específica dos faxinais, com o “[...] uso comum da terra para produção animal e a conservação dos recursos naturais [...]”. Além das características do Sistema Faxinal presentes no artigo 1º, parágrafo 1º, do Decreto Estadual Nº 3.446/97, acrescenta “[...] d) cultura própria, laços de solidariedade comunitária e preservação de suas tradições e práticas sociais [...]”. Nos seus artigos 2º e 3º, adota como critério de

reconhecimento dos faxinais a auto-identificação, “mediante Declaração de Auto-reconhecimento Faxinalense, que será atestada pelo órgão estadual que trate de assuntos fundiários, sendo outorgado Certidão de Auto-reconhecimento”. E em seu artigo 4º, considera que as “[...] práticas sociais tradicionais e acordos comunitários produzidas pelos grupos faxinalenses deverão ser preservados como patrimônio cultural imaterial do Estado [...]”. (PROJETO DE LEI Nº 477 [...], 2007)

Em nível federal, o governo precisa ser pressionado a implementar a PNPCT, que possui como objetivos entre outros, reconhecer a auto-identificação dos povos e comunidades tradicionais, garantir seus territórios e o uso tradicional dos recursos naturais, garantir a participação de seus representantes nas instâncias de controle social, promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais, implantar infra-estrutura adequada as suas demandas, apoiar e garantir a inclusão produtiva, garantir o acesso a recursos financeiros provenientes do governo, garantir os direitos dos afetados por projetos, obras e empreendimentos, recortes diferenciados nos programas de inclusão social, garantir formas tradicionais de educação, criar e implementar uma política pública de saúde específica com ênfase na medicina tradicional, assegurar o pleno exercício dos direitos individuais e coletivos, etc.

Em nível estadual, mais especificamente com relação à ARESUR, primeiramente, é preciso implementá-la de modo mais efetivo e alguns aspectos precisam ser considerados, como por exemplo, a proteção das áreas de lavoura. A ARESUR compreende apenas a área do criadouro do faxinal, que é aquela onde a Floresta com Araucária é preservada. Todavia, se não for dada uma proteção legal a esse sistema em sua totalidade ele pode ser inviabilizado. Muitos faxinais foram extintos pela redução das áreas de lavoura que foram incorporadas por monoculturas, levando faxinalenses a realizar a agricultura dentro do criadouro; por causa do choque entre as leis consuetudinárias de uso da terra e o direito positivo; por conflitos causados pela falta de manutenção de cercas; pela abertura de estradas dentro do criadouro, etc. Então, o entorno do criadouro comunitário também precisa de proteção, pois é o local em que se realiza a agricultura, para subsistência e para comercialização.

Devido às limitações para o uso das propriedades dentro do criadouro, em caso de venda, o valor é baixo, já as terras de lavoura possuem o mesmo valor comparativo com as demais terras do município, pois não tem restrição de uso nem

proteção legal. Então, em termos financeiros é mais interessante vender as áreas de lavoura, o que gradativamente vai inviabilizando o sistema. Por outro lado, se for dada uma proteção legal a essas áreas de plantar, seu valor de venda pode diminuir, então os faxinalenses teriam que ser compensados por essa perda.

Em nível de município é preciso pressionar as prefeituras para que repassem o ICMS Ecológico integralmente as comunidades faxinalenses enquadradas na categoria de ARESUR. O repasse do ICMS Ecológico aos faxinalenses precisa ser regulamentado, como compensação por terem conservado a vegetação nativa e para incentivar que eles continuem conservando.

Essas medidas precisam ser implementadas, rapidamente, pois ainda restam aproximadamente 44 faxinais no Paraná. É preciso também se pensar numa agenda de desenvolvimento para cada faxinal específico, de modo que os recursos e políticas auxiliem na sua preservação e não na sua extinção.

Uma legislação que garanta a permanência das comunidades de faxinais existentes, bem como suas características ambientais e culturais, e instrumentos que assegurem a implementação dessa legislação, entre eles a organização destas comunidades, parece ser um caminho fundamental na concretização de uma proposta de turismo comunitário em faxinais. Como observado neste capítulo, essas bases parecem já estar lançadas, mas é preciso consolidá-las.

No próximo capítulo apresenta-se a experiência de um município em termos de turismo de base local, no qual diferentes comunidades rurais estão envolvidas, entre elas, uma comunidade faxinalense.

3 FAXINAIS E TURISMO NO MUNICÍPIO DE MALLET

Para se chegar aos estudos do Faxinal Lageado de Baixo e Faxinal Lageado dos Mello e analisar suas potencialidades em termos de turismo comunitário, primeiramente é necessária uma contextualização desses, tanto espacial quanto temporal. Este capítulo inicia-se com uma caracterização do município de Mallet e passa-se a apresentação do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”, uma proposta de turismo de base local na qual esses faxinais aparecem como recurso turístico.

3.1 O MUNICÍPIO DE MALLET: CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Um grupo de famílias saiu de Campo Largo da Piedade (hoje Campo Largo) em 1884, passou por Palmeira, onde incorporou mais famílias originárias de Itaiacoca (Ponta Grossa), formando um total de quinze famílias, que seguiram com destino às terras em que se encontra o distrito de Rio Claro do Sul, atualmente. Entre essas famílias estavam a de João Teixeira de Lima, Antonio Rodrigues de Lima e Frederico Carlos Franco de Souza. (FERREIRA, 1996, p. 410)

Depois de dois meses, passando por caminhos de tropas e abrindo picadas, chegaram à margem de um rio, que por sua coloração, denominaram Rio Claro. Fundaram um povoado e dedicaram-se à agricultura e à pecuária. (WOUK, 1981, p. 19)

Em 1890, chegaram os primeiros imigrantes poloneses a esse local e cada família instalou-se num lote de dez alqueires providenciado pelo Governo Imperial, com pagamento a longo prazo, e receberam apoio e mantimentos durante os dois primeiros meses. (SIEKLICKI, 2007) Com o crescimento do povoado foi construída a Capela de Nossa Senhora do Rosário, além de um cemitério. A capela, posteriormente, foi ampliada e transformada na Igreja Matriz. Em 1892, tornou-se Distrito Judiciário de Rio Claro, que pertencia ao município de São João do Triunfo. (FERREIRA, 1996, p. 410)

Em 1891, 3.000 ucranianos, a maioria proveniente da Galícia Ocidental, estabeleceram-se em Rio Claro e Eufrosina. Receberam a denominação de polacos austríacos e polacos russos, pelo serviço de povoamento. Os ucranianos e poloneses

dedicaram-se a agricultura e pecuária e construíram casas em estilo europeu, igrejas, escolas e clubes recreativos. Os tropeiros, que saíam de Palmas em direção a São Paulo, comercializavam com eles. Em 1895, Rio Claro recebeu mais um grupo de imigrantes ucranianos. (SIEKLICKI, 2007)

O Serviço de Imigração do Governo Federal, em 1896, instalou os imigrantes ucranianos vindos da Galícia, na região da Serra do Tigre e Dorizon. E foram construídas as capelas de São Miguel (Serra do Tigre) e São José (Dorizon). (WOUK, 1981, p. 21)

Em 1896, Teodoro Poteskei, Gregório Kulchevestek e Gregório Montchak, enviaram uma solicitação dos imigrantes ucranianos ao Metropolitano D. Silvestre Symbratovytych, com o pedido de padres para o Brasil. O padre Nikon Rosdolsky foi enviado, primeiramente, à Prudentópolis e, logo depois, à Mallet. Ele hospedou-se na residência de Teodoro Potosky, na Colônia 5 e, depois, foi residir na Serra do Tigre. (SIEKLICKI, 2007)

Construiu-se uma capela a São Pedro, na margem direita do Rio Xarqueada, o que ampliou as residências ao redor e levou a criação do povoado. Com a chegada dos trilhos da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande, esse povoado fortaleceu-se na disputa com Rio Claro. Em 1903, foi inaugurada a Estação Férrea Marechal Mallet, em homenagem ao ministro da guerra Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, engenheiro militar, nascido em Bagé (RS). Com o passar do tempo, chegaram pessoas à localidade, que transformou-se em pólo comercial. (FERREIRA, 1996, p. 411)

Em 1908, São Pedro de Mallet tornou-se Distrito Judiciário. A partir do ano seguinte formaram-se mais núcleos coloniais. Em 1909, chegou outro grupo de imigrantes poloneses a Mallet e fundou a Colônia Vera Guarani, próxima a Rio Claro. E em 1912, transformou-se no município de São Pedro de Mallet, desmembrou-se de São Mateus do Sul, e Rio Claro passou a ser seu Distrito. A partir de 1929, passou para denominação de Mallet. (FERREIRA, 1996, p. 411) (Figura 01)

Em 1938, Mallet passou a incorporar outro distrito, Dorizon. (FERREIRA, 1996, p. 411) Este nome também é homenagem a um dos engenheiros militares que trabalharam na construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande. (WOUK, 1981, p. 17)

Mallet (Figura 01) apresenta uma paisagem de grande beleza. A Serra da Esperança é uma Área de Proteção Ambiental (APA), com aproximadamente mil e duzentos metros de altitude, possui vegetação ombrófila mista, *canions* e cachoeiras. Também, contém muitos morros, formados por rochas e uma pequena camada de solo fértil, por isso têm uma vegetação de pequeno porte. Na Serra do Tigre, entre Dorizon e Rio Claro do Sul, está localizada a igreja ucráina mais antiga do país. (GRENTESKI; SIEKLIKI, 2002, p. 23-25)

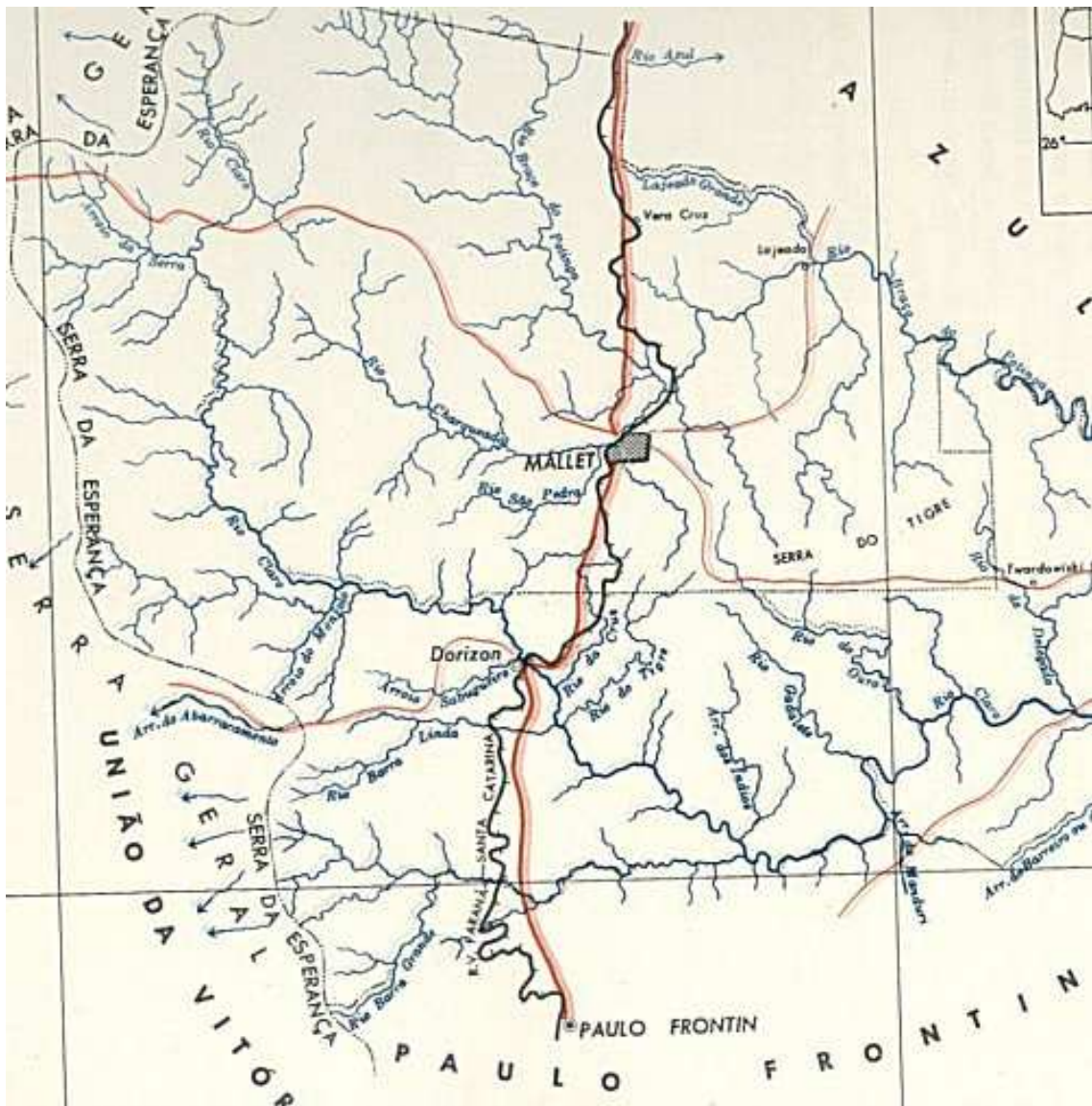


Figura 01: Município de Mallet

Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/mapas/mallet_mapa.jpg

O Rio Claro é o maior rio em extensão, nasce na localidade do Cerro Só e deságua no Rio Iguaçu, recebe muitos afluentes e forma várias quedas d' água, por

isso vários trechos de seu percurso são utilizados para atividades de lazer como banho, pescaria, entre outros. Sua mata ciliar é composta por vegetação ombrófila mista e de restinga. O Rio Braço do Potinga nasce no Cerro Só e deságua no Rio Potinga, em São Mateus do Sul, sua mata ciliar é de vegetação ombrófila mista e possui quedas d' água, corredeiras e represas, muito visitadas pela população. O Rio Charqueada nasce no Cerro Só e deságua no Rio Braço do Potinga e abastece o município, por meio da captação de água da Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR). O Rio Água Fria deságua no Rio Claro e a visitação só é permitida com a autorização dos proprietários das áreas. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 26 - 27)

O município de Mallet apresenta uma área de 764,6 quilômetros quadrados. Sua população urbana, em 2000, era de 6.862 pessoas e a rural, de 5.740, com um total de 12.602 habitantes. As pessoas de dez anos ou mais, ocupadas no meio urbano, eram 2.684 e no meio rural eram 3.132. (IBGE, 2000) Possui limites com os municípios de Rio Azul, São Mateus do Sul, Paulo Frontin, União da Vitória e Cruz Machado (Figura 02).



Figura 02: Localização do município de Mallet
 Fonte: http://www.mallet.pr.gov.br/Site_mallet/localizacao.asp

O maior produto interno bruto (PIB), em 2003, foi o da agropecuária (50.529 mil reais). (IBGE, 2003) No Censo Agropecuário de 1996, o pessoal ocupado estava concentrado nas áreas de 20 a menos de 50 hectares (2.177 pessoas), depois nas áreas de 10 a menos de 20 hectares (1.442 pessoas) e nas áreas de 5 a menos de 10 hectares (554 pessoas). E o pessoal ocupado na lavoura temporária era de um total de 3.783 pessoas. (IBGE, 1996)

Os produtos que apresentaram o maior valor em dinheiro pela produção, em 2005, na lavoura temporária, foram: fumo (14.936 mil reais), milho (13.630 mil reais) e soja (8.775 mil reais). Comparando-se os dois primeiros colocados, para se obter aproximadamente o mesmo valor pela produção, o milho precisaria de uma área superior em seis vezes a necessária para o cultivo do fumo e de uma produção mais de 15 vezes maior. (IBGE, 2005)

A produção de fumo está concentrada na região Sul do Paraná, onde predomina a pequena propriedade. É uma atividade realizada por agricultores familiares. Na safra de fumo de 2002 / 2003 a região de Irati, em que se inclui Mallet e Rio Azul, teve participação de 24% na produção do Paraná, a maior do estado. Depois está a região de Francisco Beltrão, com 17% e de Ponta Grossa, com 16%, entre outras. (SEAB/DERAL, 2003, p. 34-35)

Os efetivos de pecuária e aves, em 2005, foram em maior número: o de galos, frangas, frangos e pintos (173.600), seguido das galinhas (32.500), suínos (15.860) e bovinos (7.423), entre outros. E os produtos de origem animal produzidos foram o leite (1.100 mil litros), os ovos de galinha (186 mil dúzias), o mel de abelha (19.000 quilogramas) e a lã (3.680 quilogramas). (IBGE, 2005)

Como a economia de Mallet está voltada, sobretudo, à agropecuária, e como há um grande diferencial do município em termos naturais e culturais, acredita-se que a atividade turística pode vir a agregar valor à produção. Uma peculiaridade cultural do município é a presença das etnias polonesa e ucraina, além da permanência de um faxinal.

No passado sabe-se que existiam pelo menos quatro faxinais, o denominado Bairro dos Lima (caboclo), em que no início do povoamento de Mallet residia apenas a família Lima nessa localidade, o Faxinal do Troian (descendentes de poloneses), o Faxinal Lageado de Cima e o Faxinal Lageado de Baixo. Hoje, três deles encontram-se organizados como localidades rurais baseadas na pequena propriedade, que não

possuem as características constituintes do faxinal, permanecendo apenas o último. (SOBENKO, J.; SOBENKO, S., 2005)⁸

Uma iniciativa da prefeitura para estimular o turismo no município foi o desenvolvimento do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”. Trata-se de uma proposta que visa articular diferentes recursos naturais e culturais da zona rural do município, que possibilita ao turista desfrutar de um roteiro rico e variado. E que as propriedades integrantes desse circuito possam agregar renda, com a venda de sua produção e com a prestação de serviços ao turista. Esta proposta será apresentada a seguir.

3.2 O FAXINAL NO “CIRCUITO POLONÊS-UCRANIANO DE TURISMO RURAL”

A Prefeitura Municipal de Mallet organizou, em 2002, um roteiro turístico que reuniu os atrativos turísticos locais, relacionados às etnias, em um “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural” (Figura 03). Neste integra-se o Faxinal Lageado de Baixo⁹.

Em 2003 e 2004 o circuito foi aperfeiçoado, com a exclusão de alguns atrativos e a inclusão de outros. Dessa forma, percebe-se uma preocupação em aprimorá-lo, constantemente. Esse circuito¹⁰ possui 56 atrativos (APÊNDICE), os quais se enquadram em vários segmentos da atividade turística, como turismo no espaço rural, ecoturismo, turismo cultural e turismo de lazer (Quadro 02).

⁸ Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, por João Sobenko e Sergio Sobenko, em 12 de Dezembro de 2005.

⁹ O Faxinal Lageado dos Mello faz parte do município de Rio Azul, entretanto, é separado do Faxinal Lageado de Baixo apenas pelo rio Lageado, que marca a divisa dos dois municípios e também dos dois faxinais.

¹⁰ O circuito apresenta, atualmente, atrativos que não constam, necessariamente, no Inventário Turístico do Município de Mallet, elaborado em 2002. E existem recursos turísticos que não estão nos circuitos de 2002 e 2003/2004, nem no inventário, mas Mário Aleixo Sieklicki, funcionário da prefeitura municipal e responsável pelo turismo, está providenciando atualizações para 2007/2008.

SEGMENTO DO TURISMO	QUANTIDADE DE ATRATIVOS	ATRATIVOS
TURISMO NO ESPAÇO RURAL	12	Faxinal Lageado de Baixo *
		Agropesca São Pedro
		Pesque-pague São Braz
		Recanto Baly
		Sítio São Miguel
		Cantina Tratz
		Tratz
		Grenteski & Tomal
		Vila Rural
		Frutas Drevnowski
		Romanichen
		Sítio Kovalczyk
ECOTURISMO	16	Faxinal Lageado de Baixo*
		Reserva Althea
		Morros Pelado; dos Vidal; dos Canudos e Bordun
		Salto do Tombo
		Quedas d' água de Trombudas
		Salto Iracema
		Salto do Vicinal 11
		Salto Letzko
		Salto Zagurski
		Salto Baran
		Salto Grzelczak
		Salto Braço do Potinga
		Fonte de água mineral sulfurosa Dorizzon*
		Gruta Nossa Senhora de Lourdes
Gruta Chovedeira		
Caverna Kovalski		
TURISMO CULTURAL	23	Faxinal Lageado de Baixo *
		Igreja São José
		Igreja Sagrado Coração de Jesus
		Igreja São Pedro
		Igreja São Miguel Arcanjo
		Igreja Divino Espírito Santo
		Santuário Diocesano N. Sra. do Rosário
		Gruta Nossa Senhora de Lourdes
		Pierogui, golabki, kotlety, bigos, jajeczina z kielbasa, etc.
		Perochê, rolopti, borchtch, ponzek, kapuchiak, drahli e cutiak.
		Grupo Folclórico Mazury
		Grupo Folclórico Spomen
		Bordados, crochê, flores de papel, trabalhos em palha, etc.
		Bordados em ponto cruz, pëssankas e trabalhos em madeira.
		Artesanato com lã de carneiro
		Artesanato em palha
		Residência de Julio Monczak
		Prefeitura Municipal de Mallet
		Moinho colonial, da Represa Rio Bonito*
		Moinho colonial, da Represa Rehbein
SERPASTA		
Empresa SEPAC		
TURISMO DE LAZER	10	Faxinal Lageado de Baixo *
		Hotel Fazenda Hidromineral Dorizzon *
		Parque dos Imigrantes
		Represa Rio Bonito *
		CTG Brasido da Tradição
		Pesque-pague Ogrodoski
		Pesque-pague Bielac
		Pesque-pague São Pedro
		Pesque-pague Bozek
Pesque-pague Davies		
Pesque-pague Guerino		

Quadro 02: Segmentos turísticos do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”
Org.: FERREIRA, P.

Nota: * atrativos que são repetidos em mais de uma classificação

Os atrativos turísticos do circuito foram ainda classificados em: atrativos naturais e atrativos culturais, mas não houve a preocupação em exauri-los nessa classificação. Os atrativos naturais foram agregados em: Unidades de Conservação, Morros, Fontes, Saltos e Quedas D'água, Grutas e Cavernas (Quadro 03).

CLASSIFICAÇÃO	NOME	LOCALIDADE
UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	Faxinal Lageado de Baixo*	Lageado de Baixo
	Reserva Althea	Serra do Tigre
MORROS	Morro Pelado; Morro dos Vidal; Morro dos Canudos; Morro Bordun	Desde a Colônia Dúlcio até a Viscinal 10 e 11
FONTES, SALTOS E QUEDAS D' ÁGUA	Fonte de água mineral sulfurosa Dorizzon*	Hotel Fazenda Hidromineral Dorizzon
	Salto do Tombo	Santa Cruz do Rio Claro
	Quedas d' água de Trombudas	Faxinal dos Trojan
	Salto Iracema	Lajeadoinho
	Salto do Vicinal 11	Vicinal 11
	Salto Letzko	Viscinal 2
	Salto Zagurski	Colônia 5
	Salto Baran	Colônia 5
	Salto Grzelczak	Colônia 1
	Salto Braço do Potinga	Colônia 5
	Represa Rio Bonito	Rio Bonito
CAVERNAS E GRUTAS	Caverna Kovalski	Linha Norte
	Gruta Nossa Senhora de Lourdes	Rio Claro do Sul
	Gruta Chovedeira	Santa Cruz do Rio Claro

Quadro 03: Atrativos naturais do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”

Fonte: LUS, adaptado pela autora.

Muitos atrativos naturais do circuito localizam-se em áreas de densa vegetação nativa e ricas em espécies de animais. Para que não haja uma degradação desses ambientes, torna-se necessário limitar o acesso das pessoas, por meio de uma fiscalização adequada. Para isso pode ser utilizado o mecanismo de distribuir os turistas pelos vários atrativos naturais existentes e de controlar o acesso aos locais mais procurados.

No Quadro 04 aparecem os atrativos culturais do circuito. Eles foram agregados segundo a seguinte classificação: Religiosidade, Gastronomia, Folclore, Artesanato, Técnico-Científico, Histórico-Arquitetônico e Comunidades Tradicionais.

ELEMENTOS CULTURAIS	NOME	ETNIA	LOCALIDADE
RELIGIOSIDADE	Igreja São José	ucraína	Dorizzon
	Igreja Sagrado Coração de Jesus	ucraína	Área urbana de Mallet
	Igreja São Pedro	polonesa	Área urbana de Mallet
	Igreja São Miguel Arcanjo	ucraína	Serra do Tigre
	Igreja Divino Espírito Santo	ucraína	Colônia 5
	Santuário Diocesano Nossa Senhora do Rosário	polonesa	Rio Claro do Sul
	Gruta Nossa Senhora de Lourdes	polonesa	Rio Claro do Sul
GASTRONOMIA	Pierogui, golabki, kotlety, bigos, jajeczina z kielbasa, barszcz, kapusniak polski, rosól, kutia, etc.	polonesa	Festas nas igrejas São Pedro e Nossa Senhora do Rosário
	Perochê, rolopti, borchtch, ponzek, kapuchiak, drahli e cutiak.	ucraína	Festas nas igrejas São Miguel Arcanjo, São José, Divino Espírito Santo e Sagrado Coração de Jesus.
FOLCLORE	Grupo Folclórico Mazury	polonesa	Clube Malletense
	Grupo Folclórico Spomen	ucraína	Igreja Sagrado Coração de Jesus
	CTG Brasido da Tradição	–	Colônia Charqueada
ARTESANATO	Bordados, crochê, recortes em papel colorido, flores de papel, trabalhos em palha, pissanki, etc.	polonesa	Festas populares, religiosas e feiras.
	Bordados em ponto cruz, pêsankas e trabalhos em madeira.	ucraína	Festas populares, religiosas e feiras.
	Artesanato com lã de carneiro	polonesa	Faxinal dos Trojan
	Artesanato em palha	–	Bairro dos Lima Vila Rural Hotel Fazenda Hidromineral Dorizzon
TÉCNICO-CIENTÍFICO	Moinho colonial, da Represa Rio Bonito *	–	Represa Rio Bonito
	Moinho colonial, da Represa Rehbein	–	Colônia Volta Grande
	Serpasta	–	Colônia Volta Grande
	Empresa Sepac	–	Lajeadozinho
HISTÓRICO-ARQUITETÔNICO	Residência de Julio Monczak	ucraína	Colônia 5
	Prefeitura Municipal de Mallet	–	Área urbana de Mallet
	Parque dos Imigrantes	Ucráína/ polonesa	Área urbana de Mallet
COMUNIDADE TRADICIONAL	Faxinal Lageado de Baixo *	ucraína	Lageado de Baixo

Quadro 04: Atrativos culturais do “Circuito Polônês-Ucraniano de Turismo Rural”

Fonte: LUS, adaptado pela autora.

Quase todos os atrativos culturais são relacionados às etnias polonesa e ucráina, destacam-se as manifestações religiosas. A gastronomia “típica” é encontrada principalmente nas festas das igrejas. O artesanato também pode ser encontrado nessas festas e em outras, como a do Kiwi e da Ameixa. Como se trata de um município com características predominantemente rurais, também os atrativos localizados no espaço urbano integram o circuito, entre eles: o prédio da Prefeitura Municipal e o Parque dos Imigrantes.

É preciso avaliar a quantidade de turistas que não cause impacto negativo nos modos de vida dos habitantes e que estes estão dispostos a receber. Para um turismo sustentável precisa haver uma relação de respeito e cordialidade mútua entre turista e população local. Esta deve ser consultada se deseja a atividade no município, além de participar efetivamente do seu planejamento e gestão. Horwich et al. (1995, p. 281), aponta, neste sentido, que “Turistas e grupos de turistas devem ser gentilmente administrados, de acordo com as necessidades dos recursos naturais e necessidades e anseios da população local.”

O Faxinal Lageado de Baixo aparece tanto como atrativo natural quanto cultural. Os faxinais, de modo geral, apresentam essa característica de integração. O criadouro comunitário é onde os faxinalenses conservaram a Floresta com Araucária e também o seu modo de vida. Ali eles moram, desenvolvem suas relações de sociabilidade, criam seus animais e praticam atividades extrativistas.

Embora o Faxinal Lageado de Baixo integre o “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”, ainda não existe uma atividade turística efetiva na comunidade. Acredita-se que ela seja possível, entretanto, a visitação ao faxinal seria interessante apenas nas áreas de campo, na antiga escola e, sobretudo, na Capela Ucráina Nossa Senhora Rainha da Paz; nas áreas de floresta limpa, onde estão as residências; e nas áreas de desmatamento dos fios de alta tensão. Desta forma seria evitada uma degradação do ambiente.

Os faxinais em estudo, hoje, não apresentam tratamento de resíduos adequado e ocorre falta de água em períodos de estiagem prolongada. Quando existem problemas de manutenção do cascalho das estradas e uma grande quantidade de chuvas, o acesso a eles é dificultado. Talvez seja necessária a abertura ou aproveitamento de trilhas nos solos mais resistentes, além de serem necessárias outras ações para o desenvolvimento de um turismo sustentável.

Acredita-se ainda que a visitação turística no faxinal deveria integrar as comunidades do Lageado de Baixo, no município de Mallet, como exemplo de faxinal ucraniano, e do Lageado dos Mello, no município de Rio Azul, como exemplo de faxinal caboclo. A viabilidade de um turismo comunitário nesses dois faxinais é tematizada no próximo capítulo.

4 FAXINAIS E TURISMO COMUNITÁRIO: POTENCIALIDADES DOS FAXINAIS LAGEADO DE BAIXO E LAGEADO DOS MELLO

O turismo comunitário pode servir como um instrumento de aprendizado para a sociedade moderna. A partir da visita a povos tradicionais e seus territórios, ao ambiente natural e cultural deles, os turistas podem ser sensibilizados para uma utilização sustentável da natureza, uma sociabilidade e uma racionalidade produtiva diferenciada. E para as comunidades que abandonaram as práticas sustentáveis, pode permitir, a partir de sua história, o aprendizado de uma relação mais próxima com a natureza e com seu conhecimento tradicional. O turismo pode, portanto, ser um espaço para recuperação e troca de conhecimentos. Também pode proporcionar maior visibilidade a povos e comunidades tradicionais.

A partir de estudos sobre atividades econômicas sustentáveis e relações produtivas solidárias, é possível a realização do desenvolvimento de base comunitária e da conservação ambiental, isto com o apoio da sociedade civil, do Estado e do mercado. (SAMPAIO, 2005, p. 62, 76, 113) Acredita-se nesse caminho como uma alternativa para os faxinais em estudo.

Procurou-se, portanto, nesse capítulo levantar a potencialidade dos faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello para o turismo comunitário, bem como, fornecer subsídios para uma atividade futura que aponte nessa direção. Aplica-se aqui as reflexões teóricas elaboradas a partir da Ecologia Social. Primeiramente, entretanto, é preciso apresentar a metodologia que permitiu o acesso aos dados e informações apresentados neste capítulo: a observação participante. Na sequência, volta-se para a história dos faxinais em estudo, considerando os faxinalenses como sujeitos da mesma; as características físico-ambientais de seu território, sobretudo o de uso coletivo; e por fim suas características culturais, reforçando as festas de caráter comunitário.

4.1 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE COMO METODOLOGIA

A primeira visita aos faxinais Lageado de Baixo, no município de Mallet, e Lageado dos Mello, em Rio Azul, foi com o Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, em dezembro de 2005. A coordenadora do grupo,

orientadora desta dissertação, conhecia o funcionário da Prefeitura de Mallet responsável pelo turismo, Sr. Mário Aleixo Sieklicki, e agendou uma visita ao município. Mário organizou o roteiro e guiou o grupo pesquisa por grande parte do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”, em 12 e 13 de dezembro, para conhecer atrativos turísticos e registrar informações.

Ele também foi importante no primeiro contato com um líder desse faxinal, Sérgio Sobenko, presidente da “Associação do Lageado de Baixo”, e seu pai, João Sobenko. Foram realizadas entrevistas não-estruturadas com João e Sérgio Sobenko, além de documentação fotográfica preliminar. Eles indicaram a família de Maria da Silva para entrevistar no Faxinal Lageado dos Mello, pois ela é descendente da família Mello (a primeira que residiu na localidade). Os primeiros obstáculos nesse primeiro contato foram o estranhamento e a inibição em relação aos pesquisadores e seus equipamentos (gravador e máquina fotográfica). Nessa primeira visita foi possível ter acesso à documentação que a prefeitura dispunha sobre o Faxinal Lageado de Baixo.

As diferenças culturais e de linguagem foram sendo minimizadas no decorrer da pesquisa, por meio da observação participante:

Normalmente, os sociólogos usam este método quando estão especialmente interessados em compreender uma organização específica ou um problema substantivo, em vez de demonstrar relações entre variáveis abstratamente definidas. Eles se esforçam para dar um sentido teórico a suas pesquisas, mas presumem que *a priori* não conhecem o bastante sobre a organização para identificar problemas e hipóteses relevantes, e que precisam descobri-los no decorrer de sua pesquisa [...] (BECKER, 1997, p. 48)

Na visita do dia 12 de dezembro, a família Sobenko forneceu seu telefone de contato, o que foi importante para que eu pudesse planejar e marcar com antecedência a próxima ida a campo e evitar chegar de surpresa e no horário de trabalho, como ocorreu na primeira visita.

Foi levantado, na primeira visita ao faxinal, que as celebrações religiosas da Páscoa da Capela Ucrânia Nossa Senhora Rainha da Paz são importantes para os faxinalenses descendentes de ucranianos. Portanto, participei de todos os festejos de 14 a 17 de abril de 2006, apesar de nesse momento, não ser prioridade da pesquisa estudar a religiosidade. Esta convivência por vários dias, me permitiu estabelecer contato com a comunidade e iniciar o estabelecimento de laços de confiança, o que foi muito importante para o sucesso da pesquisa empírica.

No segundo trabalho de campo, iniciado em 13 de abril de 2006, a experiência foi individual, não tive acompanhamento do grupo de pesquisa. Nessa vez foi essencial a contribuição do Sr. Dejair de Jesus Padilha, que na época era Secretário de Agricultura de Mallet, que viabilizou meu transporte da sede do município até o faxinal, pois optei em ficar no hotel para fazer a aproximação com a comunidade, aos poucos, e não constranger os faxinalenses.

Primeiro, me desloquei ao Faxinal Lageado de Baixo, à residência da família Sobenko, para confirmar a presença nas celebrações religiosas da Semana Santa e confirmar os horários dos cultos. Acompanhei a família no espaço da capela e da sua residência. Fui muito bem tratada como visita e me senti acolhida como igual, o que eliminou minha preocupação em estar sendo inconveniente, estar invadindo a esfera familiar, causando constrangimento. Por meio da família Sobenko consegui familiaridade com toda a comunidade do Faxinal Lageado de Baixo e, posteriormente, do Lageado dos Mello, pois a minha proximidade com essa família despertava a confiança nas outras.

Particpei também das celebrações pascais na esfera privada, no sábado (15/04) e, após a benção das cestas de alimentos, fui para casa da família Sobenko na qual pernoitei. No dia seguinte participei do café da manhã com os alimentos bentos da cesta. Nesse momento, não pretendia uma grande inserção na vida doméstica dos faxinalenses, mas o Dejair não podia me levar ao faxinal no domingo, então a situação me possibilitou essa inserção não planejada, pois fui convidada pelo dono da residência a me hospedar ali. Nos dias seguintes optei por retornar ao hotel.

Acredito ser importante para o observador participante o bom senso e a sensibilidade para perceber o nível de participação que as pessoas lhe permitem e que possibilite o sucesso das participações posteriores e o nível em que o pesquisador está disposto e preparado para participar.

[...] Pesquisas qualitativas são de natureza tal que têm menos probabilidade que suas colegas quantitativas de serem explícitas sobre seus métodos. As situações de pesquisa qualitativa incentivam, poder-se-ia dizer *exigem*, a improvisação, e muitos pesquisadores qualitativos sentem que suas soluções *ad hoc* para os problemas de campo têm pouco valor fora da situação que as evocou. [...] (BECKER, 1997, p. 14, grifo do autor)

Os ucrainos comemoram a Páscoa no domingo, segunda e terça-feira.

Particpei do almoço do domingo de Páscoa (16/04) na família Firman e no almoço da segunda-feira (17/04) na família Sobenko.

Em 28 de abril de 2006, retornei a residência da família Sobenko para esclarecer incompreensões minhas sobre as observações das celebrações religiosas da Páscoa. Utilizei-me da técnica de entrevista não-estruturada.

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou. (BECKER, 1997, p. 47)

Em 13 de abril de 2006, fiz o primeiro contato com a Prefeitura Municipal de Rio Azul. Fui em busca de documentação sobre o Faxinal Lageado dos Mello. Tive acesso a um mapa do faxinal, entretanto, só pude fotografá-lo. Em 22 de junho, retornei a Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Rio Azul em busca dos documentos que disseram lá existir durante a primeira visita, todavia, não tive êxito. Em 13 de julho, retornei novamente e, então, obtive o “Levantamento Planimétrico”, a “Relação dos Proprietários e Pessoas que se utilizam do Criador em Comum” e cópia do mapa do Faxinal Lageado dos Mello.

As entrevistas não-estruturadas foram realizadas com os líderes comunitários e os moradores que residem há mais tempo nos faxinais: Sr. João Sobenko e seus filhos Sérgio, Sônia e Cláudio, habitantes do Faxinal Lageado de Baixo, em várias ocasiões; Sr. Emílio Sembai, morador do Faxinal Lageado dos Mello, em 14 de abril de 2006. No dia 23 de junho de 2006, realizei entrevistas com: o casal Sra. Ana e Sr. Clemente Firman (Lageado dos Mello); Sr. Lauro e Sra. Cecília Skrepec (Lageado de Baixo); Sra. Tereza Sotoski Trindade e seu filho Ezequiel da Silva, conhecido como Zico; e Sr. Vitor Iankovski (Lageado dos Mello). No dia 24 de junho de 2006, entrevistei ainda o Sr. Valdomiro Antoniv e sua esposa (Lageado dos Mello).

As duas comunidades pesquisadas trabalham com a fumicultura. Assim, como no mês de julho não se trabalha com o fumo, que é a atividade que toma a maior parte do tempo dos faxinalenses, havia planejado uma participação maior no cotidiano faxinalense, numa imersão de um mês de duração. Mas, houve uma grande estiagem e, como consequência, ocorreu falta de água para o consumo diário dos faxinalenses. Desta forma, tive que desistir dos meus planos, o que

certamente prejudicou o desempenho da pesquisa.

Esta imersão nas comunidades seria de fundamental importância:

[...] Porque em todos mundos sociais todas as instituições da vida estão interligadas de tal sorte e de tal maneira se explicam através da posição que ocupam e da função que exercem no interior da vida social total, que somente uma apreensão pessoal e demorada de tudo possibilita a explicação científica *daquela* sociedade. Porque, também, o primeiro fio de lógica do pesquisador deve ser não o seu, o de sua ciência, mas o da própria cultura que investiga, tal como a expressam os próprios sujeitos que a vivem. Estava inventada a *observação participante*. (BRANDÃO, 2001, p. 12, grifo do autor)

O acompanhamento das comunidades não ocorreu apenas *in loco*. Participei da reunião da Rede Faxinal, realizada no dia 30 de junho de 2006, em Curitiba, para acompanhar as discussões a respeito de um fato ocorrido no Faxinal Lageado dos Mello: o cercamento de aproximadamente metade da área do criadouro. Isto foi realizado pela empresa Abbaspel que comprou a propriedade da antiga fábrica de pasta de papel Popasa, localizada no criadouro comunitário.

Entrei também em contato com os senhores Hamilton José da Silva e Acir Túlio, coordenadores da Articulação Puxirão, para participação da reunião no Lageado dos Mello, realizada em 14 de julho. Outra ocasião em que não havia planejado *a priori* participar. Na pesquisa participante e na pesquisa-ação existe a necessidade de participar da vida política da comunidade, porém, na observação participante o pesquisador opta pela participação de acordo com seu envolvimento e suas possibilidades: tempo, recursos financeiros, humanos, materiais, etc.

Mas o limite da redefinição a alteridade tem acontecido, entre muitos de nós, pesquisadores, quando o outro, próximo, enquanto um sujeito vivo mas provisório da “minha pesquisa”, torna-se o companheiro de um compromisso cuja trajetória, traduzida em trabalho político e luta popular, obriga o pesquisador a repensar não só a posição de sua pesquisa, mas também a de sua própria pessoa. A relação de participação da prática científica no trabalho político das classes populares desafia o pesquisador a ver e compreender tais classes, seus sujeitos e seus mundos, tanto através de suas pessoas nominadas, quanto a partir de um trabalho social e político de classe que, constituindo a razão da prática, constitui igualmente a razão da pesquisa. Está inventada a pesquisa participante [...]. (BRANDÃO, 2001, p. 13)

O Sr. Vitor Iankovski, representante dos faxinais no Conselho Gestor do Território Centro-Sul do Paraná, na Articulação Puxirão, no Conselho Municipal, etc., teve a iniciativa de buscar ajuda externa quando a Abbaspel começou a cercar a

propriedade recém adquirida. Ele acionou seus contatos rapidamente, dando visibilidade para o problema. A urgência da situação fez com que ele agisse dessa maneira, o que causou choque entre poderes externos concorrentes, que atuam nos faxinais, mas a atuação de Ongs em comunidades de faxinais daria uma outra Dissertação de Mestrado.

Em 14 de julho de 2006 a reunião da Articulação Puxirão, no Faxinal Lageado dos Mello, teve início com a leitura de um versículo da Bíblia (Mq 2, 1-5). Depois representantes do Faxinal do Salto, Marmeleiro de Baixo, Bom Retiro, Água Amarela, Marmeleiro de Cima ou Soares, Faxinal dos Seixas, Lageado de Baixo, Lageado dos Mello, Emboque, apresentaram um comparativo entre o faxinal antes e depois do movimento, que surgiu há 8 meses, e o mapa que cada comunidade fez numa outra reunião. Teve a entrega de alguns abaixo-assinados de apoio à resistência contra o cercamento da área da empresa Abbaspel. Ficou decidido realizar uma reunião no dia 18 de julho entre o prefeito de Rio Azul, o promotor de justiça de Rebouças e a Articulação Puxirão para decidir a questão. Em caso de fracasso dessa iniciativa, havia a opção de encaminhar uma denúncia ao Ministério Público Federal.

Pelo envolvimento que eu tive com os faxinalenses, senti a obrigação de tentar ajudar na resolução desse problema. O único meio que eu encontrei para auxiliar foi “sensibilizar” o oficial de justiça para antecipar o cumprimento da Carta Precatória.

Em dezembro de 2006, retornei ao Faxinal Lageado de Baixo para participação da celebração religiosa e de comemorações do Natal. Os festejos ocorreram nos dias 25, 26 e 27 de dezembro.

Num processo de imersão na cultura local, fiquei hospedada na residência da família Sobenko, de 22 a 28 de dezembro de 2006. Em 22 e 23 de dezembro, levantei informações prévias a respeito do Natal e sobre os sacramentos realizados no faxinal.

Em 24 de dezembro, às dez horas da manhã, participei da Liturgia de Natal e durante a tarde percorri o Faxinal Lageado de Baixo, acompanhada de Sérgio Sobenko, para fazer a marcação com GPS dos pontos das casas, dos portões do criadouro, mata fechada, estradas, entre outros. Nesse mesmo dia, às 21 horas, participei da ceia da família Sobenko. Em 25 de dezembro de 2006, acompanhei a família Sobenko, indo almoçar na casa da família Firman e jantar na residência de

José Kuczer. Assisti a “kolenda” (cantos de natal no idioma ucraniano) na casa de João Sobenko. Quando os cantores chegaram à residência, tocaram uma sineta para avisar os moradores. Depois da “kolenda” foram servidos a eles bolo, bolacha, pinga, cerveja, entre outros. Eles receberam também uma quantia em dinheiro para a igreja.

Gostaria de ter acompanhado a “kolenda”, mas eles percorreram a pé aproximadamente 20 quilômetros e meu preparo físico não me permitiria isso. No dia 26 de dezembro, participei do almoço e do jantar da família Sobenko. Em 27 de dezembro, pela manhã, eu e Sérgio Sobenko percorremos o Faxinal Lageado dos Mello para marcar pontos com GPS. A tarde fomos as residências dos Firman e do Vitor (lideranças desse faxinal) mostrar o mapa de uso da terra feito por um companheiro da equipe de pesquisa (Felipe D. da Guia) a partir de uma imagem de satélite disponibilizada no “Google Earth”, para que eles fizessem uma análise e apontassem os erros. Almocei e jantei na residência dos Sobenko. Encerrando a pesquisa empírica.

Com esta experiência, consegui confirmar a fala de Brandão (2001, p. 8):

[...] só se conhece em profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura, quando através de um envolvimento – em alguns casos, um comprometimento – pessoal entre o pesquisador e aquilo, ou aquele, que ele investiga. Outra: não é propriamente um método objetivo de trabalho científico que determina *a priori* a qualidade da relação entre os pólos da pesquisa, mas, ao contrário, com frequência é a intenção premeditada, ou a evidência realizada de uma relação pessoal e/ou política estabelecida, ou a estabelecer, que sugere a escolha dos modos concretos de realização do trabalho de pensar a pesquisa. Uma última: em boa medida, a lógica, a técnica e a estratégia de uma pesquisa de campo dependem tanto de pressupostos teóricos quanto da maneira como o pesquisador se coloca *na* pesquisa e *através* dela e, a partir daí, constitui simbolicamente o *outro* que investiga.

Neste caso foi a qualidade da relação pessoal estabelecida que permitiu conhecer o faxinal e realizar a pesquisa. Mas, pelo pequeno período de tempo disponível, não apreendi em profundidade a vida dos faxinalenses e não pude realizar uma pesquisa participante nem uma pesquisa-ação. Pois o envolvimento e o comprometimento apenas são estabelecidos com o passar do tempo.

4.2 HISTÓRICO DAS COMUNIDADES EM ESTUDO

Para organização do histórico que segue, utilizou-se de documentação elaborada pela Prefeitura Municipal de Mallet sobre o histórico do Faxinal Lageado de Baixo. Esta documentação apoiou-se em técnica de história oral e teve como fonte Nicolau Grenteski, que na época da realização da presente pesquisa já era falecido. Essas informações foram checadas e complementadas através de entrevistas com faxinalenses.

Os aspectos históricos, socioculturais, econômicos, políticos e físicos dos faxinais foram descritos e explicados enquanto complexos simbólicos, com a captura de seus elementos mais aparentes ¹¹, por meio de observação participante, entrevistas não-estruturadas com faxinalenses e mapeamento participativo. Acredita-se que para apresentação de alternativas socioeconômicas - como o turismo de base comunitária - para esses faxinais, primeiramente, é preciso tentar apreender a sua complexidade.

Nicolau Grenteski relata que até aproximadamente 1930 ou 1940, havia um grande faxinal que compreendia os dois lados do Rio Lageado. (PMM, 1999) Assim, os dois faxinais em estudo – Lageado de Baixo e Lageado dos Mello – eram no passado um único faxinal.

Salvador Mello, o primeiro morador desse grande faxinal, morava em uma residência de tábuas de Imbuia construída em 1877, localizada onde hoje está a propriedade de Lauro Skrepec, do Rio Lageado em direção ao município de Mallet. Nessa mesma residência residiu, posteriormente, Francisco Mello. Então, pode-se inferir por meio da data contida numa viga dessa casa, que sua ocupação iniciou-se há, no mínimo, cento e trinta anos atrás. (SKREPEC, L., 2006) ¹²

Do Rio Lageado em direção à Rio Azul, o primeiro habitante foi Paulo Mello. Por isso a localidade foi denominada Lageado dos Mello. Outra família que foi uma das pioneiras, nessa mesma margem do rio, foi a de Francisco Vieira. (PMM, 1999) O “Vieira” era irmão ou parente dos “Mello” e veio junto com eles. (ANTONIV;

¹¹ Para um estudo mais aprofundado das especificidades culturais desses faxinais acredita-se ser preciso morar nessas localidades por, no mínimo, um ano, ou freqüentá-las por mais de um ano, pois no início o pesquisador é considerado um estranho na comunidade que mantém um certo distanciamento dele, mas com o passar do tempo de convivência, o pesquisador passa a fazer parte da vida das pessoas.

¹² Informação concedida à autora por Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

SKREPEC, L., 2006) ¹³ As terras eram do governo (terras devolutas). Esses primeiros moradores as requereram e depois as “lotearam”. (SEMBAI, 2006) ¹⁴

Os “Mello” não faziam lavoura, como tinha muita caça, “a vida deles era só caçar”. (SEMBAI, 2006) ¹⁵ “Francisco Mello tinha grandes áreas, mas não era adepto ao trabalho, sobrevivendo das trocas de suas madeiras em Serrarias e de partes de suas áreas, por alimentos e bens móveis”. Por isso, aos poucos, se desfez de suas terras e doou parte delas a seus filhos. Estes, com o passar do tempo, venderam as propriedades e mudaram-se. (PMM, 1999) Cada filho herdou doze alqueires. (SKREPEC, L., 2006) ¹⁶

Paulo Mello adorava corrida de cavalos e para ter esse lazer ia para municípios distantes, além de negociar parcelas de suas terras. Doou áreas a seus filhos, e depois de seu falecimento, eles comercializaram-nas. Francisco Vieira, aos poucos, se desfez de suas propriedades e deixou partes a seus filhos, que também as venderam. (PMM, 1999) No Lageado dos Mello moravam dezesseis famílias “Mello”. Mas estes foram, gradativamente, vendendo suas terras. (SILVA, M. da, 2005) ¹⁷

Na década de 1920, chegaram aos faxinais em estudo os descendentes de ucranianos. Grande parte deles saiu da Colônia 6, próxima ao local, e, alguns, do Faxinal Lageado de Cima. (SKREPEC, L., 2006) ¹⁸ Tudo era um “taquaral” (mato fechado), com muito Pinheiro e Imbuia. Os primeiros ucranianos compraram suas propriedades dos “Mello”. (ANTONIV, 2006) ¹⁹ Essa venda não era necessariamente

¹³ Informação concedida à autora por Valdomiro Antoniv, um dos faxinalenses mais idosos da localidade, morador do Faxinal Lageado dos Mello, em 24 de junho de 2006 e Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

¹⁴ Informação fornecida à autora por Emílio Sembai, um dos faxinalenses mais idosos da localidade, morador do Faxinal Lageado dos Mello, em 14 de abril de 2006.

¹⁵ Informação fornecida à autora, por Emílio Sembai, em 14 de abril de 2006.

¹⁶ Informação concedida à autora por Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

¹⁷ Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, por Maria da Silva, ex-moradora do Faxinal Lageado dos Mello, em 12 de Dezembro de 2005.

¹⁸ Informação concedida à autora por Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

¹⁹ Informação concedida por Emílio Sembai, em 14 de abril de 2006, e Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

por dinheiro, também se realizavam trocas. Geralmente, os “brasileiros”²⁰ trocavam suas terras por comida, porque não tinham o que comer. A maioria deles era pobre. (SOBENKO, J., 2005)²¹

Provavelmente, o Faxinal Lageado dos Mello e o Lageado de Baixo, no passado, tinham a mesma denominação, a do primeiro, devido à família Mello. Mas, a barreira física do Rio Lageado fazia com que, na prática, fossem dois faxinais distintos.

A parte do faxinal do Rio Lageado em direção à Mallet teve o seu nome de Lageado dos Mello mudado para Lageado do Barreiro, sendo que os “[...] atuais moradores não sabem o porquê deste nome [...]”. Posteriormente, seu nome mudou para Lageado de Baixo, o qual permanece até hoje. (PMM, 1999)

“Lageado” é o nome do rio que percorre o faxinal e que, a partir de 1950, tornou-se o limite entre o município de Mallet e o de Rio Azul. “De baixo” porque está na parte mais baixa do curso do rio. O Rio Lageado tem sua nascente no “Lageado de Cima” (parte mais alta) e desemboca no Rio Braço do Potinga. (PMM, 1999)

O Faxinal Lageado de Baixo teve sua área reduzida no ano de 1938, pois os faxinalenses tiveram que construir um mata-burro e cercas para impedir que famílias, originárias de São Paulo, que moravam nas proximidades, continuassem a maltratar seus animais que viviam soltos. (PMM, 1999) Antigamente, esse faxinal ia até a propriedade dos Siuta, entretanto, ele foi gradativamente diminuindo. (SOBENKO, S.; SOBENKO, J., 2005)²²

Observa-se através dos relatos, que no passado todas as áreas que compreendem os dois faxinais em estudo pertenciam a um único faxinal aberto, ou seja, sem delimitação do criadouro comunitário. A divisão entre terras de criar e terras de plantar parece ter ocorrido, apenas, na década de 1930. No criadouro

²⁰ Nesta pesquisa houve um esforço em utilizar o vocabulário dos próprios faxinalenses. E como grande parte dos que moram há mais tempo na localidade é descendente de ucranianos, durante as entrevistas, eles chamavam os outros faxinalenses de “brasileiros”, para estabelecer a diferenciação.

²¹ Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, por João Sobenko, morador do Faxinal Lageado de Baixo, em 12 de Dezembro de 2005.

²² Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, por João Sobenko e Sergio Sobenko, moradores do Faxinal Lageado de Baixo, em 12 de Dezembro de 2005.

coletivo predomina até hoje a atividade silvopastoril. Este sistema integrado, típico das comunidades de faxinais, será apresentado a seguir.

4.3 OS ESPAÇOS COMUNITÁRIOS E A INTEGRAÇÃO AGROSILVOPASTORIL

O criadouro (Figura 04) é considerado o espaço onde se estabelecem as relações comunitárias. Ele é o espaço em que os faxinalenses habitam, realizam o extrativismo florestal e criam seus animais, de grande porte, como bovinos e eqüinos e de pequeno porte, como suínos, galináceos, caprinos e ovinos.



Figura 04: Vista do criadouro comunitário do Lageado de Baixo
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

É difícil conceituar os faxinais, porque cada um deles apresenta a sua especificidade, como poderá ser observado a seguir na apresentação dos Faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello, que são limítrofes, mas possuem vários traços culturais diferenciados.

As residências nos faxinais são relativamente próximas, localizadas junto das estradas, nos “espigões dos terraços mais altos”, o que facilita as visitas entre os faxinalenses. Cada família nuclear tem sua casa, geralmente de madeira. Nos arredores das residências existem os quintais para o cultivo de verduras, temperos e ervas medicinais, que são cercados para impedir a invasão das criações. Dentro do criadouro, estradas de terra ou cascalho permitem o deslocamento no faxinal e para

o seu exterior, elas possuem porteiras e mata-burros nos limites do criadouro, visando impedir a saída dos animais. (LÖWEN SAHR, 2006, p. 11-14)

O uso da terra para criação animal é coletivo, mas os animais e os terrenos são de propriedade privada. As construções no entorno das residências – paióis, defumador de carnes, cocheira, cercado para fechar animais graúdos durante a noite, galinheiro, estufa de fumo, etc. – são individuais e alocados em parcela de propriedade privada, embora esta não seja delimitada por cerca ou muro. Ou seja, no criadouro comunitário sobrepõem-se o uso comum e o uso individual da família.

Com relação ao sítio geográfico ocupado pelos faxinais:

As terras do *Criadouro Comum* são, em geral, formadas por vales com relevo suavemente ondulado e presença de cursos d'águas. Elas abrigam um ambiente florestal alterado pelo pastoreio extensivo. Já as *Terras de Plantar* se localizam geralmente nas encostas, em áreas mais íngremes [...]. (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p.94, grifo dos autores)

Geralmente, no centro do criadouro há uma vegetação rasteira, com gramíneas e outras espécies. À medida que se afasta das estradas, encontra-se arbustos e árvores, como a erva-mate sombreada pelas copas das araucárias. “A vegetação de grande porte vai se tornando mais densa e as gramíneas mais ausentes conforme se afastam das bordas.” O criadouro é delimitado por valos ou cercas e mesmo após esses limites, costuma-se deixar uma faixa de aproximadamente quinze metros de floresta, a “restinga”, para evitar que os animais, principalmente os porcos, enxerguem as áreas de lavoura contíguas. (LÖWEN SAHR, 2006, 12-13)

As terras de plantar (Figura 05) são de propriedade privada e uso individual. Outrora cultivavam alimentos, hoje estão vinculadas à agroindústria do fumo.



Figura 05: Vista das terras de plantar do Lageado de Baixo
 Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

O sistema agrosilvopastoril apresenta-se como uma especificidade dos faxinais. Os descendentes de ucrâinos que saíram de uma colônia para morar no faxinal estranharam, mas gostaram de criar os animais soltos, pois era mais fácil. Criavam porcos e cavalos em grande quantidade. Os animais alimentavam-se de frutas e pinhão, então se fazia necessária pouca complementação alimentar. (ANTONIV, 2006) ²³

Cada novo proprietário que vinha morar nesta localidade cercava somente onde ficava sua moradia e quintal e deixava seus animais soltos no criadouro comunitário, fazendo suas lavouras em outros lugares, fora desta área de faxinal. (PMM, 1999) Geralmente, faziam a cerca do criadouro de Pinheiro. Alguns cercavam ainda o quintal com taquara, e lá cultivavam uma horta. (ANTONIV, 2006) ²⁴

Havia uma grande área de pastagem e “vegetação rala” para os porcos, cavalos, gado, e outros. E como existia uma mata fechada circundando toda a área do faxinal, os animais não fugiam. (PMM, 1999) Depois, cercando o criadouro havia uma valeta funda e larga para impedir que os animais de pequeno porte saíssem. As valetas, que ainda podem ser observadas em alguns locais, foram substituídas por cercas de palanques e fios de arame. (PMM, 1999)

²³ Informação dada por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

²⁴ Informação de Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

Na época das valetas, existiam conflitos entre os proprietários porque os porcos iam para as áreas de lavoura e comiam o milho. (SEMBAI, 2006) ²⁵ Quando foram substituídas pelas cercas, cada um era responsável pela manutenção da sua “frente”, o que não resolveu os conflitos, pois alguns não cuidavam da sua cerca. (TRINDADE, 2006) ²⁶

Da floresta os faxinalenses utilizavam: a madeira para construir residências, paióis e cercas, e também para lenha; a erva-mate; o pinhão do Pinheiro do Paraná para alimentação; e as plantas medicinais para tratar as doenças. As residências mais antigas foram construídas de Imbuia e as mais recentes de Pinheiro ou alvenaria. No início, as cercas (“fechames”) eram feitas de “pinheiro velho”, depois de varas (lascas) de Pinheiro. Com a escassez desse, passaram a construir as cercas de vara de Bracatinga, que apodreciam em dois anos. (ANTONIV, 2006) ²⁷

Teve uma época em que os faxinalenses faziam dormentes para colocar embaixo dos trilhos da Estrada de Ferro. Eles cortavam Imbuia e faziam o dormente com a “dobradeira”, ou seja, manualmente. (SKREPEC, L., 2006) ²⁸ Também houve um período de intensificação da exploração de madeira, os vagões iam cheios para Telêmaco Borba. (ANTONIV, 2006) ²⁹

Até aproximadamente vinte anos atrás, a erva-mate para chimarrão era a principal fonte de renda dessas comunidades. No mês de agosto, fazia-se a poda e esperava-se três anos para podar o mesmo pé. (ANTONIV, 2006; SEMBAI, 2006) ³⁰ Essa prática é mantida até hoje, demonstrando o conhecimento empírico adquirido no manejo da erva-mate. No Lageado de Baixo existia um barbaquá ³¹ da família

²⁵ Informação concedida por Emilio Sembai, em 14 de abril de 2006.

²⁶ Informação fornecida à autora por Tereza Sotoscki Trindade, em 23 de junho de 2006.

²⁷ Informação de Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

²⁸ Informação fornecida à autora por Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

²⁹ Informação dada por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

³⁰ Informação fornecida à autora por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006 e Emilio Sembai, em 14 de abril de 2006.

³¹ A erva é seca no barbaquá ou carijo que “[...] é uma instalação de madeira, coberta de tábuas ou telhas, abertas dos lados. [...] No barbaquá a erva fica disposta num estrado de madeira sobre a boca de um túnel que conduz o calor produzido por uma fornalha situada na outra extremidade. O que diferencia o carijó do barbaquá é que nesse último a fogueira não fica acesa diretamente sobre os ramos, evitando o contato da fumaça com a erva. Depois da secagem, a erva-mate é triturada ou cancheada, utilizando-se a força humana ou animal. [...] (HISTÓRICO [...], 2007)

Mello e no Lageado dos Mello tinham três, um deles era de Paulino Mello (ANTONIV, 2006)³². Outro era da família Vieira, que residia onde é a Vila Nova, atualmente. (SKREPEC, L., 2006)³³ E o outro não souberam informar o proprietário.

O “erval” dos Vieira era onde, posteriormente, se instalou a indústria de pasta de papel Popasa. A herdeira e filha Iria Vieira e sua família continuou a trabalhar com o barbaquá, mas quando ela ficou viúva, vendeu sua propriedade para a firma. (SEMBAI, 2006)³⁴ O barbaquá de Iria era de “cancha furada”, o cavalo ia em baixo puxando o rolete, que se movimentava em cima e picava a erva. Como havia furos, a erva caía pronta, em baixo. (SKREPEC, L., 2006)³⁵

Os faxinalenses realizavam o manejo da erva-mate, do pinhão e das madeiras dentro de suas propriedades. Os donos dos “ervais” pagavam “camaradas” para cortar a erva-mate e fazer os feixes. As folhas eram beneficiadas nos barbaquás existentes nos faxinais. A erva era levada pronta para o consumo, de “carrocinha”, para os depósitos de Rio Azul. (TRINDADE, 2006)³⁶

A venda de suínos também era importante fonte de recursos. Eles eram fechados, engordados e vendidos para açougues de Mallet ou Rio Azul. Assim também ocorria com o gado de corte, um caminhão vindo da cidade transportava-os. Dois caminhões por semana, originários de Curitiba, compravam galinhas e ovos. Também se vendia leite, manteiga e requeijão na cidade e aproveitava-se para fazer as compras para a casa. (ANTONIV, 2006)³⁷

Há cerca de dez anos, uma juíza de Mallet criou uma lei que proibiu esse comércio. (SKEPEC, L., 2006)³⁸ Demonstrando mais uma vez a imposição de uma racionalidade econômica hegemônica, como nos conflitos de manutenção de cercas de criadouros comunitários, em que foram acionados representantes do poder judiciário para resolver o problema e ocorreram vários casos de desagregação de

³² Informação concedida por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

³³ Informação dada por Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

³⁴ Informação de Emílio Sembai, em 14 de abril de 2006.

³⁵ Informação fornecida por Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

³⁶ Informação fornecida por Tereza Sotoscki Trindade, que reside no Faxinal Lageado dos Mello, em 23 de junho de 2006.

³⁷ Informação concedida à autora por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

³⁸ Informação fornecida por Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

criadouros, por meio da resolução de realizar o cercamento de cada propriedade privada, como aconteceu no Bairro dos Lima, antigo faxinal de Mallet.

Segundo Lauro Skrepec (2006), achavam que o porco do faxinal era sujo, ou seja, contaminado. Antigamente não havia banheiros, nem patentes, então naquele tempo ocorria a cisticercose. Hoje este problema já está superado.

Tradicionalmente, desenvolvia-se a agricultura “orgânica”, com instrumentos de trabalho tradicionais. Os caboclos e os ucrainos utilizavam a técnica de queimada para acabar com o mato, sempre em novembro ou dezembro. Depois aravam a terra “limpa”, com o auxílio do cavalo. Ninguém comprava sementes e adubo, havia a prática de troca de sementes. (ANTONIV, 2006) ³⁹

Cultivava-se o feijão, o milho e a mandioca no sistema de rotação de terras, com áreas em pousio. Os animais eram colocados nessas áreas para se alimentar dos restos da colheita e adubar o solo com suas fezes. (LÖWEN SAHR, 2006, p. 12-13) Posteriormente, além do feijão e do milho, incorporaram novos cultivos como o arroz, o trigo e a batatinha. A comercialização era principalmente dos dois últimos. (SEMBAI, 2006) ⁴⁰ A família Siuta, descendente de poloneses, era proprietária de moinho e serraria. (SKEPEC, L., 2006) ⁴¹

O pai do senhor Valdomiro Antoniv também tinha moinho, um para fazer farinha fina e outro para farinha grossa, fubá, além do descascador, ambos movidos à água. Realizava o beneficiamento de produtos no faxinal: o arroz era descascado, o trigo, o centeio e o milho eram moídos. (ANTONIV, 2006) ⁴²

O trabalho coletivo era uma prática na comunidade, entretanto, foi pouco abandonado. O último “pixirão” (mutirão) tradicional ocorreu há cerca de trinta anos nas comunidades em estudo. Os serviços como “roçada”, “carpida” e colheita eram feitos coletivamente, trabalhavam os “foiceiros” que eram convidados. O trigo maduro era colhido, malhado e seco ao sol e, como se semeava muito, na colheita os vizinhos ajudavam-se, colhia-se, levava-se ao paiol. Depois, iam de casa em

³⁹ Informação dada por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

⁴⁰ Informação fornecida por Emilio Sembai, em 14 de abril de 2006.

⁴¹ Informação fornecida à autora por Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

⁴² Informação de Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

casa “malhar”, bebendo e comendo até a meia noite. Após o “pixirão”, no sábado e domingo, à noite, se faziam bailes no faxinal. (ANTONIV, 2006) ⁴³

Existiam bailes com violino, na residência de Estefano Loginski e de outros ucranianos, em que eram tocadas músicas ucraniana, polonesa e “brasileira” (sertaneja, gaúcha) e os próprios participantes cantavam. Vendia-se pinga para arrecadar o dinheiro do pagamento do “gaiteiro” (músico). (SOBENKO, J., 2006) ⁴⁴

Outros locais de encontro dos faxinalenses de ambos os lados do Rio Lageado eram a pista de corrida de cavalos. (SOBENKO, J., 2006) ⁴⁵ Além do bar, em que havia um jogo de estacas, que eram arremessadas para derrubar os alvos de madeira e as festas de santos. (ANTONIV, 2006) ⁴⁶

Em 1969, a família de Valdomiro Antoniv iniciou o cultivo do fumo no faxinal. (ANTONIV, 2006) ⁴⁷ Hoje, grande parte das famílias que moram no Faxinal Lageado de Baixo e no Lageado dos Mello tem como principal fonte de recursos o tabaco, utilizando mão-de-obra familiar, como muitos outros agricultores dos municípios de Mallet e Rio Azul.

Em 1975, os faxinalenses começaram a utilizar insumos químicos nas lavouras. No princípio, o fumo era produzido sem veneno, acabavam com as “pragas” por meio da queimada e ele era vendido para Sousa Cruz. O tempo gasto para realizar cada serviço diminuiu, mas os gastos com o veneno e o adubo são grandes. (ANTONIV, 2006) ⁴⁸ Na lavoura de subsistência alguns utilizam insumos “químicos” e outros realizam uma produção orgânica para o consumo da família, alguns possuem trator e colheitadeira.

A produção de fumo alterou a sociabilidade local, pois dependendo do tamanho da plantação de cada proprietário, sua família só terá um “tempo livre” parcial no mês de julho, podendo visitar alguns parentes, compadres e vizinhos e realizar as tradicionais “rodas de chimarrão”. Em julho, geralmente, não se trabalha

⁴³ Informação fornecida por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

⁴⁴ Informação fornecida por João Sobenko, em 23 de dezembro de 2006.

⁴⁵ Informação de João Sobenko, em 23 de dezembro de 2006.

⁴⁶ Informação fornecida por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

⁴⁷ Informação de Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

⁴⁸ Informação de Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

com a fumicultura, mas as demais atividades permanecem. O tabaco apresenta um grande impacto ao ambiente biofísico e cultural do faxinal e sobre a saúde dos faxinalenses, porém, é preciso considerar que há décadas permite a reprodução social dos faxinalenses. Alguns conseguiram adquirir, através dele, alguns bens de consumo que desejavam como automóvel, trator, banheiro, telefone, construção da residência de alvenaria, etc.

A produção de fumo tornou-se a única alternativa para o pequeno proprietário de terra. A empresa financia a construção da estrutura física necessária e as matérias-primas. A mão-de-obra é familiar e podem-se utilizar cavalos, ao invés do trator. (SOBENKO, S.; SOBENKO, J., 2006) ⁴⁹

Atualmente, alguns suínos são comercializados, principalmente leitões, todavia, essa venda concentra-se no período das festas de final de ano. A carne dos suínos do faxinal é muito utilizada para alimentação dos próprios faxinalenses. (SOBENKO, S., 2005) ⁵⁰ Têm várias pessoas que habitaram faxinais hoje desagregados, que vão ao faxinal buscar a carne de porco, porque estão acostumados com seu sabor diferenciado. (ANTONIV, 2006) ⁵¹

O extrativismo que ainda desenvolvem é apenas a coleta de pinhão e da erva-mate, basicamente para o próprio consumo. A madeira utilizada nas estufas de fumo e nos fogões e fornos a lenha provém das pequenas plantações de eucalipto que os faxinalenses mantêm dentro do criadouro, nas proximidades das residências, ou é comprada.

A dependência do extrativismo florestal, no Faxinal Lageado dos Mello e Lageado de Baixo, não é mais tão presente, pois o vínculo atual com a economia globalizada proporcionada pelo fumo, dá certa autonomia aos faxinalenses com relação aos recursos naturais, provocando um afastamento deles e perda de conhecimento tradicional.

Como grande parte das famílias dos faxinais em estudo possui lavoura (arroz, feijão e milho), animais (suínos, gado leiteiro e de corte, galináceos) e horta para subsistência, o dinheiro que sobra das vendas do fumo, pois a empresa desconta a

⁴⁹ Informação concedida por João Sobenko e Sérgio Sobenko, em 15 de abril de 2006.

⁵⁰ Informação fornecida por Sérgio Sobenko, ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, em 12 de dezembro de 2005.

⁵¹ Informação concedida por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

dívida do fornecimento dos insumos, com juros, é para as despesas do ano todo. Para alimentação compram apenas sal, açúcar e farinha. (SOBENKO, Sérgio, SOBENKO, J., 2006) ⁵² Também é empregado nas despesas com energia elétrica, impostos, automóvel e trator, taxas e combustível. E, se ainda restar algum dinheiro, empregam na melhoria da qualidade de vida, como aquisição de *freezer*, telefone, construção de banheiro (para deixar de usar a “casinha com a privada” e a “casinha” para tomar banho com água esquentada no fogão à lenha), etc. Alguns investem em equipamento para estufa de fumo. A estufa movida à energia elétrica facilita o trabalho, pois utiliza quantidade bem menor de lenha. O dinheiro e a propriedade privada são utilizados para reprodução social da família.

No caso dos faxinais em estudo, no início, seus “fundadores” realizavam um manejo menos impactante sobre os recursos naturais. Alguns faxinalenses sobreviviam basicamente da caça abundante, utilizada na sua alimentação e das trocas de suas terras e madeiras. Em 1920, quando os ucrainos chegaram ao faxinal, a floresta estava conservada. Quando esse extrativismo se realizava para subsistência da comunidade tradicional, ele apresentava um baixo impacto sobre o ambiente. A partir de uma maior integração à economia de mercado, dependendo do “ciclo econômico” da época, desenvolviam atividades mais impactantes sobre seu ambiente natural e cultural, como a extração de madeira em grande quantidade, a implantação de insumos agrícolas “químicos” nas lavouras e a produção de fumo.

Esses foram alguns motivos que levaram a baixa resiliência ⁵³ atual nesses faxinais. Hoje, o fumo é quase a única fonte de renda. Quando diminuir a procura por esse produto, provavelmente o sistema entrará em crise. Para evitar isso, é preciso aumentar a diversidade de alternativas econômicas. É preciso se pensar em atividades que permitam a sustentabilidade socioeconômica e ambiental dos faxinais.

⁵² Informação concedida à autora por João Sobenko e Sérgio Sobenko, em 15 de abril de 2006.

⁵³ Um sistema altamente resiliente tem a capacidade de absorver perturbações e de aprender com elas e possibilita alterações e reorganizações, mantendo a mesma identidade (estrutura básica e modos de funcionamento). (RESILIENCE ALLIANCE, 2007) “Uma segunda característica de um sistema resiliente é a manutenção da heterogeneidade e a existência de uma ampla diversidade de opções de ação quando as condições mudam.” (BERKES, 2005b, p. 324)

A história desses faxinais demonstra fortes laços comunitários, que diminuíram, mas ainda permanecem. Essa característica pode facilitar alternativas de desenvolvimento local, baseadas no associativismo, como é o caso do turismo comunitário.

4.4 MUDANÇAS NO AMBIENTE NATURAL E SOCIAL DOS FAXINAIS

Há mais de 20 anos, passou uma linha de alta tensão da Eletrosul, numa parcela do criadouro do Faxinal Lageado de Baixo e do Lageado dos Mello, para isso foi realizado um desmatamento que prejudicou as atividades silvopastoris. Os faxinalenses só receberam o pagamento pela madeira que foi retirada, nenhum outro tipo de indenização. (SOBENKO, S.; SOBENKO, J., 2005) ⁵⁴ Nessa fase, a eletricidade chegou às residências e teve início a aquisição de aparelhos elétricos, como a televisão, que também alterou as relações sociais, diminuindo o tempo das conversas entre os membros da família.

Os faxinalenses com descendentes de ucranianos, quando não possuíam geladeira para conservar os alimentos, tinham o costume de fazer conservas, defumar carne de porco e quando matavam um boi, a carne era dividida com os vizinhos. (ANTONIV, 2006) ⁵⁵ Ainda hoje, se mantém o costume de defumar carne e fazer conservas, mas a carne de gado é guardada na geladeira ou “freezer”.

Nos faxinais em estudo são poucas as árvores nativas de grande porte que restaram e os rios estão assoreados, pois antigamente as terras de lavoura eram muito aradas e a chuva causava erosão, por causa do desmatamento. (ANTONIV, 2006) ⁵⁶ Atualmente, pouco existe de erva-mate, porque as criações a comem. E a quantidade de pinheiro diminuiu, porque os cabritos se alimentam dele, quando está com pequeno porte. (SEMBAI, 2006; SOBENKO, J., 2005) ⁵⁷

⁵⁴ Informação de João e Sérgio Sobenko, em 12 de dezembro de 2005.

⁵⁵ Informação fornecida por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

⁵⁶ Informação concedida por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

⁵⁷ Informação fornecida à autora, por Emilio Sembai, em 14 de abril de 2006. E, ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, por João Sobenko, em 12 de Dezembro de 2005.

Alguns animais que ainda se observam no faxinal são: “ouriço”, “raposa”, “cobra”, “sapo”, “tatu”, “lagarto”, “gralha de peito amarelo” e “gralha de peito azul”, “pica-pau”, “beija-flor”, “anu”, “jacu”, “joão de barro”, “pedreiro”, “martinho pescador”, “pomba”, “tico-tico”, “periquito”, “tucano”, “tesoureiro”, “sabiá”, “chupim”, “araponga”, “quero-quero”, “sereri”, “bem-te-vi” e “ganso”. Antigamente se via veado, o que não ocorre hoje. (SOBENKO, J. et al., 2006; ANTONIV, 2006) ⁵⁸ Também se via paca e cotia, peixe, onça, lebre, mas a “caça acabou-se”. (SIEKLICKI, 2007) Os faxinalenses criavam abelhas, porque era fácil, elas iam nos ocos das árvores e o mel era retirado de lá, “hoje não tem mais oco”, agora, o único criador é o Pedro. (ANTONIV, 2006) ⁵⁹

Apesar dessas mudanças, a floresta densa ainda está presente em grande parcela desses faxinais. Isso demonstra a utilização sustentável dos recursos naturais dentro do criadouro comunitário. Para avaliar o uso da terra nos dois criadouros foram utilizadas ferramentas de geoprocessamento e mapeamento participativo. Primeiramente, foram elaborados esboços por meio da captura de imagem de satélite do sistema “Google Earth”, de 2005, para que a partir deles fosse possível ir a campo verificar os tipos de uso da terra que o grupo de pesquisa adotou para padronizar esse estudo: floresta densa, floresta limpa e campo, além das áreas de desmatamento evidenciadas pelas linhas de alta tensão. Por meio de observação participante foram marcados pontos com GPS (Sistema de Posicionamento Global), visando apontar a localização e o tipo das construções: residências, estufas de fumo, igrejas, escolas, indústria, pontes e estradas.

4.4.1 Faxinal Lageado de Baixo

De acordo com o mapa georeferenciado do criadouro comunitário (Figura 06 e 07), sua área total é de 1.725.178,43 m² e o seu perímetro é de 8.714,24 m. Na observação dos usos da terra, percebe-se a conservação da vegetação nativa: 67% da área total é de floresta densa, ou seja, 1.140.266,82 m². A área de floresta limpa é de 211.746,39 m², a de campo é de 259.245,46 m² e a do desmatamento da linha

⁵⁸ Informação fornecida à autora, pela família Sobenko (Sérgio, João, Sonia e Cláudio), em 28 de abril de 2006 e por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

⁵⁹ Informação de Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

de alta tensão, de 80.586,51 m². Os rios Braço do Potinga e Lageado são limites do criadouro, esse último faz a divisa com o Faxinal Lageado dos Mello. Em ambos faxinais, observam-se as residências próximas às estradas.

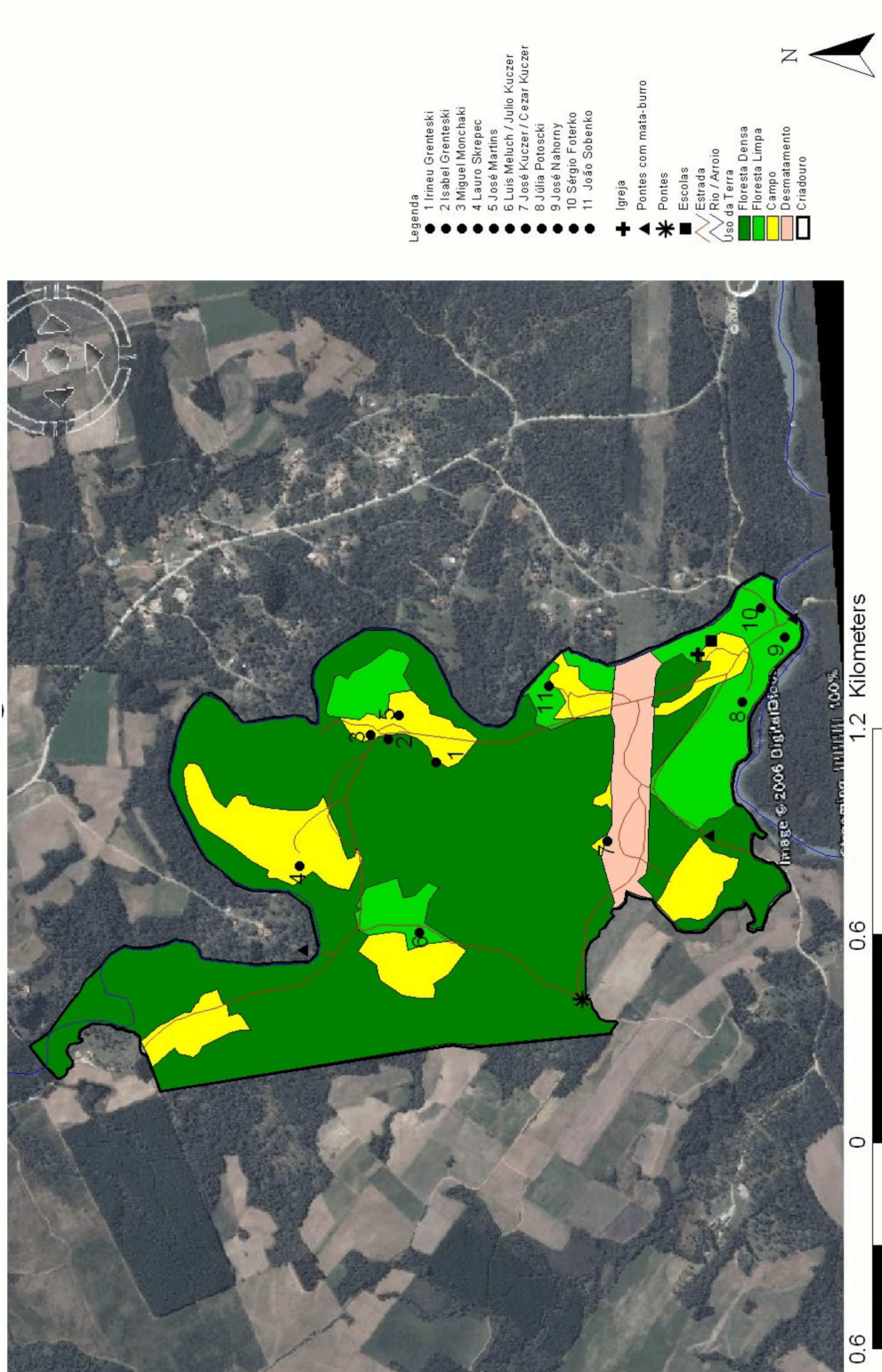


Figura 06: Mapa de uso da terra do Faxinal Lageado de Baixo
Org.: GUIA, F. D. (estagiário do grupo de pesquisa)

NÚMEROS DO MAPA	PROPRIEDADES COM ESTUFAS DE FUMO
1	Irineu Grenteski
5	José Martins
6	Luis Meluchcki / Julio Kuczer
9	José Nahorny
11	João Sobenko

Quadro 05: Propriedades que possuem estufas de fumo no mapa de uso da terra do Lageado de Baixo
Org.: FERREIRA, P.

NÚMEROS DO MAPA	PROPRIEDADES SEM ESTUFAS DE FUMO
2	Izabel Grenteski
3	Miguel Monczak
4	Lauro Skrepec
7	José Kuczer / César Kuczer
8	Julia Potocki
10	Sérgio Foterko

Quadro 06: Propriedades que não possuem estufas de fumo no mapa de uso da terra do Lageado de Baixo
Org.: FERREIRA, P.

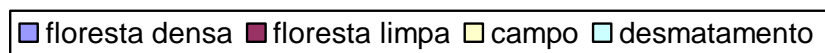
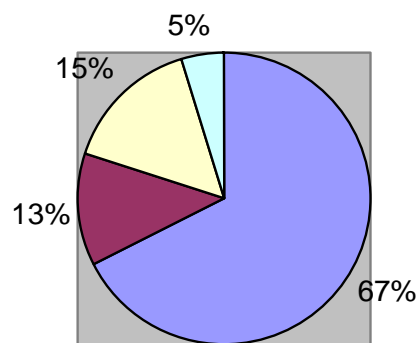


Figura 07: Gráfico de uso da terra do Faxinal Lageado de Baixo
Org.: GUIA, F. D. (estagiário do grupo de pesquisa)

No Faxinal Lageado de Baixo, aproximadamente, nove famílias plantam o tabaco, as famílias que não o plantam são as de Miguel Monczak, Luis Meluchcki,

Severo Potocki e Sérgio Foterko. Existem faxinalenses que não possuem estufas de fumo em suas propriedades, mas utilizam as de seus familiares (Quadros 05 e 06). Existem cinco famílias que possuem trator e cinco que trabalham com carroça. Há uma família que não desenvolve atividade agrícola. Irineu Grenteski é o único nesse faxinal que possui estufa de fumo elétrica. (SOBENKO, Sérgio, 2006) ⁶⁰

Segundo a Prefeitura Municipal de Mallet (1999), o Faxinal Lageado de Baixo encontra-se a aproximadamente 14 km da sede do município e a área do criadouro é de 1.142.240 m². Foi reconhecido pelo IAP (Instituto Ambiental do Paraná) como ARESUR (Área Especial de Uso Regulamentado), em 1999. Desde esta data a Prefeitura recebe o ICMS Ecológico para manter a qualidade ambiental e de vida nesse faxinal.

Em 1999, 12 famílias eram proprietárias de terras (Quadro 07), perfazendo um total de 59 moradores participando do criadouro comunitário, sendo grande parte deles descendentes de ucranianos. (PMM, 1999)

FAMÍLIAS	PAIS	FILHOS	NETOS
Nahorny	Ana e José	Rogério e Sonia Terezinha	
Grenteski	Nicolau e Izabel	Paulo, Elcio, Irineu (casado com Ana Kucher - moram em outra casa, mas na mesma área)	Angela Maria e Iverson José
Kuczer		João, Lauro, Paulo, César, José (casado com Neusa)	Geovani
Monczak	Miguel e Júlia	Ana Marlene	
Loginski	Maria e Albino	Luiz Carlos	
Kurasz	José e Helena	Domicela (casada com José Martins dos Santos) e Elicélia (mãe solteira)	-Michele Andresa (filha de Domicela) -André Luis Siuta e Ederlei Luan Lima (filhos de Elicélia)
Potocki	Demétrio e Julia	Severo e Lauro	
Zuba	Ana viúva de José Zuba	Amélia (casada com Airton Borges)	Anderson e Adriana
Skrepec	Lauro e Cecília	Josefa, outros filhos moram na cidade	Lauro
Dubek	Mariano e Eugênia	Marcia	
Antoniv	Emilio e Tereza	Deonísio Antonio (casado com Inês)	Rafael e Jéssica
Sobenko	João e Aurora	Sérgio, Sônia e Cláudio	

Quadro 07: Componentes das famílias do Faxinal Lageado de Baixo - 1999

Org.: FERREIRA, P.

Fonte: (PMM, 1999)

⁶⁰ Informação fornecida à autora, por Sérgio Sobenko, em 24 de dezembro de 2006, durante o trabalho de campo realizado no Faxinal Lageado de Baixo, para fazer a marcação com GPS dos pontos das casas, dos portões, mata fechada, estradas, entre outros.

Com o passar desses anos, aconteceram mudanças com relação ao Quadro 07: o casal Ana e José Nahorny tem a filha Luzia, que não consta do levantamento, ela mora na sede do município de Rio Azul; e a filha Sonia mudou-se para Curitiba. Na propriedade da família Grenteski existem duas casas, Nicolau, Izabel e os filhos Paulo e Elcio moram em uma casa; Irineu, Ana e os filhos Angela Maria e Iverson José residem em outra. Na terra da família Kuczer também há duas residências, uma delas é de César e na outra residem José, Neusa, Geovani e Paulo; Lauro foi morar no Lageado dos Mello e João mudou-se para casa de seu irmão Júlio, em outra propriedade no Lageado de Baixo. Da família Monczak, Ana Marlene mudou-se para a sede de Mallet. (SOBENKO, J. et al., 2006) ⁶¹

Maria e Albino Loginski venderam sua propriedade para Sérgio Foterko, e residem no Lageado dos Mello, juntamente com seu filho José (que não consta nesse levantamento) e o filho Luiz Carlos mudou-se para cidade de Mallet. Da família Kurasz, não consta a outra filha de Domicela, Milena, e também, as filhas de Elicélia, Alana Siuta e Raiane. Demetrio Potocki faleceu. Ana Zuba também faleceu; Amélia e Airton venderam a propriedade para João Kutcher e foram morar na cidade de Rio Azul, sua filha Adriana casou-se e mudou-se da casa dos pais. Josefa Skrepec faleceu e foram morar na casa os primos Cristina e Josmar. (SOBENKO, J. et al., 2006) ⁶²

Da família Dubek, Mariano e Eugênia foram para a cidade de Mallet e em sua residência foram habitar Luis e a esposa Larissa, com os filhos Jeferson e Maria Luisa; Márcia casou-se e também mora em Mallet. Emilio e Tereza Antoniv residem no Lageado dos Mello e no mesmo terreno tem outra casa, em que moram o filho Deonísio, sua esposa Inês e os filhos Rafael e Jéssica; em outro terreno, também no Lageado dos Mello, está a casa de Ezequiel e da esposa Maristela, com as filhas Luana e Érica. Aurora Sobenko faleceu. (SOBENKO, J. et al., 2006) ⁶³

Em 2006, residiam aproximadamente 49 pessoas nesse faxinal. Considerando apenas os dados numéricos, entre 1999 e 2006 diminuíram dez habitantes. Existe um fluxo de faxinalenses para os centros urbanos, o que pode

⁶¹ Informação fornecida à autora, por João, Sérgio, Sônia e Cláudio Sobenko, em 23 de junho de 2006.

⁶² Informação concedida à autora, pela família Sobenko (Sérgio, João, Sônia e Cláudio), em 23 de junho de 2006.

⁶³ Informação fornecida à autora, pela família Sobenko, em 23 de junho de 2006.

estar relacionado com a manutenção do sistema, pois se todos os herdeiros continuassem habitando o faxinal, diminuiria cada vez mais o tamanho das terras, inviabilizando-o.

Os líderes da comunidade são os primos Sérgio Sobenko, presidente da Associação dos Produtores Rurais do Lageado de Baixo ⁶⁴, e Alceu Firman, morador do Faxinal Lageado dos Mello, responsável pela catequese e pela Capela Nossa Senhora Rainha da Paz. Eles representam os faxinalenses das localidades em que residem em reuniões da Articulação Puxirão, do Conselho Gestor do Território Centro-Sul do Paraná, do Sindicato Rural, entre outras. Eles procuram conciliar essas reuniões com o trabalho na lavoura, por isso não é possível participarem de todas elas, pois diversas vezes são realizadas em outros municípios. O principal interesse dessa atuação política é a sobrevivência econômica e cultural dos faxinalenses.

Atualmente o “pixirão” foi ressignificado, pois é utilizado, sobretudo, para construir e manter as cercas de tela (que hoje, é comunitária). A substituição dos portões de madeira pelos de ferro, a manutenção de mata-burros, a colocação de cascalho nas estradas, entre outros serviços comunitários realizados com recursos do ICMS Ecológico, utilizam-se também da mão-de-obra faxinalenses. O “pixirão” também é realizado para outros trabalhos voltados à comunidade, como foi a construção do poço artesiano no Lageado dos Mello.

Os recursos do ICMS Ecológico, que são repassados ao município, também foram investidos no melhoramento genético de animais (como o suíno reprodutor Doroki), mudas, calcário, entre outros.

A Prefeitura de Mallet está incentivando alternativas ao fumo, como a fruticultura. (SIEKLICKI, 2005) ⁶⁵ Entretanto, alguns faxinalenses acreditam que mudar o tipo de cultura seria difícil, pois as famílias moram longe das terras de plantar, então não podem cuidar delas contra o roubo. Dependendo do produto,

⁶⁴ Esta pode ser importante numa proposta de desenvolvimento comunitário para gestão de fundos provenientes do governo, de ONGs, do turismo, fornecimento de bens e serviços, nota fiscal, etc.

⁶⁵ Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, por Mário Aleixo Sieklicki, em 12 e 13 de dezembro de 2005.

teriam que construir uma casa perto da plantação para poder fazer essa substituição. (SOBENKO, Sérgio, SOBENKO, J., 2005) ⁶⁶

Em observação de campo, percebe-se que, atualmente, os carneiros e cabritos são criados em pequena quantidade. No Faxinal Lageado de Baixo o que predomina é a criação de porcos, e as cercas estão sendo substituídas por telas. Circundando algumas casas, existe um cercado com palanques e fios de arame, que serve para segurar a criação durante a noite (Figura 08). Os animais voltam ao entardecer para a casa de seus donos e recebem uma complementação alimentar com o milho (Figuras 09 e 10). (PMM, 1999) No caso dos cavalos, para que no dia seguinte sejam facilmente encontrados para o trabalho, vários deles possuem um “sininho” amarrado no pescoço. No outro dia, pela manhã, os animais recebem novamente o milho.



Figura 08: Cercado para segurar a criação
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

⁶⁶ Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, por João Sobenko e Sérgio Sobenko, em 12 de Dezembro de 2005.



Figura 09: Complementação alimentar 1
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa



Figura 10: Complementação alimentar 2
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Dentro do criadouro comunitário existe uma área de floresta densa, denominada pelos faxinalenses de “Mato Bom”. Esta área de aproximadamente 35 alqueires, pertence em grande parte a João Sobenko e uma pequena parcela é de propriedade da família Kuczer. Algumas espécies observadas foram: “Pindá”; “Erva-mate”; “Imbuia”; “Sassafrás”; “Cipó”; “Cedro”; “Palmeira”; “Pimenteira”; “Pau-de-alho”; “Marmeleiro”; “Araçá do mato” ou “preto” e “Araçá vermelho”; “Fruta do conde”; “Gabirola”; “Sapé”; “Araucária”; “Tarumã”; “Cogumelo”; “Pitanga”; “Cerejeira”; “Braçatunga preta” ou “macacheira”, “Braçatunga branca”, “Braçatunga graúda”, “Braçatunga miúda”; “Laranja do mato”; “Bracatinga”; “Jabuticaba” (sua semente seca é usada para diarreia); “Canela imbuia”; “Canela guaiaca”; “Uva-japão”;

“Caqui”; “Miguel pintado”; “Ariticum preto” e várias outras. (LOGINSKI; SOBENKO, Sérgio, 2006) ⁶⁷ No criadouro também se pode observar: pinheiro araucária, branquinho, juvevê e orelha-de-mico. (SIEKLICKI, 2007)

Há uma construção de madeira, com cinco repartições, que pertence à Associação União Agrícola Instrutiva do Lageado de Baixo e está em desuso. A madeira utilizada para sua construção foi retirada do criadouro e serrada manualmente pelos faxinalenses (Figuras 11 e 12). (PMM, 1999)



Figura 11: Inauguração da Associação União Agrícola Instrutiva

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Durante muito tempo, a sede dessa Associação funcionou como escola e igreja. As turmas de primeira a quarta série assistiam as aulas concomitantemente, na mesma sala. Um casal de professores morava no faxinal. Quando esses professores castigavam os alunos desobedientes, faziam-nos ajoelhar no trigo mourisco ou na tampa de garrafa e, em outras vezes, batiam neles. Por isso, alguns faxinalenses acreditam que os mais novos tinham mais respeito em relação aos mais velhos. (SOBENKO, J.; FIRMAN, A., 2006) ⁶⁸

Em 1973, foi construída ao lado da sede da Associação, uma escola municipal, uma construção menor, que também não é mais utilizada (Figura 12). (PMM, 1999) Agora, as crianças estudam na sede do município e a prefeitura fornece ônibus para transportá-los. A idéia é diminuir a distância física e cultural entre crianças do campo e da cidade, entretanto, várias tradições e costumes dos

⁶⁷ Trabalho de campo realizado pela autora no “Mato Bom” acompanhada por Sergio Sobenko e Estefano, este atualmente reside em Curitiba, mas foi faxinalense, em 17 de abril de 2006. Eles forneceram informações sobre o nome popular das espécies vegetais.

⁶⁸ Informação concedida à autora, por João Sobenko e Ana Firman, em 25 de dezembro de 2006.

faxinalenses deixam de ser praticados em função disso. As crianças não trabalham porque é ilegal, em casa assistem televisão, brincam, etc.



Figura 12: Associação União Agrícola Instrutiva do Lageado de Baixo, à esquerda, e escola municipal, à direita

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Em 1992 foi construída a Capela Ucrâina Nossa Senhora Rainha da Paz, que possui uma área de 2,42 hectares, doada pela família Koloda. Nos fundos tem um pavilhão com banheiros, para realização de festas (Figura 13). (PMM, 1999)



Figura 13: Capela Ucrâina Nossa Senhora Rainha da Paz

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Em observação durante os trabalhos de campo pôde-se perceber diversos conflitos para o sistema adotado nos faxinais. Muitas propriedades, dentro do criadouro comunitário, possuem uma plantação de eucalipto, com árvores ainda de pequeno porte, pois receberam mudas da prefeitura. Essas devem ser utilizadas como lenha para produção do fumo para que não precisem utilizar árvores nativas. Existem também duas propriedades dentro do criadouro fechadas para criação de gado e uma para lavoura de feijão, com 50% ou mais da propriedade cercada. No criadouro comunitário do Lageado de Baixo é permitido cercar 30% da propriedade, de acordo com o termo de compromisso assinado entre os faxinalenses, que também é válido para os seus herdeiros.

No levantamento efetuado pelo IAP em 2004, o “Lageado dos Mellos” aparece duas vezes: a) classificado na categoria de desagregado e pertencente ao município de Mallet; b) classificado como remanescente e pertencendo ao município de Rio Azul. (MARQUES, 2004) O que ocorre, entretanto, é que o “Lageado dos Mellos” pertencente à Mallet, teve sua denominação mudada para “Lageado do Barreiro” e posteriormente, para “Lageado de Baixo”, que permanece até hoje. Então, mudou de nome e não se desagregou. E a parcela pertencente à Rio Azul continua com a denominação de Faxinal “Lageado dos Mellos”.

4.4.2 Faxinal Lageado dos Mello

O perímetro do criadouro do Faxinal Lageado dos Mello é de 12.727 m, a área de floresta densa é de 2.226.151 m², de floresta limpa é de 608.229 m², de campo é de 428742 m² e de desmatamento, 173.735 m². Incluem-se nesses 65% de floresta densa, o reflorestamento com árvores de grande porte, que existe nesse faxinal (Figura 14 e 15).

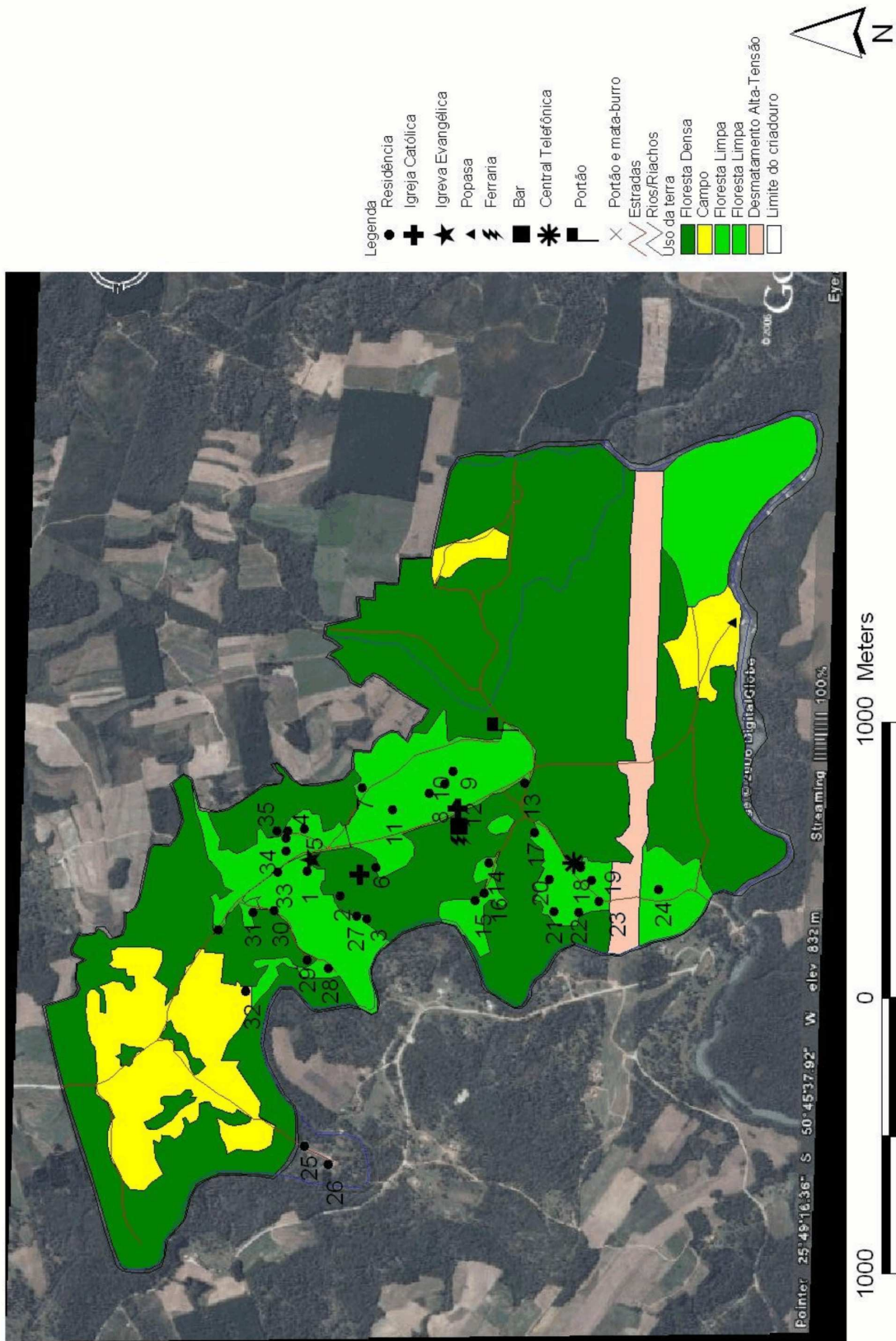


Figura 14: Mapa de uso da terra do Faxinal Lageado dos Mello
 Org.: GUIA, F. D. (estagiário do grupo de pesquisa)

NÚMEROS DO MAPA	PROPRIEDADES DAS FAMÍLIAS
1	João Dias
2	Sérgio Borges
3	Dionízio Antoniv
4	Cláudio Antoniv
5	Aloise Bagevich / Maria Rigevich
6	Valdomiro Antoniv
7	Antônio Ramilho da Silva
8	Augusto Mello
9	Darci Trindade
10	Carlos Voitovich
11	Tereza Sotoscki Trindade / Ezequiel da Silva
12	Osvaldo Sotoscki
13	Pedro Loginski
14	Mário Monchaki
15	Alberto
16	Maria de Lourdes do Nascimento
17	Valdir Voitovich
18	Francisco Loginski
19	Albino Loginski
20	Albino Loginski
21	Antônio Sembai
22	Sérgio Sembai
23	Milton Borges
24	Vitor Iankoski
25	Lauro Kuczer
26	Clemente Firman
27	Emílio Antoniv
28	Demétrio Antoniv
29	João Antoniv
30	José Nilceu dos Santos
31	José Foterko
32	Sérgio Vicente
33	Antônio Marques do Nascimento
34	João Ramilho da Silva
35	Lúcio Ramilho da Silva

Quadro 08: Propriedades das famílias no mapa de uso da terra do Lageado dos Mello
Org.: FERREIRA, P.

NÚMEROS DO MAPA	PROPRIEDADES COM ESTUFAS DE FUMO
1	João Dias
3	Dionízio Antoniv
6	Valdomiro Antoniv
7	Antônio Ramilho da Silva
8	Augusto Mello
9	Darci Trindade
14	Mário Monchaki
15	João Maria de Lima
17	Valdir Voitovich
18	Francisco Loginski
20	Albino Loginski
22	Sérgio Sembai
23	Milton Borges
24	Vitor Iankoski
26	Clemente Firman
28	Demétrio Antoniv
30	José Nilceu dos Santos
32	Maurílio Vicente
33	Antônio Marques do Nascimento
34	João Ramilho da Silva

Quadro 09: Propriedades que possuem estufas de fumo no mapa de uso da terra do Lageado dos Mello
Org.: FERREIRA, P.

NÚMEROS DO MAPA	PROPRIEDADES SEM ESTUFAS DE FUMO
2	Sérgio Borges
4	Cláudio Antoniv
5	Aloise Bagevich / Maria Rigevich
10	Carlos Voitovich
11	Tereza Sotoscki Trindade / Ezequiel da Silva
12	Oswaldo Sotoscki
13	Pedro Loginski
15	Alberto
16	Maria de Lourdes do Nascimento
19	Albino Loginski
21	Antônio Sembai
25	Lauro Kuczer
27	Emílio Antoniv
29	João Antoniv
31	José Foterko
32	Sérgio Vicente
35	Lúcio Ramilho da Silva

Quadro 10: Propriedades que não possuem estufas de fumo no mapa de uso da terra do Lageado dos Mello
Org.: FERREIRA, P.

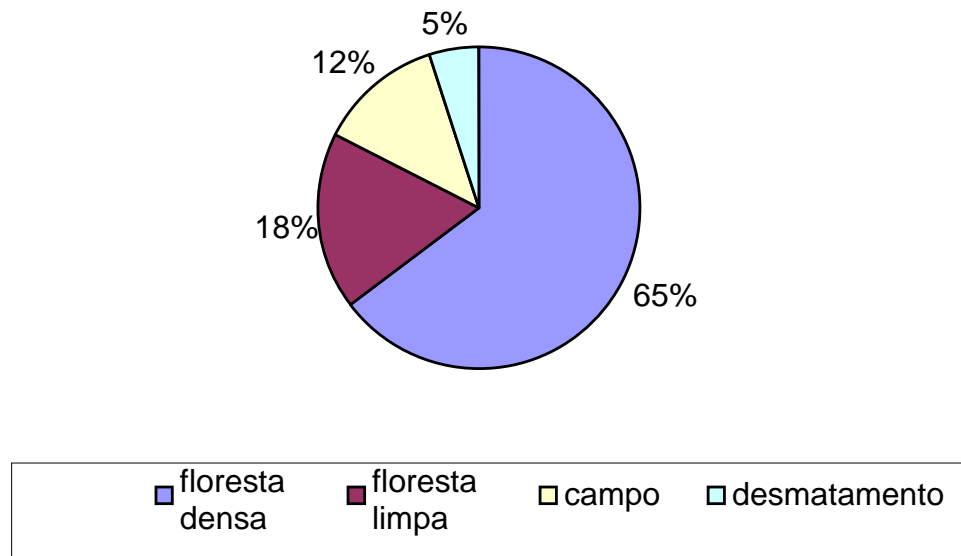


Figura 15: Gráfico de uso da terra do Faxinal Lageado dos Mello
Org.: GUIA, F. D. (estagiário do grupo de pesquisa)

Segundo levantamento da Prefeitura Municipal de Rio Azul (PMRA, 1998), a área do criador comum é de 2.870.000 m². De acordo com o mapa georeferenciado, sua área abrange 3.436.857 m². Tal diferença ocorreu, porque nesta pesquisa a área do faxinal foi delimitada por meio da captura de imagem de satélite do sistema “Google Earth” e, no levantamento da prefeitura, foi utilizado o teodolito, que proporcionou maior precisão. Devido ao tempo disponível, o GPS foi utilizado apenas para determinar a localização do criadouro e dos tipos das construções.

O Lageado dos Mello tornou-se ARESUR, em 1998. Algumas aplicações dos recursos do ICMS Ecológico foram: um poço artesiano, que está em construção, além de telas para o cercamento do criadouro, melhoramento genético de animais (suíno reprodutor Mouro) e mudas de eucalipto.

A maioria dos faxinalenses que residem na localidade são “brasileiros”, mas também há alguns descendentes de ucranianos (Quadro 08). Grande parte deles também cultiva o fumo (Quadros 09 e 10). (SOBENKO, Sérgio; SILVA, J. R. da, 2005)⁶⁹ Duas famílias possuem estufas de fumo elétricas. (SOBENKO, Sérgio, 2006)⁷⁰

⁶⁹ Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, por Sergio Sobenko e João Ramilho da Silva, este morador do Faxinal Lageado dos Mello, em 12 de Dezembro de 2005.

⁷⁰ Informação fornecida à autora, por Sérgio Sobenko, em 27 de dezembro de 2006, durante trabalho de campo no Faxinal Lageado dos Mello, que percorremos para marcar pontos com GPS.

Predomina a criação de cabritos e porcos. Muitas famílias criam cabritos, que precisam de pouca complementação alimentar, pois comem alimentos diversificados que encontram, e têm o valor comercial superior ao do porco. Pessoas da sede do município vão ao faxinal comprá-los. (SKREPEC, L., 2006) ⁷¹

Segundo a relação dos proprietários e pessoas que utilizavam o criadouro comunitário, em 1998, eram 22 famílias, a de: Augusto Mello, Darci Trindade, Osvaldo Melo Sotoski, Jauri Dias, Demétrio Antoniv, Cláudio Antoniv, Emilio Antoniv, Dionízio Antoniv, Sérgio Borges, Emilio Sembai, Sérgio Sembai, Albino Loginski, Clemente Firman, Pedro Soares, Sebastiano Ramilio da Silva, Hélio Sahva, José Melo Sotoski, Nilton Borges, Claudinor da Silva, Maria Dirce de Lima, Emílio Sotoski e Jorge Sotoski. Além das empresas: Madeireira Potinga / Posto Mecânica proprietária de 726.000 m² e Madeireira Rio Claro Ltda. de 964.000 m². (PMRA, 1998)

Em 2006, as famílias que residiam nesse faxinal somavam 43: Augusto Mello, Darci Trindade, Osvaldo Sotoski, Lauri Dias, Demétrio Antoniv, Cláudio Antoniv, Emílio Antoniv, Dionízio Antoniv, Sérgio Borges, Emílio Sembai, Sérgio Sembai, Albino Loginski, Clemente Firman, Amadeo (da Silva ou Trindade), Antônio Marques da Silva, Aloise Bagevski, João Ramilho da Silva, Salustiano da Silva, Antônio Marques do Nascimento, Júlio Rodrigues, Jair do Nascimento, Acir do Nascimento, Ezequiel Antoniv, Eugênio Siuta, Ezequiel Silva, Altevir do Nascimento, João Dias, José Nilceu dos Santos, Maurílio Vicente, Irineu Bagievkz, Ezequiel Campos, Valdomiro Antoniv, João Maria de Lima, Antônio Nascimento, Lourdes Nascimento, Mário Moncezak, Valdir Voitovtch, Antônio Sembai, Miltom Borges, Vitor Iankovski, Francisco Loginski, Pedro Loginski, Alberto. (IANKOVSKI, 2006) ⁷²

Há uns dois ou três anos, aumentaram aproximadamente 20 famílias, que “não têm terra”. (FIRMAN, A.; FIRMAN, C., 2006) ⁷³ Essas famílias viviam no Faxinal Lageado de Cima e lá também se encontravam nessa situação, quando esse foi

⁷¹ Informação concedida à autora, por Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

⁷² Informação fornecida à autora por Vitor Iankovski, representante dos faxinais no Território Centro-Sul do Paraná e na Articulação Puxirão, morador do Faxinal Lageado dos Mello, em 23 de junho de 2006.

⁷³ Informação concedida à autora por Clemente Firman e sua esposa Ana Firman, em 23 de junho de 2006.

desagregado foram viver no Lageado dos Mello. Elas compraram pequenas parcelas de terrenos, sem documentação, de Augusto, herdeiro da família Mello, que foi loteando os terrenos. Essa classificação de que “não tem terra” ou “balaiero” é dada para quem não possui seu terreno documentado. Não houve uma invasão, foi permitida a instalação deles no faxinal por meio do pagamento a um herdeiro, um “proprietário fraquinho”, ou seja, que tinha um terreno pequeno. (SKREPEC, L., 2006) ⁷⁴

Chamados de “agregados”, aqueles que “não têm terra” vivem em pequenas residências, uma ao lado da outra. Algumas famílias pagam aluguel da casa e a maioria delas arrenda áreas para plantar fumo. Existe a venda do dia de trabalho para quem precisa de ajuda na lavoura. Não realizam a agricultura de subsistência e ficam devendo no mercado, pois precisam comprar os alimentos. Alguns vendem o fumo “por fora”, não cumprindo o contrato de exclusividade de venda com a empresa, ficam devendo os insumos, então a empresa cobra a dívida do avalista. (SEMBAI, 2006) ⁷⁵

A empresa Popasa (Figura 16), localizada dentro do criadouro comunitário do Faxinal Lageado dos Mello, fabricava pasta de papel. Por meio de uma barragem que desviava água do Rio Braço do Potinga, por um canal, movimentava uma turbina e desfibradores de madeira, mas ela entrou em falência em 1998. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 44, 144) Era uma opção de trabalho para aproximadamente 33 funcionários, muitos deles faxinalenses. Os funcionários que não eram dos faxinais moravam na vila operária, no interior da propriedade da empresa, e compravam produtos alimentícios dos faxinalenses, como carne, leite, entre outros. (SKREPEC, C.; SKREPEC, L., 2006) ⁷⁶

⁷⁴ Informação concedida à autora por Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.

⁷⁵ Informação fornecida à autora, por Emilio Sembai, em 14 de abril de 2006.

⁷⁶ Informação fornecida à autora, por Cecília Skrepec, esposa de Lauro Skrepec, em 23 de junho de 2006.



Figura 16: Vista da empresa Popasa
 Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Com uma área de aproximadamente 40 alqueires, a Popasa foi vendida, em abril de 2006, por meio de um leilão judicial à empresa Abbaspel, de Porto União (SC), sua atual proprietária. (COMISSÃO [...]; ARTICULAÇÃO PUXIRÃO [...], 2006, [s.n.]) Ela rapidamente iniciou o cercamento da área, então o Vitor Iankovski, representante dos faxinais na Articulação Puxirão, no Conselho Gestor do Território Centro-Sul do Paraná, no Conselho Municipal, etc., teve a iniciativa de buscar ajuda externa. Ele teve uma reação, também rápida, e acionou os seus vários contatos, o que permitiu visibilidade para o problema. A urgência da situação fez com que ele agisse dessa maneira, o que causou o choque entre poderes externos rivais, que atuam nos faxinais.

Os faxinalenses, tanto do Faxinal Lageado dos Mello quanto do Lageado de Baixo, reuniram-se para discutir o problema do cercamento e tentar encontrar uma solução. As famílias que “não têm terra” foram convidadas, mas não se interessaram em participar. (ANTONIV, 2006)⁷⁷

A Articulação Puxirão e a comunidade do Faxinal Lageado dos Mello, apoiados pelo Instituto Equipe, fizeram uma denúncia (Ação Civil Pública) ao Ministério Público da Comarca de Rebouças em maio de 2006, baseada na identidade faxinalense e na conservação ambiental. Pois restaria uma área de aproximadamente 60 alqueires para o criadouro, o que iria restringir o acesso dos animais à água e à pastagem, inviabilizando o sistema. O cercamento foi interrompido pela liminar provisória concedida pela juíza da Comarca de Rebouças,

⁷⁷ Informação fornecida por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

em 14 de julho de 2006, que ordenou o desmanche da cerca e o acesso dos faxinalenses e suas criações à área, sob pena de multa à empresa de 3.000 reais ao dia. (A LUTA PELA TERRA [...], 2006)

Os líderes do Faxinal Lageado dos Mello são Vitor Iankovski, Ezequiel Silva (Zico), presidente do faxinal, e Alceu Firman, que representa os dois faxinais. Eles participam de reuniões de várias organizações defendendo os interesses dos faxinalenses.

A Capela de São João Batista (Figura 17), católica, está em construção, mas já é utilizada. Anteriormente, as celebrações religiosas eram realizadas ao lado da atual igreja. Atrás, há uma cobertura para realização de festas. Com o objetivo de arrecadar dinheiro para a igreja, organizam uma ou duas festas por ano. (IANKOVSKI, 2006)⁷⁸ Em outro local do criadouro, está sendo construída uma Igreja Quadrangular, iniciada há um ano, mas ainda não está concluída. (SOBENKO, Sérgio; SILVA, J. R. da, 2005)⁷⁹



Figura 17: Capela de São João Batista
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Assim como freqüentemente se encontra em outros faxinais caboclos, existe uma “bodega” (Figura 18) nesse faxinal, o que não há no Lageado de Baixo. Ela está junto à residência de Osvaldo Sotoscki, seu proprietário. Além de existir um cercado com uns quinhentos pés de eucalipto de grande porte. A sogra de Osvaldo era da família Mello, “prima irmã” de dona Maria (mãe de João Ramilho da Silva).

⁷⁸ Informação concedida por Vitor Iankovski à Rede Faxinal Pesquisa, em 18 de novembro de 2006.

⁷⁹ Informação fornecida por Sérgio Sobenko e João Ramilho da Silva, em 12 de Dezembro de 2005.



Figura 18: “Bodega” de Osvaldo Sotoscki
 Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Também, há outros serviços no interior do criadouro, como uma ferraria, na propriedade de Pedro Loginski, que conserta carroças, ferramentas (como carpideiras, arados, etc.) e realiza serviços de borracharia.

A central de telefone, que atende tanto ao Faxinal Lageado dos Mello quanto ao Lageado de Baixo, fica na residência de Francisco Loginski, “síndico do telefone”. (SOBENKO, Sérgio, 2006)⁸⁰ O serviço de telefonia existe há dois anos nos faxinais e o preço da linha telefônica era de R\$ 2.170,00. Em 2006, havia dois faxinalenses do Lageado de Baixo e cinco do Lageado dos Mello que possuíam telefone, sendo a taxa mensal de R\$ 7,00. (SOBENKO, J. et al., 2006)⁸¹

Está em construção um poço artesiano, em sistema de “puxirão”. A água será tratada pela SANEPAR (Companhia de Saneamento do Paraná), haverá um presidente (síndico da água) e será cobrada uma taxa mensal de R\$ 2,53. (SEMBAI, 2006)⁸²

O criadouro comunitário, por se caracterizar como espaço de uso comum, representa uma facilidade no caso de uma proposta de turismo comunitário, conforme aponta este estudo. O turista pode circular livremente, exceto na área de residência e seu entorno, que é de uso privado. Para viabilizar essa idéia seria importante, entre outros aspectos, um zoneamento, para impedir a circulação de

⁸⁰ Informação fornecida à autora, por Sérgio Sobenko, em 27 de dezembro de 2006.

⁸¹ Informação concedida à autora, pela família Sobenko, em 15 de abril de 2006.

⁸² Informação fornecida por Emilio Sembai, em 14 de abril de 2006.

pessoas e talvez de animais nos ambientes mais frágeis. Por meio de cercamento, que pode ser rotativo, seria possível a regeneração natural da floresta.

4.5 FESTAS RELIGIOSAS E SINCRETISMO

Seguindo a perspectiva de Quivy e Campenhoudt (1992), houve uma ruptura com a antiga percepção sobre o fenômeno, proporcionada pela pesquisa bibliográfica de fontes secundárias, por meio da observação participante e da história oral. Isso se deu num processo de imersão nas culturas locais entre os dias 13 e 17 de abril e 22 e 27 de dezembro de 2006. O enfoque central das observações foram as celebrações religiosas e culturais da Semana Santa e do Domingo de Páscoa e, respectivamente, do Natal.

De um lado se observou as comemorações religiosas comunitárias realizadas na Capela Ucrânia Nossa Senhora Rainha da Paz, localizada no criadouro comunitário do Faxinal Lageado de Baixo, e de outro, participou-se das comemorações na esfera privada das famílias Sobenko e Firman. A primeira família reside no Faxinal Lageado de Baixo e a segunda no Faxinal Lageado dos Mello, ambas famílias de descendentes de ucranianos, sendo parentes entre si. A Sra. Firman é irmã do Sr. Sobenko.

No Faxinal Lageado de Baixo todas as famílias são católicas do rito oriental ucraniano e sua participação nas celebrações religiosas é grande, nelas também participam descendentes do Faxinal Lageado dos Mello e das colônias das proximidades. Vários faxinalenses ucranianos do Lageado dos Mello costumam participar tanto das celebrações da Capela São João Batista, do rito latino, localizada no seu faxinal, quanto da igreja do rito ucraniano, no Lageado de Baixo. (SOBENKO, J., 2006)⁸³

Nos faxinais em estudo, geralmente, a missa é realizada uma vez por mês, às vezes, duas, conforme o agendamento realizado pelo padre. As eleições da diretoria da igreja, da Associação dos Produtores Rurais, do presidente do faxinal, do “síndico” do telefone, entre outras, muitas vezes são realizadas após as missas,

⁸³ Informação concedida à autora por João Sobenko, em 23 de dezembro de 2006.

para aproveitar a presença de grande parte da comunidade. Nessas eleições cada proprietário de terra tem direito a um voto (SOBENKO, S., 2006).⁸⁴

As igrejas católicas dos dois faxinais são espaços utilizados para reuniões dos faxinalenses, em que discutem e decidem sobre assuntos de interesse da comunidade. Desta forma, os faxinalenses parecem não considerar a igreja apenas como um espaço sagrado. Apesar de serem intensamente religiosos, também a consideram como um espaço de sociabilidade e não vivenciam uma separação rígida entre o sagrado e o profano. Em relação aos feriados, não costumam respeitar os oficiais, mas os “dias santos” eles “guardam”, ou seja, não trabalham.

Para se avaliar os procedimentos ritualizados e identificar uma nova dualidade, utilizou-se a técnica de análise comparativa. A bibliografia referente ao rito ucraniano permitiu estabelecer os elementos rituais tradicionais, enquanto a observação junto à comunidade proporcionou evidenciar os elementos da prática atual, possibilitando uma descrição das adaptações ocorridas no faxinal.

No campo dos símbolos e rituais não tem como fugir da dupla interpretação quando se analisa faxinalenses e eventuais turistas. Para os faxinalenses as manifestações religiosas fazem parte de sua cultura, já para os turistas, são de práticas diferenciadas das suas próprias. Elas podem situar-se no campo do sagrado para a comunidade que o vivencia e, no campo secular, para aqueles que as experienciam enquanto uma atividade turística.

Para visualizar a cultura ucraniana nos faxinais estudados, foram demonstradas as práticas religiosas e culturais da Páscoa e do Natal, pois são suas principais manifestações culturais.

a) Religiosidade popular

Antigamente, muito antes de existirem igrejas nos faxinais em estudo, era costume realizar o batizado primeiro na residência e depois na igreja, posteriormente crismava-se. Neste processo existiam então três padrinhos, o que estabelecia uma forte relação de compadrio entre as famílias. (ANTONIV, 2006)⁸⁵

⁸⁴ Informação de Sérgio Sobenko, em 15 de abril de 2006.

⁸⁵ Informação concedida à autora por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

As festas de Santo Antônio, São João e São José eram realizadas nas residências dos “brasileiros”, preferencialmente daqueles que tinham os nomes desses santos, como na casa de João Marques. Na festa de Santo Antônio e São João fazia-se uma grande fogueira e depois tinha a festa. Os ucrainos também participavam. (ANTONIV; FIRMAN, A.; FIRMAN, C., 2006) ⁸⁶

Durante a “quaresma grande”, antes da Páscoa, entre seis e dez “brasileiros”, os “rezadores”, percorriam as casas em que os moradores colocavam uma cruz no portão, tanto dos caboclos quanto dos ucrainos. Isto se dava em todas as noites das quartas e sextas-feiras. Eles faziam a “reza deles” em frente à cruz, depois, os moradores saíam e os convidavam para tomar chimarrão, cafezinho, levando a noite toda para percorrer todas as casas. (ANTONIV, 2006) ⁸⁷

O abandono dessas práticas da religiosidade popular pode ter ocorrido devido à implantação institucional das igrejas nos faxinais com suas práticas oficiais ou por causa do falecimento desses “brasileiros” que as lideravam.

b) Sacramentos no rito ucraino

A Igreja Católica Apostólica Romana possui diversos ritos que “[...] são formas externas do culto divino [...]” e foram formados desde o início do cristianismo. Atualmente, existem muitas liturgias latinas e liturgias orientais, que não prejudicam a essência do catolicismo a qual é a “[...] unidade da fé, unidade da autoridade e unidade dos sacramentos [...]”. No Brasil quase todos os ritos orientais são praticados por imigrantes e descendentes e o que tem o maior número de fiéis é o ucraino. Além deste há o armênio, o russo, o maronita, o melquita, o romeno e o sírio. (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]) O rito ucraino veio para o Brasil por solicitação dos imigrantes à igreja da Ucrânia, para o envio de sacerdotes, e, ainda hoje, preserva suas particularidades. (BURKO, 1963, p. 59 ss.)

Mesmo quando não existiam igrejas, os faxinalenses costumavam ir à missa, os “brasileiros” iam para Rio Azul e os ucrainos para Colônia Cinco, Mallet ou Rio

⁸⁶ Informação concedida à autora por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006, e Clemente Firman e sua esposa Ana Firman, em 23 de junho de 2006.

⁸⁷ Informação dada por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

Azul, de carroça ou a pé. Na capela da Colônia Cinco iam muitas pessoas de várias localidades. Hoje se frequenta a capela da própria comunidade. (ANTONIV, 2006) ⁸⁸

No rito ucraniano a criança é batizada e crismada no mesmo dia. Marca-se a data com o padre, que pode ser especialmente para o batizado ou juntamente com uma missa comum. Depois, costuma-se fazer um almoço para o casal de padrinhos. (SOBENKO, J., 2006) ⁸⁹

Antes, freiras iam ao Faxinal Lageado de Baixo ministrar catequese no idioma ucraniano. Nos últimos dez anos, são os próprios faxinalenses que realizam a catequese, em português, depois de fazer um curso de uma ou duas semanas em Prudentópolis, que acontece todos os anos. Há aproximadamente 12 ou 14 anos atrás, a catequese ocorria no mês de janeiro, todos os dias, o dia inteiro. Agora, são três anos, uma vez por semana. (SOBENKO, Sônia; SOBENKO, Sérgio; SOBENKO, C., 2006) ⁹⁰

Existem pessoas que não moram no faxinal e participam da catequese. No dia da primeira comunhão ocorre a missa às dez horas da manhã e depois acontece uma festa em que são vendidos almoços e outros alimentos e bebidas para arrecadar dinheiro para a igreja, essa festa vai até umas dezoito horas. (SOBENKO, Sônia; SOBENKO; SOBENKO, Sérgio; SOBENKO, C., 2006) ⁹¹

Antigamente, os casamentos nas colônias aconteciam primeiro na igreja. Depois, a festa era no sábado, o dia inteiro, comendo e se divertindo com a música dos “gaiteiros” e amanhecendo no baile. Para os “sobrenoivos” (mulheres e homens solteiros que ajudavam nos preparativos da festa) e demais ajudantes, a festa começava na quinta-feira, eram três dias de preparativos, com aproximadamente dez “sobrenoivos”. (SOBENKO, J., 2006) ⁹²

No dia da festa, primeiramente, os convidados eram recebidos com uma marcha tocada com violino e bumbo pelos “gaiteiros”, quando os convidados os

⁸⁸ Informação fornecida por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

⁸⁹ Informação concedida à autora por João Sobenko, em 23 de dezembro de 2006.

⁹⁰ Informação fornecida à autora por Sônia Sobenko, Sérgio Sobenko e Cláudio Sobenko, moradores do Faxinal Lageado de Baixo, em 23 de dezembro de 2006.

⁹¹ Informação fornecida à autora por Sônia Sobenko, Sérgio Sobenko e Cláudio Sobenko, em 23 de dezembro de 2006.

⁹² Informação concedida à autora por João Sobenko, em 23 de dezembro de 2006.

cumprimentavam com um aperto de mão, davam dinheiro para eles, que imediatamente o colocavam no bolso do paletó e não viam o valor. Depois, os pais dos noivos iam receber os convidados. Quando um casal ia num casamento costumavam presentear com uma louça (presente entregue pela mulher) e ao marido levavam uma garrafa de pinga. (SOBENKO, J., 2006) ⁹³

Utilizavam-se folhas de palmeira e cedrinho, além de flores de papel crepom e fitas para enfeitar o portão, as portas da casa e o paiol. O baile do casamento acontecia na sala da residência para os casados, com violino e bumbo, e o baile dos solteiros era no paiol, com gaita e pandeiro. A maioria das músicas eram ucrainas, mas tinham as gaúchas (vanerão, xote). Não havia o costume do bolo de casamento, tinha o “korovai”, um pão com frutas, tipo um panetone grande, faziam-se dois ou três. À meia noite algumas pessoas (que podiam ser os “sobrenoivos”) segurando o “korovai” enfeitado com um pinheirinho, dançavam, depois ele era cortado e distribuído aos convidados. Era costume dar o “corinho debaixo do ‘korovai’” para os músicos levarem embora. (SOBENKO, J., 2006) ⁹⁴

c) Simbologia e ritualização da Páscoa

O artista Antonio Petreky pintou o interior da Capela Nossa Senhora Rainha da Paz, tanto as paredes quanto o forro e as imagens, com motivos ucrainos (Figura 19). No altar aparece a imagem de Nossa Senhora Rainha da Paz e acima a Santa Ceia, cuja toalha de mesa tem bordados ucrainos. Ao fundo, acima do portão principal, tem-se a Travessia do Mar Vermelho, mas Jesus Cristo e seus apóstolos estão atravessando uma plantação de trigo, em cujo entremeio há flores de amor-perfeito e, ao longe, avistam-se elevações no relevo com algumas edificações. Não há imagens em estátuas nessa igreja, inclusive a “Plastchanytsia” (Figura 20), que é uma lembrança do Santo Sudário, com Cristo morto pintado em tecido, (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]) foi pintada por Antonio Petreky. (SOBENKO, Sônia, 2006) ⁹⁵

⁹³ Informação fornecida por João Sobenko, em 23 de dezembro de 2006.

⁹⁴ Informação fornecida por João Sobenko, em 23 de dezembro de 2006.

⁹⁵ Informação concedida à autora por Sônia Sobenko, em 15 de abril de 2006.



Figura 19: Vista do interior da Capela Nossa Senhora Rainha da Paz
 Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

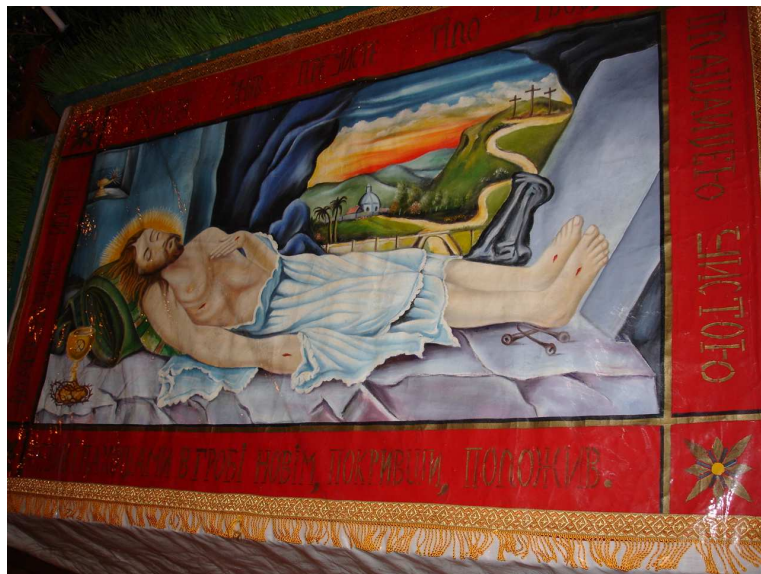


Figura 20: "Plastchanytsia"
 Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Na Páscoa cristã existe a quaresma - teoricamente seriam 7 semanas, mas na prática são 40 dias que antecedem o Domingo de Páscoa - em que se celebra a Paixão de Cristo, preparando-se para a comemoração da ressurreição de Jesus, no Domingo da Ressurreição. (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]) No rito ucraniano tradicional havia neste período várias celebrações e práticas religiosas diferenciadas, que não são realizadas no faxinal.

Durante toda a quaresma, entre os faxinalenses descendentes de ucrâinos, tanto do Faxinal Lageado de Baixo quanto do Lageado dos Mello, permanece a abstenção do consumo de carne todas as quartas e sextas-feiras e nesses dias reza-se o terço. E não se realizam bailes dançantes. (SOBENKO, J. et al., 2006) ⁹⁶

No dia 5 de abril de 2006, na Capela Nossa Senhora Rainha da Paz, houve simultaneamente confissão e missa e, depois o “Parastás”, que é uma celebração para os mortos, em que o padre lê o “Pomianick” de cada família, sendo esse um livreto com os nomes dos familiares falecidos. (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]

No “Domingo de Ramos” ocorreu a benção dos ramos de palmeira e o padre rezou uma missa. Cada família levou um pão deixando-o em uma mesa “em honra dos falecidos” e, depois da missa, o padre levou os pães para o seminário e o restante, para asilo, creche, etc. (FIRMAN, A.; FIRMAN, C., 2006) ⁹⁷ Não houve procissão, conforme acontece na celebração tradicional.

Na Ucrânia havia o “Domingo da Verbá” com procissão e benção de ramos de salgueiro, que vinha do costume pré-cristão de se cultuar as árvores. No Brasil são abençoados ramos de palmeira “[...] em comemoração da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém [...]”. (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]

O costume de trazer alimentos para as celebrações pelos falecidos vem da crença pré-cristã de que as almas, ainda que fiquem separadas do corpo, elas comem e bebem. (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]) Nas missas de sétimo dia e um ano de falecimento realizadas no faxinal existem a oferenda de três pães. (SOBENKO, J., 2006) ⁹⁸

No rito ucraino há um destaque, durante a quaresma, para penitência e culto aos mortos, este também provém dos costumes ucrainos pré-cristãos. (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]

Uma das tradições mais cultivadas pelos descendentes de ucrâinos são as comemorações de Páscoa, que tem o diferencial dos ovos (geralmente de galinha) coloridos pintados à mão: as “pêssankas”, “[...] bem desenvolvido ramo da arte popular [...]”. (BORUSZENKO, 1995, p. 35)

⁹⁶ Informação fornecida à autora pela família Sobenko, em 28 de abril de 2006.

⁹⁷ Informação concedida à autora por Clemente Firman e sua esposa Ana Firman, moradores do Faxinal Lageado dos Mello, em 23 de junho de 2006.

⁹⁸ Informação fornecida por João Sobenko, em 28 de abril de 2006.

Nos faxinais em estudo não existe o costume de pintar ovos, pois é uma técnica que os descendentes dessas localidades não dominam. Alguns deles fazem desenhos com cera e depois tingem os ovos de roxo com a “tchebulhka”, parecida com uma “cebolinha”, outros tingem sem fazer desenhos, mas não costumam presentear-se com eles. (SOBENKO, J. et al., 2006) ⁹⁹

Outro contraste com o costume do turista, no caso da implementação dessa atividade, seria a ausência do ovo de páscoa de chocolate como atração principal. O principal alimento pascal é um pão que se deixa crescer bastante, suavemente adocicado, que tem o nome de “paska”. Seus enfeites são feitos com a massa do próprio pão e recebem um cuidado especial, pois ele decora a cesta de alimentos para o desjejum de domingo, juntamente com as flores.

De acordo com Zaluski (2000, [s. n.]

Na semana santa, dentro da família, cada dia tinha um trabalho pré-determinado; na Segunda-Feira santa lavava-se a casa e todas as dependências, como também era o dia para trabalhar na horta [...]; Na Terça-feira toda a roupa da casa, todos os panos deviam ser lavados, secados e passados. Continuava-se a cuidar da horta; na Quarta-feira terminava-se o trabalho dos dias anteriores e começavam-se a preparar ovos para serem pintados. O chefe da família devia concluir o trabalho na lavoura e preparava lenha para o forno como também fazia faxina nas dependências em redor da casa; até a Quinta-feira santa, chamada de ‘Jêvney Tchetver’ (Quinta-Feira Gorda), todos os trabalhos na lavoura e em casa deviam ser terminados, porque na quinta-feira já começavam as festas da Páscoa.

Esses trabalhos relativos aos cuidados com a casa, a horta e a lavoura, durante a Semana Santa, não são costume entre os faxinalenses. (SOBENKO, J., 2006) ¹⁰⁰

Ainda segundo Zaluski (2000, [s. n.]), na Quinta-Feira Santa, à noite, existe o costume de ler os doze Evangelhos da Paixão e, depois dessa celebração, na igreja, não se tocam mais os sinos, até o início das Matinas da Ressurreição, no sábado. Porém, no Faxinal Lageado de Baixo não houve celebração religiosa na Quinta-Feira Santa e não há o costume de tocar sinos, durante a Semana Santa e nem no Domingo de Páscoa, pois não existem sinos na igreja.

⁹⁹ Informação fornecida pela família Sobenko, em 28 de abril de 2006.

¹⁰⁰ Informação fornecida por João Sobenko, em 28 de abril de 2006.

As celebrações da Semana Santa tiveram início na Sexta-Feira Santa, 14 de abril, pela manhã. O diácono iniciou o culto, depois realizou-se uma procissão ao redor da igreja (Figura 21), que há alguns anos é de uma volta em torno dela, mas antes era costume, nessa localidade, dar três voltas. Primeiro foi levada a cruz e, depois, ao som de duas matracas ¹⁰¹, a “Plastchanytsia” foi carregada por quatro homens, segurando uma vela acesa cada um deles e, em seguida, foi depositada num suporte, no interior da capela, e acesas as velas que o cercam. Na seqüência retornou-se ao culto.



Figura 21: Procissão da Sexta-Feira Santa
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

A “Plastchanytsia” permaneceu no referido local, para a adoração, até a bênção aos alimentos, que no caso foi no sábado. Neste dia, ela foi colocada no altar, onde permaneceu 40 dias após o Domingo de Páscoa, até a Assunção do Senhor, dia em que o padre rezou uma missa. Esta não ocorre todo o ano, então a comunidade guarda a “Plastchanytsia” antes desse período. (FIRMAN, A.; FIRMAN, C., 2006) ¹⁰²

Na Sexta-Feira Santa costuma-se fazer jejum não comendo gordura animal, não se faz almoço e come-se um lanche. Mas, não se costuma ficar sem comer

¹⁰¹ Instrumento de percussão, formado por tabuinhas movediças, ou argolas de ferro, que, ao serem agitadas, percutem a prancheta em que se acham presas e produzem uma série rápida de estalos secos; malho (HOLANDA, 1999, p.1299).

¹⁰² Informação fornecida por Clemente Firman e sua esposa Ana Firman, em 23 de junho de 2006.

antes de ir à igreja (FIRMAN, A.; FIRMAN, C., 2006) ¹⁰³. No referido dia observou-se os seguintes “alimentos secos” no almoço: pão (feito sem utilizar banha, leite e ovo) com margarina e geléia e café (sem leite), uma maneira de jejuar realizada desde a Ucrânia. Também não se pode consumir bebidas alcoólicas. (SOBENKO, J. et al., 2006) ¹⁰⁴

Ainda na sexta-feira, à tarde, houve um culto apenas para as crianças. E, à noite, a própria comunidade realizou a Via Sacra, sem a presença do diácono. Antes de terminar a celebração, tanto de manhã quanto de noite, formaram-se duas filas, uma de mulheres e a outra de homens, todos de joelhos em frente à “Plastchanytsia” e foram ajoelhados até ela, para beijá-la várias vezes (Figura 22).



Figura 22: Indo de joelhos beijar a “Plastchanytsia”
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Tanto as celebrações de sexta-feira quanto do sábado foram realizadas pelo diácono, com hinos de Páscoa e leituras no idioma ucraniano, que são diferenciados para cada dia. Durante esses hinos existem pausas em que faz-se o sinal da cruz e em seguida, reza-se a ave-maria e o pai-nosso, de joelhos. Levanta-se, continua-se o hino e faz-se novamente o sinal da cruz. Após, ajoelha-se e simula-se beijar o

¹⁰³ Informação fornecida por Clemente Firman e Ana Firman, em 23 de junho de 2006.

¹⁰⁴ Informação fornecida pela família Sobenko, em 28 de abril de 2006.

chão (Figura 23). Todo esse ritual acontece diversas vezes nos cultos da Sexta-Feira Santa e do Sábado de Aleluia.



Figura 23: Simulando beijar o chão

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Outro costume diferenciado são os lugares em que se sentam os faxinalenses na igreja, do lado esquerdo, olhando para o altar, ficam primeiramente as crianças, tanto meninas quanto meninos e atrás, as mulheres. Do lado direito, na frente, fica o coral, composto na grande maioria por mulheres e, atrás do coral, os homens.

Na Sexta-feira Santa pode-se iniciar o preparo dos alimentos para a cesta. Isso aconteceu entre os faxinalenses, pois sua benção foi no sábado, à tarde. De acordo com o rito tradicional, a cesta seria abençoada na madrugada do Domingo de Páscoa, para o jejum do domingo de manhã. Quarenta cestas foram aspergidas com água benta pelo diácono, doze eram de famílias do Faxinal Lageado de Baixo (apenas uma família não compareceu) e as demais eram do Lageado dos Mello e de localidades próximas (Figura 24). Uma das opções observadas para o jejum do domingo de manhã, de certa maneira exóticos para possíveis turistas, foi a “paska”, o requeijão caseiro, os ovos tingidos picados e temperados com sal e raiz forte, a lingüiça, a margarina, a carne de gado, o café e o leite (Figura 25).



Figura 24: Bênção dos alimentos
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa



Figura 25: Cesta de alimento, para o
desjejum do domingo, de manhã
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Outra mudança observada com relação ao rito tradicional foi nas celebrações do Sábado Santo. O sudário foi recolhido após a bênção dos alimentos, no sábado à tarde e não, à noite, além de não ter ocorrido a procissão. “Após a celebração de ‘Nadghrobne’ (Celebração diante da sepultura de Jesus) e após recolher o sudário

ao som das matracas, à meia noite, começa a grande procissão com cânticos da ressurreição [...]”. (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]

“A noite de Páscoa (madrugada de domingo) é uma noite sagrada, mágica, benéfica, feliz, noite da felicidade. Nesta noite as almas dos falecidos visitam suas famílias e por isso não se deve dormir [...]”. (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]) Como não existiram celebrações na noite de sábado, nem no domingo de madrugada, a “noite de Páscoa” observada foi uma noite comum: teve o jantar, depois se assistiu televisão, todos dormiram e não se olhou às estrelas (como ocorreria de acordo com o costume).

A Páscoa entre os faxinalenses ucrâinos é comemorada no domingo, segunda e terça-feira, com as visitas entre parentes e vizinhos. Nos almoços observados existiu a opção de churrasco de carne de gado (prato principal), lingüiça, carne de porco, arroz, macarrão, molho vermelho com carne moída, maionese, conservas de pepino, cebola, vagem, refrigerante, cerveja caseira e industrializada, pinga, entre outras comidas e bebidas.

Sobre a tradição da “hahilky”, danças e cantos relacionados à antiga tradição da chegada da primavera, os faxinalenses chamam de “hailka”, e faz uns 20 anos que não são mais praticadas na Capela Nossa Senhora Rainha da Paz. Elas aconteciam no domingo, à tarde, além de segunda e terça-feira. Os participantes da “hailka” eram descendentes de ucrâinos que freqüentavam a igreja, tanto moradores dos faxinais quanto dos arredores, e haviam “brasileiros” que iam assisti-la. (ANTONIV, 2006) ¹⁰⁵

A “Voskrésna Panakhyda” é uma celebração para os mortos durante a semana de Páscoa. De acordo com o rito tradicional, costuma-se ir em procissão ao cemitério e celebrar ritos especiais em cada túmulo, anunciando a eles a alegria da ressurreição (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]).

No faxinal, essa foi realizada na segunda-feira, de manhã, pelo padre. Não existiu a procissão, foi marcado um horário para os faxinalenses se encontrarem no cemitério e as orações que, antes, eram realizadas em cada túmulo, hoje o padre reza no cruzeiro. Cada família leva um maço de vela e, para facilitar, ao invés do

¹⁰⁵ Informação concedida à autora por Valdomiro Antoniv, em 24 de junho de 2006.

padre ler o “Pomianick”, ele lê o nome de todos os falecidos que estão anotados num caderno. (FIRMAN, A.; FIRMAN, C., 2006) ¹⁰⁶

A missa do Domingo de Páscoa (Figura 26) foi transferida para segunda-feira, 17 de abril, à tarde, o que é comum nas comunidades do interior do município, porque o mesmo sacerdote percorre diversas localidades para realizar as celebrações. O padre realizou a missa, único dia em que houve a comunhão desde a Sexta-Feira Santa, com um pedaço de pão quadrado molhado no vinho e colocado na boca do fiel. Em vários momentos ele ficou de costas para os fiéis e de frente para o altar. Muitas famílias não compareceram, devido às visitas recebidas em casa.



Figura 26: Missa do Domingo de Páscoa
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Na tradição pascal, na segunda-feira, jogava-se água nos amigos que se encontrava, como prenúncio das chuvas. (Pe. ZALUSKI, 2000, [s. n.]) Entre os faxinalenses nunca houve esse costume. (FIRMAN, A.; FIRMAN, C., 2006) ¹⁰⁷

Pressupondo que o turista seja atraído pelo diferente e extraordinário, quem procurará o faxinal, provavelmente, será uma pessoa que mora na cidade, pertencente a uma sociedade consumista, que não têm práticas culturais tradicionais e que não pratica a sociabilidade com grande parte de seus vizinhos. Em relação à Páscoa e ao Natal no Faxinal Lageado de Baixo, chamará a sua atenção uma

¹⁰⁶ Informação fornecida por Ana Firman e Clemente Firman, em 23 de junho de 2006.

¹⁰⁷ Informação concedida por Clemente Firman e Ana Firman, em 23 de junho de 2006.

paisagem diferente daquela do seu cotidiano, que além de ser no campo, a igreja possui estilo ucraniano e as práticas religiosas e culturais do rito oriental ucraniano dos faxinalenses são diferenciadas do rito latino e da cultura ocidental e possuem um grande valor visual.

Porém, cabe aos faxinalenses descendentes de ucranianos decidirem se eles querem a participação de turistas nas suas celebrações e comemorações religiosas. A participação de pessoas que não pertencem à comunidade e religião podem atrapalhar as suas manifestações. Além da capela ser pequena, sua capacidade é de aproximadamente 140 pessoas (SIEKLICKI, 2007), por isso não comporta um grande número de visitantes.

d) O Natal como manifestação cultural e religiosa

No rito ucraniano tradicional há uma “[...] quaresma de preparação ao nascimento do Filho de Deus [...]”, chamado de “pelêpivka”, com a prática do jejum e da penitência. Inicia-se no dia do Apóstolo São Felipe (de acordo com o calendário gregoriano, dia 14 de novembro). (Pe. KOZLINSKI, [s. n.]

Ainda durante a “pelêpivka” existe o dia de São Nicolau (Figura 27), 6 de dezembro no calendário gregoriano, ele foi bispo da Igreja Oriental e destacou-se por sua bondade e ajuda aos necessitados, por isso é um dos santos mais cultuados na Ucrânia. Por ser patrono das crianças, no seu dia há o costume da troca de presentes, com atenção especial para as crianças. (Pe. KOZLINSKI, [s. n.]



Figura 27: Imagem de São Nicolau
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Entre os faxinalenses ucranianos não há a tradição da “pelêpivka”. Não comemora-se o dia do Apóstolo São Felipe. No dia 6 de dezembro, comemorou-se o dia de São Nicolau com uma missa, mas não é todo ano que ela acontece, pois depende da disponibilidade do padre. Também não há troca de presentes no dia de São Nicolau. (SOBENKO, J., 2006) ¹⁰⁸

Uma pessoa que represente ser idosa e carinhosa vestida de São Nicolau, com roupa de bispo oriental, pois ele teve essa função na igreja, distribui os presentes para as crianças. Normalmente é auxiliado pelos anjos, representantes do bem e da generosidade, eles que conduzem os presentes. Juntamente com São Nicolau há uma pessoa mascarada que representa o mal. As crianças são questionadas sobre o bem que exerceram, sendo o presente sua recompensa. “No ocidente, São Nicolau foi substituído pela figura do Papai Noel.” (Pe. KOZLINSKI, [s. n.])

Como na cultura ocidental, que substituiu sua representação pelo Papai Noel, é este que traz presentes para as crianças durante a noite de Natal, no faxinal. Tem ano que há missa dos Três Reis e a Festa da Teafânia (Batismo de Jesus). (SOBENKO, J., 2006) ¹⁰⁹

Tradicionalmente, existe todo um ritual na véspera do Natal, porque os ucranianos dão uma atenção especial à Santa Ceia, no dia 24 de dezembro, que encerra a “pelêpivka”. Esse dia inicia-se com a limpeza especial da residência ou da “hospodarka”, a propriedade rural, esta deve ser limpa em sua totalidade pelo dono da casa. (Pe. KOZLINSKI, [s. n.]) Entre os descendentes de ucranianos dos faxinais não há uma limpeza especial da casa e do restante da propriedade. (SOBENKO, J., 2006) ¹¹⁰

Enfeita-se a “ialenka”, árvore de Natal, com uma estrela em sua ponta, que indica o caminho, como aconteceu com os reis magos guiados por ela até Jesus, além de vários enfeites como doces, que depois serão consumidos. Ao entardecer, a família é reunida para celebração do ritual: o “hospódar”, dono da casa, traz o “didukc” (Figura 28), feixe de trigo para o interior da casa, com respeito, e coloca-o

¹⁰⁸ Informação concedida por João Sobenko, em 22 de dezembro de 2006.

¹⁰⁹ Informação concedida por João Sobenko, em 22 de dezembro de 2006.

¹¹⁰ Informação dada por João Sobenko, em 22 de dezembro de 2006.

num local de destaque previamente preparado, que significa “[...] os antepassados, os falecidos, bem como a fartura, a boa colheita, o progresso, o bem estar das pessoas [...]”. (Pe. KOZLINSKI, [s. n.]



Figura 28: O “didukc”, na casa da família Firman

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

A prática de enfeitar o pinheirinho de Natal começou há uns 10 anos, no faxinal. Inicialmente com araucária, atualmente a maioria tem o de plástico, os enfeites são variados, não há necessariamente a estrela nem doces. Antigamente, todos praticavam o costume do “didukc”, porque tinham a palha de trigo; com o passar do tempo começaram pôr palha de aveia, pois não tinham mais a de trigo; e hoje, apenas duas ou três famílias mantêm esse costume. (SOBENKO, J., 2006)¹¹¹

Na tradição do Natal a mesa da ceia é forrada com feno que é coberto com uma toalha de mesa, ele representa a manjedoura que acolherá Cristo. Embaixo da mesa é colocada a palha de trigo com instrumentos de trabalho do campo, para que as bênçãos de Deus percorram toda propriedade. Costuma-se deixar um lugar a mesa, que representa um familiar, amigo que não pôde estar presente ou os falecidos. (Pe. KOZLINSKI, [s. n.]

Entre os faxinalenses a maior parte das famílias faz a “bapuka”, forram a mesa com feno e cobrem-no com a toalha de mesa. Não há o costume de pôr

¹¹¹ Informação fornecida por João Sobenko, em 22 de dezembro de 2006.

instrumentos de trabalho, nem palha sob a mesa nem de deixar um lugar vago para os ausentes. (SOBENKO, J., 2006) ¹¹²

Servem-se doze pratos na ceia que representavam os doze meses do ano, mas após o cristianismo, passou a representar os doze apóstolos. A fartura serve para Jesus dar suas bênçãos para toda a família. (Pe. KOZLINSKI, [s. n.]

Tanto no Faxinal Lageado de Baixo quanto no Lageado dos Mello, apenas algumas famílias mantêm a tradição dos doze pratos (Figura 29), que podem ser compostos por quaisquer alimentos desde que completem doze, inclusive podem ser utilizados carne e banha para o preparo dos pratos. São servidos no horário em que se costuma jantar, não acontece quando surge a primeira estrela no céu. Para eles os doze pratos continuam representando os doze meses do ano, o que demonstra uma permanência de tradições pré-cristãs. O que se mantém em grande parte das famílias é o preparo do “kutia”, trigo descascado cozido na água e adoçado com mel ou leite condensado, que é o prato principal da Santa Ceia. (SOBENKO, J., 2006) ¹¹³



Figura 29: Mesa da ceia, com os 12 pratos
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

¹¹² Informação de João Sobenko, em 22 de dezembro de 2006.

¹¹³ Informação concedida à autora por João Sobenko, em 22 de dezembro de 2006.

No rito tradicional a Santa Ceia deve ser servida quando surgir no céu a primeira estrela. O “hospódar” convida a todos, faz uma oração pela família e a saudação típica do Natal: “Xrestós Rodêucia” (Cristo nasceu). Com calor humano, todos devem responder “Slavimo lohó” (Glorifiquemo-lo). Depois, o dono da casa distribui um pedaço de pão embebido em mel, representando a alegria, a união, o bem estar humano e espiritual da família. Um momento que deve ser de muita alegria é na execução das “kolhadê”, cantos de Natal sobre o nascimento de Cristo, quando saúdam-se os presentes com cada participante iniciando uma “kólhada”, que continuam até o término da ceia. Como a “pelêpivka” termina apenas a meia noite, quando a família participa da Divina Liturgia na igreja, após a ceia, não se utilizam produtos gordurosos para prepará-la, esses produtos devem representar o ar, a água e a terra. Não se retira nada da mesa, pois existe a crença de que os falecidos virão se alimentar. (Pe. KOZLINSKI, [s. n.]

Particpei da ceia da família Sobenko (Figura 30), no dia 24 de dezembro, às vinte e uma horas. No momento de preparar a mesa, ela foi forrada com feno, questionado sobre o que isso representa, o Sr. Sobenko não soube responder, disse que é da tradição. Não havia carne e tinham os seguintes pratos típicos: “kutia”; “borsctch” – sopa de beterraba e repolho; “varéneke” – pastel cozido recheado com requeijão; “holobtsí” – “espécie de ‘charuto’, com trigo sarraceno enrolado com folha de repolho”.



Figura 30: Ceia da família Sobenko
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Na residência do Sr. João Sobenko, o pinheirinho de plástico foi posto na sala e não colocaram o “didukc”. O dono da casa não fez uma oração para todos, cada um fez uma oração isoladamente em silêncio, também não existiu o lugar vazio a mesa destinado aos ausentes (que não puderam estar presentes ou são falecidos), nem a saudação de Natal e não havia o pão com mel. Não existiram as “kolhadê” e, entre os faxinalenses ucranianos, os adultos não costumam presentear-se. Nessa família não há o costume de deixar os alimentos na mesa para os falecidos.

Na casa da família Firman eles colocaram o “didukc”, palha de aveia (substituindo a de trigo), por todo o assoalho da sala, o pinheirinho de plástico também estava nessa parte da casa. Para eles tanto o “didukc” quanto o feno colocado na mesa da Santa Tarde (Santa Ceia) representam a manjedoura de Cristo. Antes deixavam o restante dos alimentos sobre a mesa até o dia seguinte, não souberam dizer o significado para esse costume, seu motivo para mantê-lo foi a tradição, embora conhecessem a crendice de que falecidos vem se alimentar, disseram não acreditar nisso. (FIRMAN, A.; FIRMAN, C., 2006) ¹¹⁴

Na Capela Nossa Senhora Rainha da Paz, a Liturgia de Natal (Figura 31) aconteceu no dia 24 de dezembro, às dez horas da manhã. Na igreja havia um lindo Presépio (Figura 32). O padre marca a data antecipadamente, que pode ser no dia 24, 25 ou 26. Havia mais homens do que mulheres, o que não é comum nas missas realizadas durante o ano, pois normalmente ocorre o contrário, mas muitas mulheres ficaram em casa preparando os alimentos para ceia.

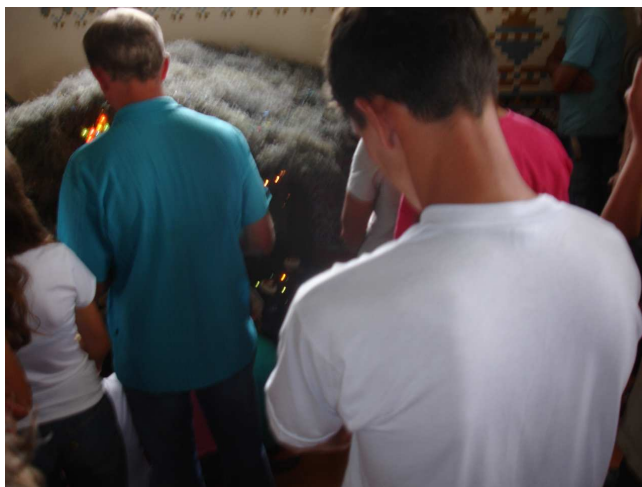


Figura 31: Liturgia de Natal
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

¹¹⁴ Informação fornecida à autora por Clemente Firman e Ana Firman, em 25 de dezembro de 2006.



Figura 32: Presépio, na Capela Nossa Senhora Rainha da Paz
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

No rito tradicional cantam-se muito as “kolhadê”, que são entoadas na igreja até dia dois de fevereiro. Todos se saúdam com a saudação típica do Natal. Ao sair da igreja, grupos de pessoas vão de casa em casa cantar as “Kolhadê” e saudar os moradores desejando-se “[...] o bem estar para todos, o progresso humano e espiritual, a saúde, a boa colheita [...]”; geralmente os “kolhadnekê”, cantores, são homens. Eles são recompensados com guloseimas e bens materiais, estes servirão à comunidade. (Pe. KOZLINSKI, [s. n.]

Entre os faxinalenses ucrâinos as “kolhadê” são chamadas de “kolenda” e antigamente elas eram cantadas até o Ano Novo. Atualmente, elas acontecem, geralmente, no dia 25 de dezembro. Os cantores passam nas comunidades que fazem parte da igreja e combinam previamente com os moradores das casas a serem visitadas. Nesse dia, visitaram quarenta casas, percorrendo a pé aproximadamente vinte quilômetros, sendo que em alguns momentos do percurso choveu. Quando chegam à casa tocam um sino para avisar os moradores. Depois de cantada a “kolenda” os donos da casa servem bolo, bolacha, pinga, cerveja, entre outros para os cantores, além de doar uma quantia em dinheiro para eles, que será destinada à igreja. (SOBENKO, Sérgio; SOBENKO, J., 2006) ¹¹⁵

Antigamente, tanto na Páscoa quanto no Natal, assava-se a carne no forno de uma só vez, na véspera das comemorações, e deixava-se para ser consumida nos três dias, ela não estragava por ser bem assada. Não se faziam alimentos cozidos

¹¹⁵ Informação fornecida por Sérgio Sobenko e João Sobenko, em 26 de dezembro de 2006.

(como arroz, macarrão, etc.) nem saladas. Costumava-se consumir pão, carne (geralmente de porco), conserva, cerveja caseira e pinga. Eram as datas mais festejadas e esperadas durante o ano, com fartura de carne, o que não acontecia no restante do ano, também eram as únicas datas em que se faziam bolachas e bolos. (SOBENKO, J., 2006) ¹¹⁶

Assim como na Páscoa, são três dias de comemoração, 25, 26 e 27 de dezembro. Nos almoços e jantares também existe o churrasco e os mesmos acompanhamentos das comemorações da Páscoa, assim como as visitas entre parentes e vizinhos. Entre esses existe uma troca, faz-se uma refeição na casa de um vizinho e, posteriormente, esse vai à casa de sua visita fazer outra refeição.

Os descendentes de ucranianos que foram morar no Faxinal Lageado de Baixo e no Lageado dos Mello tiveram que adaptar suas tradições da Páscoa e do Natal ao espaço e ao tempo. Um dos motivos foi a escassez de sacerdotes do rito ucraniano para atender a todos os costumes do rito tradicional, com seus dias e períodos pré-determinados. Na região, tanto na área urbana como nas localidades rurais, existem diversas comunidades de ascendência ucraniana.

Como os procedimentos ritualizados se tratam de comportamentos socialmente transmitidos, procurou-se apontar o distanciamento entre a tradição do passado e a prática do presente. Acredita-se que parte desse distanciamento pode ser atribuída a dualidade cultural destas comunidades, onde se mesclam elementos étnicos ucranianos e caboclos formando o que se pode denominar de “cultura faxinalense”. Trata-se, portanto, de um sincretismo cultural e religioso.

Buscou-se também descrever o possível olhar do turista sobre a Páscoa e o Natal dos faxinalenses. Talvez a participação dos turistas nessas comemorações, nas residências faxinalenses, possa trazer benefícios em termos de manutenção das tradições. O que permitiria a convivência com sua cultura, sociabilidade e receptibilidade. E a participação nas alegres comemorações, das refeições saborosas, com uma culinária diferenciada. Mas o turismo precisa de planejamento e gestão adequados que atraiam o tipo e a quantidade de turistas desejados.

Talvez possa ser interessante a ressignificação das festas realizadas nas igrejas que são abertas ao público, inserindo um componente da cultura faxinalense, com a recuperação de festas, como a de São João e a de Santo Antônio, com a

¹¹⁶ Informação concedida à autora por João Sobenko, em 22 de dezembro de 2006.

grande fogueira. O que pode proporcionar o conhecimento da religiosidade popular para as gerações mais novas desses faxinais que não as vivenciaram, para a população do município e para os turistas, fortalecendo os valores comunitários entre os dois faxinais.

A reafirmação da identidade dos faxinalenses pode fazer com que eles próprios recuperem práticas culturais que foram abandonadas, tanto da religiosidade popular, quanto de atividades econômicas menos impactantes sobre a natureza, entre outras, visando sua diferenciação cultural na luta política por direitos territoriais, culturais e recursos financeiros. O caráter sincrético de sua cultura e religião pode contribuir na viabilização de uma proposta de turismo comunitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um trabalho de observação participante foi possível traçar um panorama da realidade dos faxinalenses e do seu conhecimento tradicional, buscando abrir caminhos para construção de um conhecimento transdisciplinar sobre os faxinais. A partir de reflexões acerca do desenvolvimento comunitário, foi possível também levantar a potencialidade do turismo comunitário como uma contribuição para a conservação cultural e melhoria da qualidade de vida dos povos tradicionais, bem como para a manutenção da biodiversidade de seus territórios.

Os faxinalenses com o apoio técnico e financeiro do governo, universidades, organizações não governamentais e governamentais e empresas de caráter privado podem construir os estudos e planejamentos adequados das unidades de conservação, para evitar a degradação, para a criação da estrutura física adequada a minimizar os impactos sobre o ambiente, para a inserção de seus produtos no segmento de mercado a ser atingido, e ainda para o manejo e fiscalização eficientes do turismo comunitário e/ou das outras atividades.

Para manutenção dos faxinais que restaram no Paraná precisa-se pensar com os faxinalenses, em formas de criar uma proteção legal para a totalidade do sistema e alternativas de uso sustentável dos recursos naturais. A produção orgânica de carne de porco, cabra, boi, frango, carneiro e de produtos agrícolas; a apicultura; o leite e derivados; as compotas, geléias e conservas; as hortaliças, etc.; o plantio de araucárias; o manejo de erva-mate e plantas medicinais; bem como o turismo comunitário, podem ser atividades complementares para se chegar ao propósito intentado.

A busca por atividades alternativas ao fumo, que se coloca como produção dominante nas comunidades em estudo, é um processo que não pode ser negligenciado. É importante disponibilizar cursos aos faxinalenses, como educação ambiental, empreendedorismo, produção e beneficiamento de alimentos “orgânicos”, higiene e limpeza, turismo, direito aplicado, etc. Mas, cabe a eles, somente a eles, escolherem ou não alternativas de renda que mais se adaptem a sua realidade.

Após um processo educativo construtivista, a Associação dos Produtores Rurais do Lageado de Baixo pode tornar-se um instrumento para o planejamento e gestão de atividades econômicas sustentáveis. O turismo integrado a outras atividades e administrado pela própria comunidade, pode levar a um maior retorno

financeiro à localidade, a sustentabilidade de seus territórios e a autonomia desses povos.

A história desses dois faxinais demonstra a alta resiliência de seu sistema agrosilvopastoril. Havia o comércio de animais, bem como o de produtos agrícolas e o de provenientes do extrativismo florestal, o que reforça a preocupação com a sustentabilidade dos faxinais em estudo. Os fortes laços comunitários que existiram no passado podem favorecer alternativas econômicas baseadas no associativismo, como o turismo comunitário. E a recuperação de manifestações culturais da religiosidade popular pode ajudar a fortalecer esses laços entre eles.

O Faxinal Lageado de Baixo, juntamente com o Faxinal Lageado dos Mello, possuem vários recursos para o desenvolvimento do turismo comunitário. Como passear pela estrada interna do faxinal, observando as propriedades, a vegetação e os animais; ouvir sobre sua história; observar o modo de vida diferenciado dos faxinalenses; entre outros. A Capela Nossa Senhora Rainha da Paz, em estilo ucraniano, e as suas celebrações da Páscoa e do Natal possibilitam uma maior visibilidade da cultura ucraniana e da sociabilidade existente entre os descendentes. Além de existir uma festa aberta ao público em geral, que segue o calendário de eventos do município, para arrecadar fundos.

O estudo da cultura faxinalense com uma visão de mundo diferenciada da Mata com Araucária, com o uso sustentável da natureza dentro do criadouro comunitário, com sua inserção política dentro da CNPCT, com as dificuldades para inserção de sua “produção tradicional” no mercado, com a busca de alternativas econômicas para garantir sua subsistência, enfim, com as especificidades de cada faxinal, pode atrair pesquisadores, como biólogos, antropólogos, geógrafos, engenheiros florestais, agrônomos, zootecnistas, sociólogos, turismólogos, historiadores, economistas, entre outros, criando um segmento de turismo científico. Por sua vez, esses cientistas podem divulgar os conhecimentos adquiridos, por meio de aulas, palestras, apresentações orais e publicações, dando maior visibilidade à cultura faxinalense.

As atividades turísticas devem ser limitadas à contemplação da paisagem e a participação de atividades culturais como palestras, reuniões, manifestações religiosas, refeições, etc. Evitando a prática de esportes de grande impacto sobre o ambiente, como trilhas com automóveis. O ambiente de faxinal por si mesmo apresenta certa dificuldade de regeneração de espécies vegetais, por causa do

próprio sistema de criação dos animais soltos, dessa forma, comporta apenas uma pequena quantidade de visitantes.

A procura dos turistas por manifestações culturais tradicionais e ambientes naturais conservados pode levar os faxinalenses a recuperarem tradições do passado e a buscar atividades econômicas sustentáveis, ou seja, uma re-significação do passado. Nesse aspecto, um grande obstáculo pode ser a pressão que as comunidades tradicionais podem sofrer pela legislação e por diferentes atores do turismo no sentido de manterem e/ou recuperarem tradições de maneira artificial, ou ainda, de que eles se mantenham estagnados no passado. Precisa haver um reconhecimento do direito dos povos tradicionais a atualizar os seus modos de vida, seus costumes, seus conhecimentos, os usos dos recursos naturais, as atividades econômicas, entre outros e proporcionar condições para manutenção de suas identidades.

A ecologia social vem construindo um conhecimento transdisciplinar para ser aplicado na conservação ambiental e cultural, tentando solucionar problemas sociais com a instalação de áreas protegidas. Esta pesquisa buscou ser uma contribuição a esse processo construtivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) FONTES ESCRITAS

ACOLHIDA NA COLÔNIA. Disponível em: <<http://www.acolhida.com.br>>. Acesso em: 08 DEZ 2007.

AGRECO. Disponível em: <<http://www.agreco.com.br>>. Acesso em: 08 DEZ 2007.

A LUTA PELA TERRA TEM MAIS UM PROTAGONISTA NO PARANÁ. Disponível em: <<http://www.cpt.org.br/?system=news&action=read&id=347&eid=128>>. Acesso em: 02 NOV 2006.

APROVADO PROJETO EM PROL DOS FAXINALENSES. Disponível em: <<http://www.deputadopedroivo.org/noticiasdiscutefaxinais.htm>>. Acesso em 10 SET 2007.

AUDIÊNCIA PÚBLICA DISCUTE A SITUAÇÃO DOS POVOS FAXINALENSES NO PARANÁ. Disponível em: <<http://www.deputadopedroivo.org/noticiasdiscutefaxinais.htm>>. Acesso em: 10 SET 2007.

BANCADA DO PT APRESENTA PROJETO EM PROL DO FAXINALENSES. Disponível em: <<http://www.deputadopedroivo.org/noticiasdiscutefaxinais.htm>>. Acesso em: 10 SET 2007.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BERKES, F. Sistemas sociais, sistemas ecológicos e direitos de apropriação de recursos naturais. In: VIEIRA, P. F.; BERKES, F.; SEIXAS, C. S. **Gestão integrada e participativa de recursos naturais: conceitos, métodos e experiências**. Florianópolis: Secco/APED, 2005a. p. 47-72

BERKES, F. Conexões institucionais transescalares. In: VIEIRA, P. F.; BERKES, F.; SEIXAS, C. S. **Gestão integrada e participativa de recursos naturais: conceitos, métodos e experiências**. Florianópolis: Secco/APED, 2005b. p. 293-332

BORUSZENKO, O. **Os ucranianos**. 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 108, out. 1995.

BRANDÃO, C. R. (org). **Repensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (1988). Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%E7ao_Compilado.htm#a dct>. Acesso em: 10 FEV 2007.

BRASIL. DECRETO DE 13 DE JULHO DE 2006. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Dnn/Dnn10884.htm>. Acesso em: 10 FEV 2007.

BRASIL. DECRETO DE 27 DE DEZEMBRO DE 2004. Brasília, DF: Presidência da República, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/_Ato2004-2006/2004/Dnn/Dnn10408.htm>. Acesso em: 03 DEZ 2005.

BRASIL. DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm>. Acesso em: 10 FEV 2007.

BRASIL. DECRETO Nº 5.051, DE 19 DE ABRIL DE 2004. Brasília, DF: Presidência da República, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5051.htm>. Acesso em: 10 FEV 2007.

BRASIL. DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 10 FEV 2007.

BRASIL. LEI Nº 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000. Brasília, DF: Presidência da República, 2000. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9985.htm>>. Acesso em: 10 FEV 2007.

BURKO, V. N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2. ed. Curitiba: Editora dos Padres Basilianos, 1963.

CNPCT. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília: [s.n.], 2006.

CNPT. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/cnpt.htm>>. Acesso em: 10 FEV 2007.

COMISSÃO DO FAXINAL DO LAGEADO DOS MELLO; ARTICULAÇÃO PUXIRÃO DOS POVOS DE FAXINAIS. **Denúncia**. Rio Azul: [s. n.], 2006.

CONVENÇÃO SOBRE DIVERSIDADE BIOLÓGICA (CDB). Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sbf/chm/cdb/decreto1.html>>. Acesso em: 03 DEZ 2005.

DEPUTADOS PEDEM SEGURANÇA AOS FAXINALENSES. Disponível em: <<http://www.deputadopedroivo.org/noticiassegpublica.htm>>. Acesso em: 10 SET 2007.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000a.

DIEGUES, A. C. (org.) **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: USP, 2000b.

1º ENCONTRO DOS POVOS DOS FAXINAIS, 2005, Irati. Anais: Termo de referência. Irati: Rede Faxinal, 2005. impresso.

FAXINAIS PEDEM POLÍTICAS PÚBLICAS ESPECÍFICAS. Disponível em: <<http://tadeuveneri.com.br/noticia.php?acao=imprensa&id=840>>. Acesso em: 10 SET 2007.

FERREIRA, J. C. V. **O Paraná e seus municípios**. Maringá: Memória Brasileira, 1996.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GRENTESKI, F. A.; SIEKLIKI, M. A. **Inventário turístico: Mallet - PR**. Mallet: [s. n.], 2002.

HISTÓRICO DA ERVA-MATE. Disponível em: <<http://www.pr.gov.br/phmate/historico.html>>. Acesso em: 10 SET 2007.

HOLANDA, A. B. de. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HORWICH, R. H. et al. O ecoturismo e o desenvolvimento da comunidade: a experiência de Belize. In: **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: SENAC São Paulo, 1995. p. 257 - 284.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31&paginaatual=1&uf=41&letra=M>>. Acesso em: 03 DEZ 2005.

IBGE. IBGE cidades @. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 03 DEZ 2005.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 3. ed. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.

LIMA, M. L. C. (Eco)turismo em unidades de conservação. In: RODRIGUES, A. B. **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 71-85

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia, Brasília, n. 322, p. 1-32. 2002.

LÖWEN SAHR, C. L. **Faxinalenses: populações tradicionais no bioma da Mata com Araucária?** In: 1º ENCONTRO DOS POVOS DOS FAXINAIS, 2005, Irati. Anais: Termo de referência. Irati: Rede Faxinal, 2005. impresso. p. 53-62

LÖWEN SAHR, C. L. **O pré-Moderno na Pós-Modernidade: refletindo sobre as comunidades de Faxinais da Floresta com Araucária do Paraná**. In: XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2006, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. v. 1. p. 1-25.

LÖWEN SAHR, C. L. ; CUNHA, L. A. G. **O significado social e ecológico dos faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da Mata com Araucária no Paraná.** Revista Emancipação, Ponta Grossa, v. 5, n.1, p. 89-104. 2005.

LUS, V. da. **Turismo rural e etnicidade: potencialidades no município de Mallet** – PR. 2003, 77 f. Monografia (Especialização em Geografia e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado do Paraná, União da Vitória, 2003.

MADHAV GADGIL, P.R. Novos significados para antigos conhecimentos: o Programa de Registros Participativos da Biodiversidade. In: VIEIRA, P. F.; BERKES, F.; SEIXAS, C. S. **Gestão integrada e participativa de recursos naturais: conceitos, métodos e experiências.** Florianópolis: Secco/APED, 2005. p. 261-286

MARQUES, C. L. G. **Levantamento preliminar sobre o sistema Faxinal no estado do Paraná.** Relatório de Consultoria Técnica, IAP, Curitiba, 2004. (mimeog.)

MARTÍNEZ ALIER, J. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração.** Tradução de Maurício Waldman. São Paulo: Contexto, 2007.

ORDEM DO DIA 29.08.2007. Disponível em: <http://www.liderancaptpr.com.br/principal/home/?sistema=conteudos|conteudo&id_conteudo=3341>. Acesso em: 10 SET 2007.

ORDEM DO DIA 30.08.2007. Disponível em: <http://www.liderancaptpr.com.br/principal/home/?sistema=conteudos|conteudo&id_conteudo=3343>. Acesso em: 10 SET 2007.

ORDEM DO DIA 05.09.2007. Disponível em: <http://www.liderancaptpr.com.br/principal/home/?sistema=conteudos|conteudo&id_conteudo=3364>. Acesso em: 10 SET 2007.

PARANÁ. DECRETO Nº 3446. Curitiba: Casa Civil do Governo do Estado do Paraná, 1997. Disponível em: <<http://celepar7cta.pr.gov.br/SEEG/sumulas.nsf/fcc19094358873db03256efc00601833/fa1887bf3d2ab76b03256e99006389e4?OpenDocument>>. Acesso em: 03 DEZ 2005.

PARANÁ. LEI COMPLEMENTAR Nº 59/91. Curitiba: Palácio do Governo, 1991. Disponível em: <<http://www.pr.gov.br/meioambiente/iap/pdf/lei5991.pdf>>. Acesso em: 03 DEZ 2005.

PARANÁ. PROJETO DE LEI Nº 477. Curitiba: Sala de Sessões, 2007. Disponível em: <http://www.liderancaptpr.com.br/principal/home/?sistema=conteudos|conteudo&id_conteudo=3346>. Acesso em: 10 SET 2007.

Pe. KOZLINSKI, D. **O Natal entre os ucranianos.** Disponível em: <<http://www.geocities.com/CollegePark/Union/2240/NATAL.HTM>>. Acesso em: 02 NOV 2006.

Pe. ZALUSKI, T. **Páscoa – celebrações litúrgicas e costumes populares**. Boletim Paroquial São Josafat, Órgão Informativo. Prudentópolis, 2000.

PIRES, P. dos S. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MALLET. **Diagnóstico do Faxinal Lageado de Baixo**. Mallet: [s.n.], 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO AZUL. **Relação dos proprietários e pessoas que se utilizam do criador em comum da comunidade de Lageado dos Mellos, município de Rio Azul**. Rio Azul: [s. n.], 1998

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RESERVA PATAXÓ DA JAQUEIRA / ASSOCIAÇÃO PATAXÓ DE ECOTURISMO. Disponível em: <<http://www.rabarsa.com/pataxo/inicial.html>>. Acesso em: 19 MAI 2007.

RESILIENCE ALLIANCE. Disponível em: <www.resalliance.org>. Acesso em: 08 DEZ 2007.

SAMPAIO, C. A. C. **Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SAHR, W. D.; LÖWEN SAHR, C. L. A imagem turística cultural do planalto dos Campos Gerais. In: DITZEL, C. de H. M. FERREIRA; LÖWEN SAHR, C. L. **Espaço e cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 393-413

SEBRAE. Case: o agente da gente da Bahia / SEBRAE – o agente de gente da Bahia. Disponível em: <http://www.2pontos.com/advb/site2006/cases_detalhe.asp?Id=25>. Acesso em: 19 MAI 2007.

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO – SEAB / DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL - DERAL. **Perfil da agropecuária paranaense**. Curitiba: [s. n.], 2003.

SIEKLICKI, M. **Atualizações do Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural e do Inventário turístico: Mallet - PR**. Mallet: [s. n.], 2007. No prelo.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel / SESC, 2001.

VIOLÊNCIA CONTRA FAXINALENSES NO PARANÁ FAZ MAIS UMA VÍTIMA. Disponível em: <http://www.terradedireitos.org.br/index.php?pg=conteudo&tema=4&conteudo_id=760&tipo=1>. Acesso em: 10 SET 2007.

WOUK, M. **Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucráína de Dorizon.** Curitiba: Projeto, 1981.

b) FONTES ORAIS

ANTONIV, V. Informação fornecida à autora [24 de junho de 2006]. Faxinal Lageado dos Mello, Rio Azul.

FIRMAN, A. Informação fornecida à autora [25 de dezembro de 2006]. Faxinal Lageado dos Mello, Rio Azul.

FIRMAN, A.; FIRMAN, C Informação concedida à autora [23 de junho de 2006]. Faxinal Lageado dos Mello, Rio Azul.

IANKOVSKI, V. Informação fornecida à autora pelo representante dos faxinais no Território Centro-Sul do Paraná e na Articulação Puxirão [23 de junho de 2006]. Faxinal Lageado dos Mello, Rio Azul.

LOGINSKI, E.; SOBENKO, Sérgio. Trabalho de campo realizado pela autora no “Mato Bom” acompanhada por Estefano, este atualmente reside em Curitiba, mas foi faxinalense e Sergio [17 de abril de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SEMBAI, E. Informação fornecida à autora por um dos faxinalenses mais idosos da localidade [14 de abril de 2006]. Faxinal Lageado dos Mello, Rio Azul.

SIEKLICKI, M. A. Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná”, pelo funcionário da Prefeitura Municipal de Mallet, que nos acompanhou na visita a atrativos do Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural e nessa primeira saída de campo aos faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello [12 e 13 de dezembro de 2005]. Mallet.

SILVA, M. da. Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná” [12 de dezembro de 2005]. Mallet.

SKREPEC, C.; SKREPEC, L. Informação concedida à autora [23 de junho de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SKREPEC, L. Informação fornecida à autora por um dos faxinalenses mais idosos da localidade [23 de junho de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, J. Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná” [12 de dezembro de 2005]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, J. Informação concedida à autora [28 de abril de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, J. Informação concedida à autora [22 de dezembro de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, J. Informação concedida à autora [23 de dezembro de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, J. Informação concedida à autora [25 de dezembro de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, J. et al. Informação fornecida à autora pela família Sobenko [28 de abril de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, J. et al. Informação fornecida à autora pela família Sobenko [15 de abril de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, Sérgio. Informação concedida à autora [15 de abril de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, Sérgio. Informação fornecida à autora durante o trabalho de campo realizado no Faxinal Lageado de Baixo, para fazer a marcação com GPS dos pontos das casas, dos portões, mata fechada, estradas, entre outros [24 de dezembro de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, Sérgio. Informação concedida à autora, durante trabalho de campo no Faxinal Lageado dos Mello, que percorremos para marcar pontos com GPS [27 de dezembro de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, Sérgio; SILVA, J. R. da. Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná” [12 de dezembro de 2005]. Faxinal Lageado dos Mello, Rio Azul.

SOBENKO, Sérgio; SOBENKO, J. Informação fornecida ao Grupo de Pesquisa “O Sistema Faxinal e sua sustentabilidade enquanto forma de organização camponesa na região da Mata de Araucária do Paraná” [12 de dezembro de 2005]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, Sérgio; SOBENKO, J. Informação concedida à autora [15 abril de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, Sérgio; SOBENKO, J. Informação concedida à autora [26 de dezembro de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, Sônia. Informação concedida à autora [15 de abril de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

SOBENKO, Sônia; SOBENKO, Sérgio; SOBENKO, C. Informação fornecida à autora [23 de dezembro de 2006]. Faxinal Lageado de Baixo, Mallet.

TRINDADE, T. S. Informação fornecida à autora [23 de junho de 2006]. Faxinal Lageado dos Mello, Rio Azul.

APÊNDICE

Segue a descrição de cada atrativo turístico do “Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural”.

O “Criadouro Comunitário do Faxinal Lageado de Baixo” é uma Unidade de Conservação Municipal, de propriedade dos “(...) moradores da localidade onde criam seus animais em regime de criadouro comunitário, com cercas ao redor das suas residências...”. A área total do criadouro é fechada com cercas e “uma abertura no solo para evitar que os animais menores como porcos, cabritos, e outros saiam para fora da área do criadouro”. O acesso a partir da sede de Mallet se dá por meio de cinco quilômetros de rodoviário pavimentado e nove quilômetros de estrada municipal cascalhada. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 53-54) Os faxinalenses “vem desde a colonização do Município preservando o costume de criação de animais soltos aos arredores das propriedades, preservando a vegetação existente”. (SIEKLICKI, 2007) Existem treze residências, a Capela Nossa Senhora Rainha da Paz e a Associação União Agrícola Instrutiva do Lageado de Baixo.

A “Agropesca São Pedro” é uma propriedade que possui gado leiteiro e de corte, porcos, frango e galinha caipira, marreco, pato, lavoura de soja, milho e feijão, horta, reflorestamento de pinus e eucalipto. E apresenta área de lazer com dez tanques para pesca (tilápia, carpas, traíra, bagre, catfish, lambari, etc.), dois quiosques, churrasqueira, campo de futebol, quadra de vôlei, bancos, área para camping, local para estacionamento, água, luz, sanitários, trilha e cachoeira. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 168) São oferecidos passeios de carroça, charrete ou cavalo e refeições, com agendamento prévio, além de hospedagem na Pousada Jassanã. (SIEKLICKI, 2007)

O Pesque-pague São Braz possui vários açudes para pesca (tilápia, carpas, traíra, bagre, lambari, etc.), dois deles possuem bancos com cobertura. Além desta infra-estrutura, apresenta ainda churrasqueiras, bar, mesas de bilhar e tênis de mesa, campo de futebol e vôlei, campo de bocha, piscina, lago com chafariz e peixes ornamentais, gruta com imagens de santos, salão para festas, área para camping, estacionamento, etc. Também se encontra a pecuária, a agricultura, fruticultura e horta. São servidos café colonial e refeições, mediante agendamento. (SIEKLICKI, 2007)

O Recanto Baly tem diversos tanques para pesque-pague, churrasqueiras, lanchonete, mesa de bilhar, salão para eventos, piscina, “playground”, trilhas, “pista de velcros e motocros”, área para camping, estacionamento. Os proprietários também se dedicam à agricultura, fruticultura, horta e pecuária. Além de fornecer refeições, passeios de carroça e cavalo, mediante agendamento. (SIEKLICKI, 2007)

O “Sítio São Miguel” é uma propriedade destinada à fruticultura, uva, pêssego, ameixa e caqui, que são comercializados no local. Além de vinho, suco de uva, doce de caqui, doce de laranja, geléias variadas, pêssegos em calda, entre outros. A Cantina Tratz pertence ao senhor Metrofano Tratz, com sete mil e trezentas mudas de uva e produção de vinho artesanal comercializado em garrafas de cinco litros, em sua residência. Sua propriedade é dedicada a agricultura familiar, produzindo uva, morango, pêssego, ameixa, caqui, além de doces, sucos, geléias, etc. são comercializados na sede do município (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 134-135, 181). A propriedade Tratz é de propriedade do irmão de Metrofano Tratz e também comercializa vinho, mas é voltada à produção de fumo. (SIEKLICKI, 2007)¹¹⁷

¹¹⁷ Informação fornecida à autora por Mário Aleixo Sieklicki, em 25 de setembro de 2007.

A propriedade “Grenteski & Tomal” oferece verduras, produtos coloniais e café colonial, somente sob encomenda, com produção artesanal de bolachas, salame, conservas, sucos, geléias, doces, compotas, etc. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 180)

A “Vila Rural São João Maria” possui vinte e seis casas e as famílias dedicam-se a produção de hortifrutigranjeiros, produtos de panificação, vassouras e sabão em barra. Há uma estrutura com sala, cozinha, pequeno almoxerifado e banheiro, destinada a reuniões, cultos religiosos e lazer. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 137)

As “Frutas Drevnowski” fornecem a atividade do colha e pague, além de produzir vinho e mel. A propriedade “Romanichen” oferece comida típica polonesa, com pierogui, barszcz, bigos, piernik, etc. e a venda de produtos como sucos, cervejas caseiras, bolachas, mandiochips, compotas, conservas, doces, salgados, geléias, legumes e verduras. E o “Sítio Kowalczyk” serve café colonial e comercializa verduras, legumes, salgados, doces, conservas, bolachas, compotas e geléias. (SIEKLICKI, 2007)

A Unidade de Conservação do Faxinal Lageado de Baixo aparece também aqui como atrativo. Possui vegetação de grande e médio porte, com “pinheiros araucária, branquinho, erva-mate, pimenteira, juvevê, gavirova, orelha-de-mico, bracinga”. Além da criação doméstica, existem animais como “pacas, cotias, tatus, diversos pássaros e outros”. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 53-54) No final do Faxinal Lageado de Baixo, encontram-se quatro quedas de água. Junto à barragem que desvia água do Rio Braço do Potinga para a empresa Popasa, há um salto de 10 metros de altura e, após percorrer 1000 metros rio abaixo, encontra-se outro salto com a mesma altura e “14 metros de profundidade. Neste salto, encontram-se agrupamentos de pedras soltas, com algumas arredondadas, o que propicia a procriação de mexilhões, sendo visível na margem”. Depois do salto, existem três cavernas. O acesso mais fácil é pela estrada de Rio Azul até a Popasa. (SIEKLICKI, 2007)

A “ARIE-Reserva Althea” caracteriza-se como uma Unidade de Conservação Estadual, sendo considerada Área de Relevante Interesse Ecológico. Foi criada em 1989, em comemoração ao centésimo aniversário de batismo dos ucrainos, pertence ao estado é administrada pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP). Possui uma grande biodiversidade de flora e fauna, a maior parte da área é de caráter secundário, com vegetação de pequeno e médio porte, seis nascentes e uma lagoa. Possui ainda uma área de caráter primário, com árvores de grande porte, três nascentes, quatro cursos d’ água e uma cachoeira. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 52)

Os “Morros Pelado”, “dos Vidal”; “dos Canudos” e “Bordun” encontram-se distribuídos pela Área de Proteção Ambiental do município, desde a Colônia Dúlcio até a Viscinal 10 e 11. Devido à formação rochosa e à pequena camada de solo fértil, sua vegetação é de pequeno porte. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 24-25)

O “Salto do Tombo” localiza-se em Santa Cruz do Rio Claro, na propriedade do senhor Renato Bloski. É o maior salto do município, com setenta e quatro metros de altura, numa área de setenta e cinco alqueires de vegetação nativa, com árvores de grande porte como “Araucária”, “Imbuia” e “Canela”. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 47)

As “Quedas d’ água de Trombudas” estão localizadas no Faxinal dos Trojan, são um dos atrativos mais visitados por apresentar as opções de banho, pesca, caminhada em trilha, bóia cross (descer corredeiras de rios, com uma bóia), rapel

(descida por obstáculos, com cordas ou cabos apropriados), etc. Com uma extensão de aproximadamente dois quilômetros e meio, circundadas por espécies vegetais e animais nativas, apresentam muitos saltos, cinco deles com mais cinquenta metros de altura, vários poços, sendo o “Poço da Miséria” o mais utilizado para banho, pois tem areia nas suas margens, em que há uma grande utilização para camping. O rio faz parte de um cânion, por um quilômetro e meio. Também existem rochas e córregos (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 30). O local está distante 12 quilômetros da sede do município, o acesso é por estrada municipal cascalhada e mediante pagamento da taxa de R\$ 2,00, possui lanchonete, quiosques com churrasqueiras, “playground”, área para a prática de voleibol ou futebol, açudes para pesque e pague (tilápia, carpa, bagre, traira, etc.), área para camping e, futuramente, serão construídos chalés. (SIEKLICKI, 2007) No passado esta localidade também se estruturava no “Sistema Faxinal”.

O “Salto Iracema” está localizado no Lajeado e é um dos locais que recebe o maior número de visitantes no município, que nele buscam pesca, banhar-se, passear, entre outros. Para se chegar ao salto de oito metros de queda existem trilhas. O rio tem mais de vinte e cinco metros de largura. Próximo há uma estação de captação de água sulfurosa, além de ruínas de uma hidrelétrica. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 28)

O “Salto do Vicinal 11” encontra-se na propriedade do senhor Antônio Trajano da Silva. Possui quarenta e oito metros de altura e parte dele se transforma em névoa durante a queda. Por seu baixo volume de água apresenta potencialidade para a prática do rapel. Além de um mirante natural, em que se pode observar grande parte do município, como as localidades: Dorizon, Rio Claro do Sul, Três Barras (SC) e Serra da Esperança. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 31)

O “Salto Letzko” localiza-se na Viscinal 2, possuindo uma queda de água de quinze metros. O “Salto Zagurski” está localizado na Colônia 5, na propriedade da família Zagurski, apresenta quatro saltos de dois metros de altura, cinco metros, um metro e meio e dois metros, respectivamente. O “Salto Baran” localiza-se na Colônia 5, na propriedade do senhor Lauro Baran, que têm uma queda de água de cinco metros de altura. O “Salto Grzelczak” localiza-se na Colônia 1, na propriedade do senhor Eduardo Grzelczak, que têm duas quedas de aproximadamente seis metros de altura. O “Salto Braço do Potinga” está localizado na Colônia 5, na propriedade do senhor José Carlos Czapak, que possui uma queda de dois metros de altura. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 32, 38, 40, 41)

No “Hotel Fazenda Hidromineral Dorizzon” encontra-se uma fonte de água mineral sulfurosa e uma estrutura com torneiras, é permitido o acesso das pessoas interessadas em seu consumo. “A água mineral sulfurosa vem do ácido sulfúrico, rica em propriedades terapêuticas, indicada para as moléstias do fígado, intestino, rins, circulação sanguínea, entre outros.” (SIEKLICKI, 2007) Ela é distribuída no interior do Hotel para chuveiros, piscinas, sauna, cozinha, etc. A “Gruta Nossa Senhora de Lourdes”, localizada em Rio Claro do Sul, possui a imagem de Nossa Senhora de Lourdes e uma nascente de água (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 50-51, 63). A “Gruta Chovedeira” eu não encontrei sua descrição, na bibliografia a que tive acesso.

A “Caverna Kovalski” localiza-se na propriedade da senhora Olga Kovalski, sendo formada por argila e folhelho. Sua entrada possui dois metros e meio por dois metros e uma profundidade de três metros. No seu interior, essa abertura aumenta e depois se afunila em direção aos fundos e encontram-se morcegos. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 61)

A “Igreja São José” foi idealizada pelo Pároco Monsenhor Pedro Busko, que construiu uma olaria para produzir os tijolos e telhas para sua construção, em 1951. Esta construção foi em alvenaria substituindo outra em madeira. Em estilo ucráino, ela apresenta pinturas em seu interior. Posteriormente, foram construídas a casa do padre, a escola e o asilo. Em 1998 construiu-se uma rampa e um campanário com três sinos, os maiores do Paraná. Possui ainda uma gruta na parte externa com a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. A Festa de São José é realizada em janeiro. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 93)

A “Igreja Sagrado Coração de Jesus” localiza-se na área urbana. Em estilo ucráino, sua construção ocorreu entre 1918 e 1931 e, em 1951, foi ampliada. Suas imagens foram pintadas por Antônio Petreký. Possui um campanário com três sinos, um pavilhão para festas com cozinha e churrasqueira e a gruta com uma imagem de Nossa Senhora. A festa do padroeiro da Igreja Sagrado Coração de Jesus é em outubro. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 88)

Também na área urbana, a “Igreja São Pedro” possui estilo polonês e foi inaugurada em 1951, anteriormente ela era de madeira. Nos fundos, há o maior pavilhão para festas do município. A partir de 1967 é assumida pelos padres da Sociedade de Cristo, visando atender os imigrantes poloneses. É festejado o dia do padroeiro do município, São Pedro, em julho. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 87)

A “Igreja São Miguel Arcanjo” é a Igreja Ucráino-Católica mais antiga do Brasil que ainda preserva sua construção original. Existe uma réplica sua no Parque Tingüi, em Curitiba. Sua construção foi iniciada, aproximadamente, em 1899 e concluída em 1903. Possui paredes triplas, em que as madeiras foram encaixadas, utilizando-se poucos pregos e apresenta vinte metros de altura, quinze de comprimento e doze de largura, sendo coberta com telhas de madeira e de barro. No seu interior, existem pinturas de São Nicolau, São José, Nossa Senhora, além de outras imagens. No altar fica a imagem de São Miguel Arcanjo e os tecidos para cobrir o altar e as mesas têm bordados em estilo ucráino. Nas proximidades desta, existe um campanário com três sinos, um cemitério e um pavilhão para festas. O padre Nicon Rozdolsky encontra-se enterrado nesse cemitério. A festa do padroeiro São Miguel Arcanjo, é realizada em novembro. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 91-92)

A “Igreja Divino Espírito Santo” encontra-se no mesmo local onde foi construída a primeira igreja ucráina do Brasil, em 1897, sobre a responsabilidade do Padre Nicon Rozdolsky e com doações das famílias das colônias. Em um mês o terreno foi aplainado e a madeira foi serrada e transportada. No dia quatorze de fevereiro de 1897, o padre fez o benzimento do local e em cinqüenta e cinco dias foi construída a igreja. Em onze de abril do mesmo ano, Padre Nicon fez a benção da igreja e celebrou a Santa Missa. Mas, não resistiu ao passar do tempo e, em 1950, teve que ser substituída por outra. Depois, novamente houve uma substituição e a atual igreja foi inaugurada em dezoito de maio de 1997. Possui pinturas de Igor Pelech e no seu campanário existem dois sinos. Há um pavilhão para festas com cozinha, churrasqueira e banheiros, botequim, um clube cuja construção é em madeira e uma gruta com diversas imagens.

A Festa do Divino Espírito Santo realiza-se em maio. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 90)

O “Santuário Diocesano de Nossa Senhora do Rosário” encontra-se na sede do Distrito de Rio Claro do Sul. Primeiramente, havia uma capela construída pelos bandeirantes, que foi substituída pela Igreja Nossa Senhora do Rosário, em madeira, com uma torre de cinqüenta metros. Hoje, no mesmo local está a Igreja

Matriz, em alvenaria, com estilo polonês. Tem um pavilhão para festas, um palco com cobertura e a casa paroquial. Em 1997, foi escolhida como santuário e todo ano existe a romaria diocesana, com milhares de fiéis da região. Realiza-se a romaria diocesana ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário, em outubro. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 95)

No “Grupo Folclórico Polonês Mazury” participam crianças, adolescentes e jovens adultos que se apresentam em vários municípios. Surgiu em 1993 e os ensaios ocorrem todos os sábados. O “Grupo Folclórico Ucraino Spomen” é formado por jovens que também se apresentam em diferentes municípios. Em 1997, retornou suas apresentações, após um período que permaneceu desativado, além da criação do grupo infantil com trinta crianças. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 128-129)

Nas festas das igrejas São Miguel Arcanjo, São José, Divino Espírito Santo e Sagrado Coração de Jesus encontram-se pratos típicos da culinária ucraina e das igrejas São Pedro e Nossa Senhora do Rosário, da culinária polonesa. Então, essas festas são atrativos turísticos culturais, religiosos e de lazer, sendo uma oportunidade para o turista participar de manifestações culturais das populações locais e apreciar a gastronomia das etnias polonesa e ucraina, já que no município de Mallet, os restaurantes não servem esses pratos típicos. A “Festa do Kiwi” e a “Festa da Ameixa” também servem alguns pratos típicos poloneses e ucranios. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 114-117, 150, 151)

Sobre o artesanato típico ucraino e polonês, entre outros tipos de artesanato, podem ser encontrados na “Feira de Páscoa” e “Feira de Natal”, com dois ou três dias de antecedência das datas comemorativas, na Rua Vicente Machado, e ocasionalmente em outras feiras, festas populares e religiosas, no Hotel Estância Hidromineral Dorizzon, na Floricultura Açucena, na Banca e Papelaria Dó Ré Mi e no Conselho Tutelar. Na comunidade “Faxinal dos Trojan” encontram-se artesanatos feitos com lã de carneiro. Existe também um “Grupo de mulheres artesãs” que trabalham com artesanato em palha e produtos coloniais, no Bairro dos Lima, produzindo chapéus, bonecos, fruteiras, cestos, caixas, tapetinhos, etc. Esse tipo de artesanato também pode ser encontrado na Vila Rural São João Maria, na Colônia 2 (Dorizon), na Emater/Seab, no Centro Social Rural e no Centro de Convivência para Menores. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 130-131, 179, 180)

Em relação à arquitetura, destaca-se a residência de Julio Monczak, na Colônia 5. Trata-se de uma casa em arquitetura ucraina, construída em 1948, com madeira serrada manualmente, que possui detalhes e lambrequins, sendo cercada por varandas. Tem sete cômodos, dois deles estão no sótão. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 76)

Outra edificação de destaque é a que abriga a Prefeitura Municipal. Esta edificação tem dois andares, sendo que na parte inferior está a sede do poder executivo e na superior, o poder legislativo. Sua construção teve início em 1912, mas só foi inaugurada em 1922. Nela funcionou a delegacia de polícia, o poder executivo e o Fórum. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 64)

O Hotel Fazenda Hidromineral Dorizzon possui uma área arborizada, a margem do Rio Claro, oferece recreacionistas, piscinas, sauna, banho de lama, massagem, quadras para prática de esportes, academia de ginástica, “playground”, passeios a cavalo, pesca, bóia-cross, muro de escalada, bar, restaurante, entre outros serviços. (SIEKLICKI, 2007) Além de sala para convenções, estacionamento coberto, apartamentos com ar condicionado, frigobar, televisão e telefone. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 153)

O Parque dos Imigrantes possui uma área arborizada, com árvores nativas e outras plantadas, localizando-se as margens do Rio Charqueada. Possui ainda “playground”, quadras de areia para futebol e vôlei, pista para caminhada e ciclismo, área de descanso, bancos, quiosques com churrasqueiras, estacionamento, lixeiras, etc. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 165).

A Represa Rio Bonito é procurada para banho, pescaria, passeios de bote, caiaque e canoagem. O Recanto do Rio Bonito possui estacionamento, sanitários, churrasqueira, mesas, botequim, local para jogos de futebol e voleibol e salão para realização de bailes (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p.166). “Uma represa de madeira corta o rio para direcionar parte do volume de água em um canal para a roda d’ água”. (SIEKLICKI, 2007)

O Centro de Tradições Gaúchas Brasido da Tradição possui área verde com cancha para atividades campeiras, sanitários, refeitório, lanchonetes, churrasqueiras com mesas e bancos, barracas para venda de bebidas, além de produtos coloniais. Tem área coberta para apresentações artísticas, área para camping, sede dos organizadores do evento, etc. (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 172).

Além destes, constam ainda as seguintes propriedades dedicadas ao Pesque-pague: Ogradoski, Bielac, Bozek, Davies e Guerino.

A Represa Rio Bonito, além da própria represa, tem como atrativo um moinho colonial. A barragem do Rio Bonito, juntamente com uma roda d’ água, foram construídas para mover um moinho de cereais, mas nunca foi utilizado. Atualmente é uma área de lazer. A Represa Rehbein apresenta estrutura semelhante. O moinho foi construído manualmente por Osvaldo Rehbein. Localizado no Rio Claro, há uma represa para que a força da água seja direcionada para roda d’ água. Apresenta sua estrutura original em funcionamento e o moinho move o descascador de arroz, além do moinho que faz o beneficiamento do milho, trigo e centeio (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 106-107, 142).

A Serpasta possui uma barragem no Rio Claro, que desvia água para quatro turbinas, uma delas gera energia elétrica, sendo a empresa auto-suficiente em energia. As outras três turbinas servem para os desfibradores de madeira de pinus. A Empresa Sepac é uma fábrica de papel e celulose. Possui uma barragem construída em 1946 e dois geradores, que pertencia ao senhor Henrique Franqui e fornecia energia elétrica para o município. Quando chegou a energia elétrica da Usina de Itaipu, deixou de funcionar. Permaneceu desativada por muito tempo e, atualmente, a estrutura foi recuperada e gera energia para o tratamento de resíduos produzidos pela empresa (GRENTESKI; SIEKLICKI, 2002, p. 141 - 144).